



ALERTA

Consumo de ultraprocessados por crianças chega a 83% na PB

Além do índice preocupante, estudos comprovam a presença residual de agrotóxicos nesses produtos. **Página 6**

Foto: Marco Pimentel/Secom-PB



Nova classificação reconhece a existência de montanhas no estado

Redefinição, que começou a ser feita em 2019, alterou os critérios históricos, passando a considerar as formações que têm 300 m ou mais em relação à sua área circunvizinha. É o caso do Pico do Jabre (foto), que tem altura de mais de 1.200 m e está localizado na Serra de Teixeira, no município de Maturéia.

Página 20

■ “No tempo em que essas rosas me apareceram, ainda não existia *internet*. Eu também ainda não tivera motivação súbita de saber de onde vêm essas rosas”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Quem conhece a trajetória do autor, sabe do elemento essencial no ato de pensar. Salomão não doura a pílula, mas não se compraz com falácia”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11

■ “Para quem busca oportunidade, a estratégia deve ser dupla. Primeiro, aperfeiçoar as técnicas. Segundo, lapidar o comportamento”.

João Bosco Ferraz

Página 17

Foto: Marcello Casal Jr./Agência Brasil



Incidência de raios neste início de ano já supera o total registrado em 2025

Levantamento do Grupo Storm, feito em parceria com a Energisa Paraíba, documentou 271.804 descargas atmosféricas no estado, de janeiro a abril.

Página 7

Reestruturação de malha fundiária assegura direitos a famílias paraibanas

Ações coordenadas entre os governos Estadual e Federal garantem moradias a centenas de pessoas no campo e na cidade.

Página 13

Helio de la Peña apresenta solo de comédia no Teatro Ednaldo do Egypto

Humorista exhibe o espetáculo de *stand-up* *Preto de Neve*, hoje, às 20h. Os ingressos variam de R\$ 30 (meia) a R\$ 60 (inteira).

Página 9

Colecionador guarda mais de 500 relíquias do cangaço em casa

Morador do Sítio Caiçara, em Nazarezinho, Ramon Batista mantém itens como facas, chapéus, moedas e até oratórios.

Página 25

Conheça histórias de goleiros que brilharam

Foto: Rubens Chirri/São Paulo

Na data em que se comemora o Dia do Goleiro, o jornal **A União** relembra curiosidades e homenageia personalidades que marcaram época no futebol, entre eles Rogério Ceni (foto), que se tornou o maior goleiro-artilheiro da história, com 131 gols na carreira.

Página 21

Editorial

De volta ao pódio

Fatos recentes, registrados no Brasil, mostraram que as previsões feitas anos atrás, dando conta da falência do livro impresso — e, portanto, dessa modalidade de leitura — não se confirmaram, ao menos no espaço de tempo estimado. As vendas de livros de papel estão em alta, e a agenda de eventos relacionados ao suporte tradicional da leitura está, a cada dia, mais robusta, para alegria de quem escreve, quem edita, quem vende e quem consome.

No início deste mês, o 2º Painel do Varejo de Livros no Brasil, pesquisa coordenada pela Nielsen Book e divulgada pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), revelou que, no segundo período deste ano, o setor registrou “um crescimento de 14,9% em volume, com a venda de 4,8 milhões de livros, e de 11,6% em valor, alcançando uma receita de R\$ 268,7 milhões, em comparação ao mesmo período do ano anterior”.

Já o Mapa dos Eventos Literários do Brasil, lançado pelo Ministério da Cultura (MinC), dentro da programação da Bienal do Livro da Bahia, encerrada na terça-feira (21), em Salvador, reúne 380 verbetes, associados a eventos como feiras, festas, bienais, festivais, saraus e circuitos literários. De acordo com a Agência Brasil, o MinC “aposta na construção colaborativa para ampliar esse retrato da produção cultural brasileira”.

Por meio de sua nova ferramenta estratégica, o MinC se propõe a construir um elo nacional, unindo territórios, agentes culturais e o público leitor. Outro objetivo interligado é proporcionar subsídios concretos para a formulação de políticas públicas singulares, direcionadas ao livro e à leitura. Além das conexões setoriais previstas, o mapa também chega para oportunizar maior visibilidade aos eventos que já acontecem no país.

Com tudo isso, o formato digital não pode nem deve ser negligenciado, sendo mais um importante aliado das políticas de valorização do livro e de incentivo à leitura. E esse setor não está mesmo refratário. O Ministério da Educação, por exemplo, acaba de anunciar que o acervo do MEC Livros — plataforma digital de acesso gratuito, no Gov.br — será robustecido com 17 mil novos livros, de autores brasileiros e de outros países.

Em resumo, tudo conspira para uma evolução positiva do livro e da leitura, no Brasil. Esse avanço favorece a economia, mas fortalece, principalmente, os campos iluminados da cultura e da educação, por intermédio desse que é uma das maiores invenções da humanidade, desde que aprendeu a se expressar, também, pela escrita, ou seja, o livro. Que haja mais inclusão social e a leitura se transforme num hábito verdadeiramente nacional.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Protagonismo dos trabalhadores

Não há como negar que o sindicalismo brasileiro vem, há algum tempo, enfrentando grandes desafios, especialmente nas lutas em defesa da CLT e dos direitos sociais garantidos pela Constituição.

Nos últimos anos, reformas trabalhistas têm atacado de forma significativa as relações de trabalho e a organização sindical. Não se trata de uma tarefa fácil, ainda que esteja à frente da nação alguém comprometido com essas causas, egresso do movimento sindical. Lamentavelmente, o Parlamento é atualmente composto por lideranças políticas não apenas resistentes, mas, em muitos casos, refratárias a mudanças progressistas, frequentemente alinhadas aos interesses das elites dominantes.

Percebe-se claramente que uma maioria conservadora no Congresso está disposta a promover medidas que reduzam o custo da força de trabalho, com o objetivo de ampliar os lucros do patronato. Nesse contexto, as centrais sindicais têm a responsabilidade de buscar unidade, somando esforços para enfrentar o grande capital, que se encontra cada vez mais organizado.

Os sindicatos precisam retomar o protagonismo que tiveram a partir do surgimento do Novo Sindicalismo, no ABC paulista, sob a liderança do metalúrgico Lula da Silva, quando ofereceram contribuição decisiva ao processo de redemocratização no período pós-ditadura militar. Com a chegada do neoliberalismo ao Brasil e, posteriormente, após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, foi implementada uma agenda de retrocessos, com medidas voltadas à precarização e flexibilização dos direitos trabalhistas. Isso resultou no enfraquecimento da negociação coletiva e do movimento sindical, ao permitir, em diversos temas, a prevalência de negociações individuais. Esse cenário foi agravado pelo impacto das novas tecnologias no mercado de trabalho, contribuindo para o aumento do desemprego.

Diante de uma organização fragmentada, torna-se extremamente difícil enfrentar os desafios impostos pelo modelo econômico neoliberal. O movimento sindical brasileiro precisa retomar seu papel de protagonista na construção das bases para a reconstrução do país, adotando uma pau-

ta unificada da classe trabalhadora.

É necessário, também, combater práticas antissindicalistas, inclusive dentro de algumas categorias profissionais que, há décadas, mantêm a mesma composição em suas direções, sem renovação de lideranças.

Essa falta de renovação tem se mostrado um obstáculo à inovação e à implementação de reformas, contribuindo para o enfraquecimento dessas entidades. Ainda assim, categorias como bancários, metalúrgicos e professores permanecem combativas, mantendo consciência de classe, capacidade de mobilização e uma sólida base social de sustentação.

Não há democracia sem sindicatos fortes. Para isso, é fundamental que estejam alinhados a forças partidárias que atuem como suas representantes no Congresso, defendendo propostas que atendam às demandas da classe trabalhadora e se oponham a iniciativas contrárias aos seus interesses.

É imprescindível e urgente a construção de uma ação unificada entre trabalhadores e trabalhadoras, representados por sindicatos que compreendam a necessidade de renovar suas estratégias e enfrentar o cenário adverso atual. Que a principal bandeira de luta continue sendo a melhoria substancial das condições de vida da classe trabalhadora no Brasil.

“

Os sindicatos precisam retomar o protagonismo que tiveram a partir do surgimento do Novo Sindicalismo, no ABC paulista

Foto Legenda

Roberto Guedes



Voo imóvel

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

As rosas de Malherbe

Tio... Que voz é essa, quem será? E contive a pergunta para evitar as suspeitas de leseira tão comuns em interlocutores de minha idade. Ouvi, então, o que jamais poderia suspeitar na vertigem destes dias em que só as mangas de Livramento, burgo insulado ali à beira do Gargaú, insistem em manter seu tempo e a delícia original dos seus sabores mesmo em fim de safra.

Livramento, suas mangas e sua igreja, tão simples, tão despojada de ornatos monumentais que, por isso mesmo, mais se acentua a sua beleza natural.

“Tio... Que rosas de Malherbe são essas?”, foi bem o que escutei. E não me achei em tempo de indagar por que essas rosas agora, a ânsia tão em cima e as rosas tão distantes, há mais de três séculos feneceadas!

Fala-me a “sobrinha”, filha de uma amiga, da aflição penada há um mês pelos de sua casa — mãe, pai, e por ela, principalmente — com a morte da irmã a ela encostada, descida ao seio da terra em seus dezesseis anos! E, dentre as mensagens de consolo — confessa —, vem à tona a que fala das tais rosas de Malherbe... “Que rosas são essas, preciso saber”.

No tempo em que essas rosas me apareceram, ainda não existia *internet*. Eu também ainda não tivera, graças a Deus, motivação súbita e direta de saber de onde vêm essas rosas. Mas não fiquei infenso quando, pela primeira vez, as vi invocadas numa crônica de pesar dedicada por Juarez Batista a um amigo em circunstâncias iguais às dos versos desse Malherbe.

Juarez, como o primo Virginius, herdaram do ancestral erudito, dr. Antônio da Gama e Melo, não só a biblioteca que ornava as quatro paredes do sobrado desse grande exemplar de homem público e de correção moral, de uma mesma estatura fosse simples cidadão, professor do Liceu, intelectual ou governador do Estado. Sobrinhos e tios da mesma rua e certamente da mesma biblioteca.

Talvez seja eu um dos últimos entre os velhotes desta cidade que ainda acredita e espera — igual à fachada sem coberta que ainda se mantém em pé — venha o sobrado de tantos significados a ser restaurado.

“

Talvez seja eu um dos últimos entre os velhotes desta cidade que ainda acredita e espera venha o sobrado de tantos significados a ser restaurado

Como não tive uma Dona Maury, privilégio dos liceanos Carlos Pereira de Carvalho e Martinho Moreira Franco na paixão pelo francês da professora, foi preciso esperar pela antologia salvadora de R. Magalhães Junior para sentir, de forma indelével, como uns versos sem rima encomendados para uma dor do ano de 1600 estendam seu sortilégio às dores e desconsoles de todos os tempos.

A tradução de Modesto de Abreu foi a preferida pelo antologista. Tudo tão sutil na breve manhã!

*“E não ouse tentar, infortunado amigo aliviar-te a pena (...)
Mas... pertencia ao mundo, onde as mais belas cousas
Têm vida curta e vã;
Suponhamos, porém que, ouvidos teus lamentos,*

*Lograsse ela alcançar
Longa vida e adiar seus últimos momentos
Que iria ela lucrar?
E, rosa, ela viveu o que vivem as rosas:
uma breve manhã.”*

São dezesseis estâncias, quatorze das quais servem de jarro para o eterno viço das “rosas de Malherbe”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br



Fotos: Leonardo Ariel

Os cortes especiais da carne de cabras e carneiros garantem muito mais valor agregado ao produto exposto para a venda

CAPRINOS E OVINOS

Pesquisa muda a forma de criação e abate na Paraíba

Técnica aumenta em 100% o valor de venda, beneficiando os criadores do estado

Bárbara Wanderley
 babiwanderley@gmail.com

Uma pesquisa desenvolvida na Paraíba, há mais de 20 anos, mudou a forma de criação, abate e corte de carne em caprinos e ovinos no estado. O resultado aumenta em 100% o valor de venda, beneficiando os criadores de cabras e carneiros que têm acesso às técnicas que são passadas adiante pela Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer).

O chefe da estação da Empaer em Soledade — local onde ocorreu a pesquisa —, Leonardo Torreão, explicou que o projeto foi iniciado no ano 2000, com a importação de embrião de caprinos e ovinos de corte, oriundos da África do Sul. Na época, a responsável era a Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba (Emepa), que depois viria a se tornar Empaer. “Fizemos os cruzamentos industriais des-

ses animais com nosso rebanho mestiço. Então isso deu um ganho de peso valoroso, tanto em quantidade como em qualidade. Fez com que o cordeiro fosse abatido mais cedo”, explicou Leonardo.

Além disso, os cortes especiais da carne garantem muito mais valor agregado ao produto. “Antes vendia dianteira, traseira e costela no caprino novinho. Hoje não, hoje você vende o carré, pescoço fatiado, o pernil desossado, vários outros tipos de corte, em torno de 20 a 30. Então, a função maior dessa pesquisa foi essa”, concluiu.

Mais de 20 anos depois, a pesquisa continua dando frutos e o técnico da Empaer, Jorge Luiz Ramos, ainda promove capacitações para criadores interessados. Uma delas ocorrerá no fim do mês de abril, na exposição de animais do município de Umbuzeiro, no Agreste paraibano. “A Paraíba foi berço nacional de todas as inovações do melhoramento genético,

tanto do leite quanto da carne, tudo que tem hoje de bom no país nasceu aqui na nossa Paraíba”, afirmou Jorge Luiz.

Ele contou que a demanda pela orientação é alta e qualquer capacitação nesse sentido costuma lotar. “A demanda é grande também porque tem poucas pessoas trabalhando nessa área. Eu trabalhei muito no Senar [Serviço Nacional de Aprendizagem Rural] prestando serviço nesses cursos finais de semana e, se você disser que tem, você pode emendar os cursos que você não aguenta. A demanda é grande, agora faltam profissionais”, comentou.

Por outro lado, Jorge Luiz afirmou que o conhecimento sobre as técnicas ainda não chegou a todos e muitos produtores no interior permanecem sem saber que podem promover melhorias na criação, no abate e no corte das carnes que vendem. Por isso a importância de continuar divulgando os resultados dessa pesqui-

sa, mesmo tanto tempo depois. “O pessoal que está criando ovinos, caprinos, ainda não sabe como fazer. É uma atividade que tem poucos profissionais fazendo”, comentou. “Já tem mais de 10 anos que eu ministro curso, palestra sobre esse assunto, e o interesse da Empaer é transferir esse conhecimento para as novas gerações. Isso é importante, além de valorizar a carcaça, levar o conhecimento a toda essa juventude. Lá na estação de Pendência (em Soledade), nós temos um abatedouro-escola, onde a gente recebe muitos grupos de produtores e grupos de escolas também do município, de toda a região”, completou.

Jorge Luiz lembrou que há um abatedouro novo no município de Monteiro, no qual os profissionais foram orientados por ele, através da Empaer, e há mais dois ou três no estado de Pernambuco que também utilizam a técnica e fornecem para a Paraíba.

Cortes mais nobres podem chegar a R\$ 100

“É uma inovação tecnológica que o mercado hoje exige, os restaurantes, o consumidor. É sair daquele sistema nacional que é popularmente chamado ‘o quarto dianteiro’, ‘o quarto traseiro’, dentro da caprino e ovinocultura. A gente pode fazer até 25 cortes”, afirmou Jorge Luiz.

“Tradicionalmente, eu chego no mercado, qualquer corte que eu pegar, qualquer peça que eu pegar vai ser um preço. Mas quando você faz o corte, além de valorizar a carcaça, você desperta o interesse dos produtores”, completou.

Segundo ele, os cortes mais procurados são o carré de cordeiro, a paleta fatiada, a paleta desossada, o lombo fatiado, o lombo desossado, o pernil fatiado, o pernil inteiro e o pernil desossado. Há ainda a picanha, a carne para guisado e um corte de pescoço exclusivo, criado pelo próprio Jorge, que ele chama de “pescoço cariri”.

Os cortes mais nobres,

como a picanha e o carré, podem chegar a R\$ 100 o quilo, enquanto a peça genérica comprada na feira fica em torno de R\$ 38.

Importante destacar que a peça vendida na feira geralmente corresponde a um quarto do corpo do animal, sem distinção entre o tipo de carne contido ali.

Como os animais são pequenos na comparação com um boi, por exemplo, cada um rende apenas de 1,5 kg a 2 kg de carré, o que torna ainda mais importante essa valorização de cada pedaço da carne para tornar o negócio mais rentável para o produtor.

Jorge Luiz também ressaltou outro ponto importante abordado pela pesquisa: o abate precoce dos animais, de oito a 10 meses de idade, fazendo a produção circular mais rápido. Para ele, é possível extrair de 14 a 18 kg de carne de cada animal. “Se você não tiver uma carcaça de boa conformação, com certeza você não tem um produ-

to final excelente”, comentou, enfatizando a importância de utilizar as técnicas corretas na criação dos animais.

“Se você tem um sistema de criação já trabalhando com tecnologia, com as inovações, lá no fim, eu já vou receber a carcaça já com qualidade. Por exemplo, eu tenho um fornecedor que toda semana me manda, mas ele já sabe o padrão que eu quero. Assim, a qualidade, a questão do escore corporal, porque meus clientes são exigentes, aí, você tem que manter, porque não adianta você ter uma semana um produto bom e na outra não ter o produto com qualidade”, explicou Jorge Luiz, cuja família tem um açougue especializado em cortes de caprinos e ovinos, localizado no bairro do Geisel, que fornece tanto para restaurantes quanto para o consumidor final.

Serviço

Os criadores de caprinos e ovinos interessados em aprender as técnicas de cria-



Quando você faz o corte, além de valorizar a carcaça, você desperta o interesse dos produtores

Jorge Luiz

ção e corte, desenvolvidas a partir da pesquisa, podem entrar em contato com qualquer escritório da Empaer na Paraíba.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

Tudo é obra-prima e ninguém mais acerta o tom

Acordei hoje e, antes mesmo do primeiro gole de café, já fui informado de que o novo clipe da sobrinha da amiga da minha vizinha é uma obra-prima. Não era nem meio-dia, e o mundo já havia produzido algo genial, revolucionário e, claro, fantástico.

A culpa, imagino, é do marketing digital, essa fábrica incansável de superlativos em promoção. Parece que houve uma reunião secreta das redes sociais no qual se decidiu: “Ou você é um gênio incompreendido ou você é irrelevante”. O meio-termo, esse espaço aconchegante onde vive a grande maioria dos mortais e suas produções decentes, foi simplesmente abolido.

O fenômeno é curioso. Antigamente, chamar alguém de gênio exigia uma obra consistente, décadas de trabalho, talvez um piano de cauda e um olhar levemente transtornado. Hoje, basta postar um vídeo de trinta segundos descascando uma laranja com os dentes. “Genial!”, celebram os comentários. “Revolucionário!”, ecoam os compartilhamentos. A laranja, coitada, nem sabe que participou de um marco civilizatório.

O fantástico, então, nem se fala. Essa palavra já foi território de Kafka e dos livros de aventura de Júlio Verne. Agora, qualquer miojo com sabor novo é fantástico. A promoção do supermercado é

fantástica. O cachorro que aprendeu a sentar é, pasmem, fantástico. O adjetivo, outrora robusto, virou um cobertor fino que não aquece ninguém, mas todo mundo usa por falta de opção.

E o que dizer de revolucionário? A palavra mais pesada do cardápio. Revolucionário era o telefone, a penicilina, a roda (na primeira semana). Agora, um aplicativo que entrega pizza em quinze minutos é revolucionário. Uma escova de dente com cerdas azuis é revolucionária. A última atualização do software de anotações é, juro, “absolutamente revolucionária”. Seu

impacto na humanidade? Zero. Mas o título está lá, pendurado como uma placa de “vende-se”.

O resultado prático dessa inflação linguística é um caos semântico. Vivemos na era em que tudo é dez, e portanto nada é dez. Se o clipe da sobrinha da vizinha é obra-prima, o que dizer de Cidadão Kane? Se qualquer textinho de rede social é genial, o que resta para Machado de Assis? As palavras viraram moeda de hiperinflação: você precisa de um carrinho de mão de “fantásticos” para comprar um “legal”.

E o pior: perdemos a capacidade de nos maravilhar de verdade. Quando o extraordinário se torna cotidiano, o cotidiano se torna entediante. Você não consegue mais elogiar um trabalho honesto, um filme bom, um livro razoável, porque tudo já foi chamado de revolução genial fantástica na última hora. O superlativo virou o novo normal, e o normal, por sua vez, foi rebaixado a algo próximo do insulto: “Ah, é apenas bom? Que pena.”

Há uma saída? Talvez um movimento silencioso de resgate das palavras, uma resistência de quem ainda guarda o “gênio” para um ou dois nomes por século, o “fantástico” para aquela rara refeição ou viagem, a “obra-prima” para o filme que você assiste três vezes e ainda descobre um novo detalhe. Mas confesso que não tenho esperança. O algoritmo não gosta de moderação.

Até porque, se eu terminar esta crônica dizendo que ela é apenas razoável, escrita num dia comum, com alguns acertos e muitos defeitos... ninguém vai compartilhar. E, sem compartilhamento, uma crônica sequer existiu. Portanto, caro leitor: o que acaba de ler é, inegavelmente, uma obra-prima.

Genial, não? Fantástico. Revolucionário.

(Nota do autor: o café, este sim, estava apenas bom. Nem fantástico nem decepcionante. Apenas bom. E isso, convenhamos, já é uma raridade.)

Colunista colaborador



Foto: Divulgação/Funesc

Bia Cagliani

Presidente da Fundação Espaço Cultural (Funesc)

“Nossos artistas precisam ser valorizados, porque só assim teremos uma cultura forte”

Em entrevista, gestora reforça a prática de políticas afirmativas, municipalização e investimentos em equipamentos públicos

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Artista, bailarina, coreógrafa e educadora, Bia Cagliani assumiu a presidência da Fundação Espaço Cultural (Funesc) em fevereiro de 2023. A arte, para ela, é uma tradição familiar, que começou a trilhar aos 12 anos, ao lado dos pais, e continuou a desenvolver na gestão pública paraibana, ao integrar a gerência operacional de Difusão da Dança e a coordenação da Lei Aldir Blanc, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB). À frente da Funesc, a gestora reforçou a prática de políticas afirmativas, iniciativas de municipalização e investimentos na renovação de equipamentos públicos. Nesta entrevista ao jornal **A União**, a presidente avalia ações da administração e os dilemas da gestão estadual da cultura.

Entrevista

■ *Ao longo da sua gestão, quais têm sido os principais eixos de planejamento?*

Durante esses três anos à frente da Funesc, temos buscado, principalmente, ampliar o protagonismo feminino nas nossas atividades. A gente instituiu, desde a entrada em fevereiro de 2023, a paridade de gênero, por exemplo, nos editais, uma busca constante de um equilíbrio entre homens e mulheres. Também nos preocupamos muito com a municipalização das nossas ações, ou seja, a gente tenta chegar a locais onde a gente não necessariamente tem prédios físicos. A Funesc é formada por algumas instituições arquitetônicas, como o Espaço Cultural, o Theatro Santa Roza, o Teatro Santa Catarina, o Cineteatro São José e o Teatro Iracles Pires. Estamos em João Pessoa, em Cabedelo, em Campina Grande e em Cajazeiras, mas, para além disso, buscamos que nossas ações cheguem a várias cidades, independentemente de termos sede lá.

■ *A senhora tem uma longa trajetória ligada à arte. Essa vivência reflete-se de que forma nas decisões do dia a dia na Funesc?*

Ser artista também me faz estar no lugar de outros, saber o que eles estão pensando e as dificuldades que eles passam em alguns momentos, como quando a gente pega um edital ou uma proposta e vê aquela lista enorme de documentos que é preciso para se contratar alguém. Eu já estive nesse lugar, já tive essa dificuldade. Isso me dá um local mais empático nessa gestão, de se colocar no lugar dos grupos acerca dos desafios que a gente enfrenta enquanto artista. Quando mudam a legislação, a gente tem que correr atrás. Mesmo não sendo advogado, mesmo não sendo contador, o artista tem que se virar e entender um pouquinho de tudo para não ficar para trás. Esse é um diferencial dessa minha *persona* gestora: ter sido artista. Eu entendo tecnicamente como aquela arte se faz e os obstáculos que o artista enfrenta quando dialoga com o poder público.

■ *Gerir cultura envolve lidar com diversidade, identidade e diversas expressões da sociedade. Como a senhora enxerga esse papel da Funesc e, ao mesmo tempo, equilibra essa diversidade com a necessidade de organizar prioridades*

dentro da política pública estadual?

A Paraíba é múltipla. Ela não é formada por uma única manifestação cultural. Por isso, a Funesc precisa ter um diálogo muito próximo às diversidades de linguagens artísticas, de corpos e de pensamentos. É um desafio grande. Às vezes, quando vamos falar com um determinado grupo artístico, utilizamos mecanismos diferentes dos que usamos com um grupo de teatro da capital, composto por pessoas com terceiro grau completo. Tudo isso tem que estar muito claro. Na hora de fazer, por exemplo, um edital ou um vídeo de divulgação, há uma preocupação de termos essa representatividade. Sempre que a gente se reúne, a gente pontua essa necessidade: “Está faltando isso. Cadê? Cadê a manifestação negra? Cadê o pessoal da cultura popular?”. Tentamos representar minimamente essa amplitude da cultura nas nossas ações. Quando não é em um evento específico, acaba sendo em outro, porque realizamos várias atividades ao longo do ano, de uma diversidade imensa, tanto de linguagem quanto de objeto artístico.

■ *A organização do calendário cultural exige um diálogo com diferentes linguagens e públicos da arte. Como é feita essa seleção dentro da Funesc?*

Temos ações já consolidadas que acontecem em períodos específicos. No começo do ano, no mês da mulher, temos a Mostra Matriz, voltada às artistas femininas; em março, o Dia do Teatro; em abril, o Dia da Dança e o Festival de Música da Paraíba. A gente tem o Agosto das Letras, o Festival Pretitudes, o Prêmio José Lins do Rego. São muitas ações que já são calendarizadas, todas realizadas mediante edital. Ao mesmo tempo que a gente vê essa estratégia como uma forma democrática de acesso, a gente entende também que ela é limitadora em alguns aspectos. É um desafio para a gestão pública, encontrar mecanismos para ampliar esse alcance, mas a principal forma é mediante editais. Alguns possuem a comissão de seleção externa. Contratamos essa comissão para que ela faça a seleção desses grupos, desses artistas, dessas manifestações. Já outras são internas. Por exemplo, quando a gente lança edital para o Férias Funesc, que é uma ação para crian-

ças, geralmente a comissão é interna, porque a gente entende quais são os locais que serão utilizados, o que funcionou na edição anterior, o que a gente quer repetir nessa edição, que tipo de atividade já não cabe mais, porque o público não engaja. Antes de uma ação dessa, seja por edital, seja por curadoria, que seriam essas atividades que a gente não lança nenhuma chamada, nós traçamos algumas diretrizes. A maioria é buscar a diversidade, grupos que a gente não contratou, que estão com trabalhos mais recentes, como aconteceu na Mostra Matriz. Neste ano, como não conseguimos realizá-la por edital, fizemos uma curadoria pensando na territorialidade, de maneira que a programação tivesse uma diversidade racial. A gente teve artistas pretas, indígenas, brancas, LGBTQIA+. Há um tempo, realizamos um cadastramento de artistas e isso nos deu um banco de dados bacana para essa pesquisa, essa curadoria, pesquisando mesmo, indo atrás, fazendo a busca ativa desses artistas, desses trabalhos novos, desses grupos, para poder montar a programação específica para uma data.

■ *Houve um cuidado para tornar essas iniciativas mais acessíveis? Como os artistas locais têm recebido as ações recentes de editais e formações?*

Fizemos mudanças de forma gradativa. A principal delas foi a ampliação das ações afirmativas, principalmente com relação às mulheres. Não é uma legislação específica, mas eu entendo que, enquanto gestora mulher — e entendendo a dificuldade que é ser mulher e ser artista no mercado paraibano — a gente precisa de incentivo. A gente precisa de vagas garantidas nos editais. Temos diálogos com o nosso jurídico, para ver até onde podemos ir. Além disso, hoje, todas as inscrições são feitas via *internet*, de forma remota. Antes, era necessário pagar para se inscrever em um edital. Eu me lembro disso. A gente ficava na fila dos Correios, em um dos *shoppings* aqui da cidade — geralmente o último que fechava —, e encontrava quase todos os artistas da cidade nessa fila, no último dia, para postar um calhamaço de papel, com três cópias do projeto e vários anexos. Isso já deixou de acontecer há bastante tempo, e é uma mudança importante, porque facilitou o acesso. A gente gastava R\$ 100, R\$ 200 só para postar um material para a mesma cidade. Imagine quem estava no interior. Isso permite que toda a Paraíba chegue onde a gente está, que é na capital. Também fizemos a transição para a utilização da lei de fomento à cultura, a Lei nº 14.903/2024. Ela traz vários facilitadores para o artista, porque inverte um pouco a lógica de um edital comum. Antigamente, a gente fazia toda a análise documental para depois julgar se aquele artista tinha uma proposta bacana. A lei de fomento traz o oposto: você primeiro se debruça sobre o mérito, sobre a proposta, sobre a ideia. Depois, as pessoas têm direito a re-

correr, mediante a divulgação das notas. Posteriormente, pedimos a documentação só a quem vamos contratar. Essas burocracias servem para dar a segurança de que o dinheiro está indo para o lugar certo. Também disponibilizamos um contato para dúvidas, para aquela pessoa que não entendeu certo trecho do edital. De toda forma, a gente sabe que isso ainda é pouco, até porque existem locais sem acesso à *internet*, sem computador, sem um celular que dê para fazer a inscrição de casa. A gente louva iniciativas de parceiros nossos, como a Secult, que organiza os Birôs Criativos ao longo do estado justamente para auxiliar na inscrição desses artistas. Isso acaba beneficiando a Funesc e serve para minimizar um pouco as grandes diferenças que temos no Brasil e, principalmente, na Paraíba.

■ *Quais parcerias têm sido estratégicas para fortalecer e ampliar as ações da Funesc?*

Temos uma proximidade muito grande com a Secult. Eu e o secretário Pedro Santos conversamos sobre nossas ações e temos um alinhamento, o que acaba sendo bom para a cultura, porque evita uma disputa de protagonismo entre os órgãos. A gente entende que um complementa o outro. Uma parceria muito bacana é com a própria Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Realizamos o Festival de Música da Paraíba com a Tabajara FM e o Agosto das Letras com a Livraria A União e a Editora A União. Também executamos ações com a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana [Semdh-PB]: o Dia da Consciência Negra, o Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, o Dia da Visibilidade Trans, o Dia da Mulher. Uma tratativa mais recente e muito frutífera é com a Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer [Sejel-PB], especificamente com a Secretaria Executiva de Juventude. Participamos do Agosto das Juventudes e premiamos jovens escritores, com o edital Juventude nas Letras. Esses são os órgãos do Governo Estadual que a gente tem um trato mais próximo, mas também há um diálogo muito bom com o Instituto Federal da Paraíba [IFPB]. Com a Fundação de Educação Tecnologia e Cultura [Funetec-PB], que é vinculada ao IFPB, contratamos técnicos para o Cineteatro São José. A gente contratou nove técnicos para lá, por meio dessa parceria com a Funetec-PB, para colocar o espaço em funcionamento de vez, com cinema e apresentações regulares. A gente também tem muitas parcerias diretamente com a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba [UFPB].

■ *A Funesc administra equipamentos importantes, como o Museu José Lins do Rego, o Teatro Paulo Pontes, o Cine Bangüê e a Galeria Archidy Picado. Como tem sido o trabalho de manutenção e funcionamento desses espaços?*

Olha, é um grande desafio, porque a gente não está comprando pa-

pel, lápis ou copo descartável. Estamos falando, por exemplo, de um projetor de mais de meio milhão de reais, extremamente específico. E pode acontecer de chegar um equipamento de baixa qualidade que, tecnicamente, atende às especificações da licitação. A gente passou quase um ano em um processo licitatório desse tipo. Mas, dentro desses três anos, também tivemos muitas conquistas nesse aspecto. Conseguimos equipar bem o Cineteatro São José, tanto na área do audiovisual quanto na do teatro. Ainda faltam alguns ajustes, mas fizemos a aquisição de equipamentos de iluminação, projeção e computadores de última geração, justamente para poder exibir filmes. Também conseguimos renovar equipamentos no Cine Bangüê e no Theatro Santa Roza, por meio da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado [Suplan].

■ *Hoje, quais são os principais desafios da gestão cultural no estado?*

Chegar em todo mundo. Tem muita gente que não se sente pertencente. É um desafio, também, para a gente, dizer: “Sim, esse lugar é de vocês”. É um desafio a gente divulgar para que mais gente saiba que a Funesc, a cultura, as manifestações artísticas e os próprios editais que a gente lança são para todos e todas, não só para quem mora em João Pessoa. Chegar mais longe, chegar aonde a gente nunca chegou, chegar a locais que nunca receberam atividades de cultura, bancadas pelo poder público. Fazer com que os artistas compreendam que esses editais, esses eventos, são para eles, que a população entenda que essas ações são para elas aproveitarem a cultura paraibana. Quando a gente leva uma ação para o interior, é para a população conhecer sua arte. Isso é outro desafio: os artistas paraibanos serem reconhecidos aqui. Nossos artistas precisam ser valorizados, porque só assim teremos uma cultura forte. Só assim a gente tem uma cultura que vai perpetuar suas ações. A partir do momento que a gente traz um coco, um grupo de teatro, aquele artista da música para as atividades da Funesc, a gente está dizendo que essas pessoas precisam ser vistas. E a gente precisa enaltecê-las.

■ *Para encerrar, que legado a senhora espera consolidar na Funesc?*

O que eu espero que perdure são as preocupações com as ações afirmativas e, minimamente, com a paridade de gênero. Eu não sei quando ou quem virá depois de mim, mas espero que isso não seja visto como algo que só Bia, enquanto gestora, trouxe, mas que a Funesc, como órgão de cultura, incorpore essa preocupação. Eu acredito que, depois que a gente passa a cuidar de certas áreas, fica difícil retroceder. Esse é um legado que eu espero que permaneça dentro da fundação: a preocupação com protagonismo feminino, com o acesso dos grupos minoritários e o esforço em chegar aos municípios.

ENEM 2026

Exame é porta para novos caminhos

Paraibanos com mais de 30 anos compartilham expectativas por diversificação de carreira e ampliação de saberes

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

O advogado Silvio Darlan trabalha há seis anos na profissão e fez a primeira prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) há cerca de 15 anos. Hoje, ele atua em um escritório de advocacia, mas sempre guardou o desejo de cursar Comunicação Social. A pressão do seu entorno, no entanto, foi maior pela adoção da carreira do Direito. Em 2026, contudo, Darlan pretende realizar pela segunda vez o exame. A ideia não é mudar de carreira, mas manter-se como advogado ao mesmo tempo que consegue estudar Jornalismo.

Para ele, esta vez é diferente justamente pela liberdade que não encontrava quando fez o exame na primeira tentativa. “Esse é um momento

Revisão
É comum candidatos mais velhos terem esquecido conteúdos do Ensino Médio; dica é revisar a base das disciplinas e focar no estilo da prova, voltado à interpretação

de fazer uma prova desobrigado, diferente de como eu fiz anos atrás, que tinha todo um ritualismo. Agora, não. Você chega a certo momento na vida em que pode optar por estudar assim. Acho que não tem coisa pior que ler ou es-



Foto: Carlos Rodrigo

Silvio Darlan é advogado e pretende retomar o sonho antigo de cursar Comunicação Social; ideia é conciliar carreiras

tudar alguma coisa por obrigação. Não é uma liturgia, é uma coisa que eu quero”, expõe Silvio.

As principais dificuldades que ele encontra estão nos estudos fora das Ciências Humanas, como é o caso das disciplinas de Física, Matemática e Química. Entre os pontos fortes, o advogado confia na sua capacidade de fazer uma boa redação, justamente pela experiência já adquirida redigindo documentos e ações. Em termos de maturidade, ele reforça que o tempo pode ajudar nos estudos. “Se você relê o livro que leu pela primeira vez, é o mesmo livro, só que você não é mais a mesma pessoa, muda tudo. A organização de palavras e o seu cabedal de conhecimento muda totalmen-

te. O tempo ajuda”, aponta.

No preparatório, ele aproveita para estudar à noite, mas tem se voltado agora para gravar *podcasts* de professores e aproveitar mais tempo entre os afazeres para se concentrar nos estudos. “Para poder começar também a ouvir, porque, às vezes, no trajeto, mesmo que você não consiga ler, você consegue ouvir e isso também funciona”, explica. O próximo passo é começar a também usar o espaço da biblioteca do Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, para ter ainda mais disciplina nos estudos.

Mais conhecimento

É também com o interesse de manter a atual profissão, mas buscando realizar uma nova graduação para adqui-

rir outros aprendizados, que a arquiteta e urbanista Lorena Moreira deseja fazer o Enem neste ano. Ela realizou o exame pela primeira vez em 2009, ao concluir o Ensino Médio, quando conseguiu uma vaga na universidade. A ideia agora é cursar Ciências das Religiões. “Tenho muito interesse pelo tema e gostaria de adquirir um conhecimento mais aprofundado, além de vislumbrar possíveis atuações na área. No entanto, pretendo manter minha profissão atual. É uma escolha guiada mais por interesse pessoal do que por carreira, já que já tenho uma trajetória definida, embora fosse interessante uma possível transição no futuro. Vejo como uma espécie de plano B”, expõe Lorena.

A menor pressão de fazer

a prova torna o caminho mais fácil do que quando mais jovem. “Hoje, enxergo o Enem não como o único caminho, mas como uma possibilidade de aprofundar conhecimentos e seguir um novo interesse, sem a carga de precisar dar certo para garantir a sobrevivência”, revela.

Diferentemente do caso de Silvio Darlan, a redação está entre os principais desafios do exame para Lorena. Ela conta que, há algum tempo, não produz nesse formato e não tem acompanhado os possíveis temas. A arquiteta espera aprofundar-se mais nos estudos quando a prova estiver mais próxima. “Devo fazer um curso rápido ou resolver provas anteriores para me familiarizar novamente com o estilo do exame”, projeta.



Foto: Arquivo pessoal

Arquiteta, Lorena deseja estudar Ciências das Religiões

Maturidade proporciona maior disciplina para os estudos

No ano de 2025, mais de 15 mil inscritos tinham de 31 e 59 anos na Paraíba, enquanto 366 candidatos estavam com mais de 60 anos, mostrando que o exame não é exclusividade dos egressos do Ensino Médio. Para aqueles que estão há algum tempo afastados ou afastadas das escolas e que desejam fazer o Enem neste ano, a melhor forma de se preparar é a partir de uma retomada gradual e organizada dos conteúdos, respeitando o próprio ritmo de aprendizado e a rotina, como aponta Haniel Lima, coordenador do projeto Se Liga no Enem, vinculado ao Governo do Estado da Paraíba.

“Primeiro, vale fazer um diagnóstico simples: resolver uma prova recente do Enem para identificar quais áreas estão mais fortes e quais precisam de mais atenção. Isso evita estudar tudo do zero sem necessidade e ajuda a priorizar o que realmente importa. Depois, é importante montar um plano de estudos realista.



Foto: Arquivo pessoal

“É importante montar um plano de estudos realista. A constância é mais importante do que a quantidade

Haniel Lima

Quem trabalha ou tem outras responsabilidades geralmente não consegue estudar muitas horas por dia, então o ideal é definir metas possíveis, como uma a duas

horas diárias nos dias úteis e um pouco mais no fim de semana. A constância é mais importante do que a quantidade”, orienta.

Um ponto crucial é revisar a base de estudos, o que facilita o avanço para temas complexos. As dificuldades dos candidatos podem vir justamente por terem esquecido conteúdos fundamentais de Matemática, interpretação de texto, gramática e ciências básicas. Outra recomendação é focar no estilo do Enem, que valoriza interpretação, leitura de gráficos, textos longos e resoluções de problemas. “Por isso, resolver questões anteriores e simulados com frequência é uma das estratégias mais eficazes. Além disso, vale usar materiais pensados para quem está começando: videoaulas objetivas, resumos, mapas mentais e exercícios comentados”, salienta Lima. No site do Se Liga no Enem, há módulos com conteúdos para todas as áreas de conhecimento do exa-

me, que podem ser acessados gratuitamente.

A seu favor, o grupo com mais de 30 anos traz maturidade, com mais disciplina e foco. Também se trata de um grupo mais motivado, com objetivos mais bem definidos: melhorar ou mudar de emprego ou de carreira, acessar o Ensino Superior ou realizar um projeto pessoal interrompido. Pelo tempo longe da escola, esse grupo demanda metodologias diferenciadas, como retomadas de base, explicações contextualizadas e estratégias de estudo mais objetivas. “Na prática, a percepção é que o grupo 30+ não só participa, como tem presença cada vez mais expressiva e qualitativa. São estudantes que, mesmo com desafios como trabalho, família e tempo reduzido, apresentam disciplina, maturidade e clareza de objetivos, características que frequentemente compensam o tempo afastado dos estudos”, ressalta o coordenador.

Formato *testlets*

Haniel explica que, neste ano, o Enem pode trazer mudanças de formato nas avaliações, com a adoção de mais questões organizadas na metodologia de *testlets*. Esse modelo já foi utilizado no Enem 2025 na área de Linguagens, mas deve se ampliar para outras disciplinas, trazendo um conjunto de perguntas construído a partir de um mesmo texto-base, gráfico ou situação problema. “Esse modelo exige do estudante uma leitura mais aprofundada, capacidade de interpretação contínua e análise integrada das informações, valorizando competências cognitivas mais complexas”, aponta Haniel.

“Diante desse cenário, a orientação do Se Liga no Enem Paraíba é intensificar estratégias que priorizem leitura crítica, resolução comentada de questões contextualizadas e simulados que reproduzam esse tipo de organização. A expectativa é a de um exame cada vez mais focado em competências e

habilidades, e nossos estudantes estão sendo preparados para lidar com esse formato de forma segura, com autonomia e confiança”, finaliza Lima.



Por meio do QR Code, acesse o site do Se Liga no Enem

Saiba Mais

Confira algumas estratégias práticas de estudo para o Enem:

- Revisar teorias de forma simples;
- Fazer exercícios do tema estudado;
- Corrigir e entender os erros;
- Revisar os pontos fracos na semana seguinte.

ULTRAPROCESSADOS

Itens contêm resíduos de agrotóxicos

83% das crianças da PB consomem tais alimentos, sendo a nona maior taxa do país; glifosato é o pesticida mais comum

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

A Paraíba ocupa a terceira posição no Nordeste em consumo de ultraprocessados entre adultos, com índice de 65%, segundo dados de fevereiro de 2026 do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional (Sisvan), do Ministério da Saúde. Entre crianças, o consumo chega a 83%, o nono maior índice do país. Os números vêm de atendimentos registrados no Sistema Único de Saúde (SUS) e ajudam a dimensionar o espaço que esses produtos ocupam na alimentação das pessoas.

Ultraprocessados são alimentos produzidos em escala industrial, com formulações que combinam ingredientes extraídos ou modificados, além de aditivos para sabor, cor e conservação. Entram nessa lista itens como biscoitos, macarrão instantâneo, refrigerantes e bolos prontos. O consumo frequente já é associado a dietas com excesso de açúcar, gordura e sódio. Um relatório recente do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) adiciona outro elemento a esse



Foto: Arquivo pessoal

Há uma falsa diversidade. Parece que há muitas opções, inclusive saudáveis, mas a base desses alimentos é praticamente a mesma

Shirleyde Alves dos Santos



Foto: Pão Pedrosa

Estudo apontou quatro agrotóxicos em biscoitos maisena produzidos por duas marcas

debate: a presença de resíduos de agrotóxicos nos ultraprocessados.

O terceiro volume do estudo *Tem veneno nesse pacote* analisou 24 alimentos de grande consumo no país. Metade deles apresentou algum tipo de resíduo de pesticidas. O glifosato apareceu com mais frequência, detectado em sete produtos. Classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “provavelmente cancerígeno”, o herbicida é um dos mais utilizados na agricultura mundial. Mas como esses produtos industrializados passaram a carregar resíduos de agrotóxicos?

A farmacêutica e bioquímica Shirleyde Alves dos Santos, mestre em Saúde Pública, explica que a contaminação começa ainda no campo. “Quando a gente fala de agrotóxicos, muitas pessoas pensam nas hortaliças e frutas. Mas tudo que é produzido no campo com uso dessas substâncias chega também à indústria”, afirma. Ela cita dois exemplos centrais: trigo e milho. “O trigo está em grande parte dos alimentos industrializados. O milho também, mesmo quando não aparece diretamente. O açúcar de milho, o amido, tudo isso entra na composição de muitos produtos”.

Esse percurso ajuda a entender por que os resíduos aparecem mesmo em alimentos que não são consumidos *in natura*. A cadeia produtiva incorpora matérias-primas que passaram por lavouras onde há uso intensivo de defensivos agrícolas. O resultado chega às prateleiras em diferentes formas. Entre os produtos analisados que apresentaram maior número de resíduos, estão os biscoitos maisena Marilan e Triunfo, com quatro tipos de agrotóxicos cada. Em seguida, aparecem macarrões instantâneos das marcas Nissin e Renata e o bolo pronto sabor chocolate Ana Maria.

Um dos destaques do levantamento aparece em produtos que se apresentam como alternativas mais saudáveis. O Idec identificou resíduos de agrotóxicos em hambúrgueres e empanados à base de plantas, de marcas como Sadia e Seara, com três substâncias detectadas. A categoria, associada a um apelo ambiental e nutricional, também é composta por ultraprocessados. O relatório aponta que, apesar de as embalagens destacarem características como ausência de colesterol ou uso de ingredientes naturais, esses itens seguem a ló-

gica industrial e podem conter resíduos provenientes de defensivos agrícolas.

A contradição aparece no discurso de mercado e na composição dos produtos. Shirleyde observa que a variedade nas prateleiras pode dar a impressão de escolha mais ampla do que realmente existe. “A gente tem uma falsa diversidade. Parece que há muitas opções, inclusive saudáveis, mas a base desses alimentos é praticamente a mesma”, frisa. “As pessoas migraram das feiras para os supermercados e passaram a consumir mais produtos industrializados”.

Trabalhadores do campo estão mais expostos

A discussão sobre resíduos de agrotóxicos em ultraprocessados também expõe limites na regulação sanitária. Hoje, segundo o Idec, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) não possui normas específicas que estabeleçam limites de resíduos para esse tipo de produto. O monitoramento ocorre por meio do Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (Para), que acompanha apenas alimentos de origem vegetal *in natura*.

A discussão sobre controle e políticas públicas atravessa esse tema. Shirleyde acompanha o debate há 15 anos e cita a necessidade de incentivos a práticas agrícolas com menor uso dessas substâncias. “A gente precisa de políticas públicas para mudar esse modelo. Existem alternativas, como a produção agroecológica, mas elas precisam de apoio”, defende.

No campo, os efeitos da exposição são mais imediatos. Trabalhadores lidam diretamente com a aplicação dos produtos,

muitas vezes sem proteção adequada. Nas cidades, o contato ocorre de forma indireta. “Quem está no campo tem uma exposição mais intensa. Quem está na cidade consome esses resíduos ao longo da vida”, alerta a farmacêutica.

A circulação de alimentos entre campo, indústria e consumo final conecta essas realidades, deixando a discussão sobre ultraprocessados ser apenas nutricional para envolver o modelo de produção agrícola. “Quando a gente fala de agrotóxicos, a gente está falando de uma disputa que envolve o meio ambiente e a saúde das pessoas. E, principalmente, de quem está produzindo esses alimentos”, declara Shirleyde.

Ela aponta que já existem alternativas em funcionamento. “A gente tem opções no campo e no consumo. Existem locais de comercialização onde você encontra produtos sem agrotóxicos”. Para a pesquisadora, o desafio está em ampliar o acesso e a visibilidade desses produtos. “É preciso mostrar que é possível”, finaliza.

Estilo de vida saudável e produtos naturais são alternativas

Diante dos alertas sobre a presença de resíduos de agrotóxicos em alimentos ultraprocessados, a mudança de hábitos alimentares passa a ser, para muitos consumidores, a única opção a ser seguida. Essa transição envolve acesso à informação sobre como funciona a indústria alimentícia e o agronegócio. A adoção de escolhas cotidianas requer, muitas vezes, uma revisão profunda da relação com a comida. É nesse contexto que a experiência de Maria Madalena de Medeiros ajuda a traduzir como esse processo pode acontecer.

Engenheira agrícola e assessora técnica do Centro de Ação Cultural (Centrac), Madalena conta que sua decisão de evitar ultraprocessados e priorizar alimentos sem agrotóxicos foi construída ao longo do tempo, impulsionada tanto pela formação profissional quanto pela vivência

pessoal. “Eu venho de uma família camponesa que sempre buscou comer melhor, mesmo diante das dificuldades. Depois, minha trajetória na agroecologia só reforçou esse caminho”, explica.

Hoje, o trabalho dela está diretamente ligado à promoção de sistemas alimentares mais saudáveis e sustentáveis, incluindo o fortalecimento de feiras agroecológicas na Paraíba. Em Campina Grande, por exemplo, ela acompanha de perto uma feira realizada semanalmente no bairro do Catolé, nas primeiras horas da manhã, como parte das ações do Centrac voltadas à produção da chamada “comida de verdade”.

“Eu sou uma pessoa das Ciências Agrárias que nunca usei, por exemplo, agrotóxicos. O controle agroecológico de pragas e doenças é possível e dá excelentes resultados, fazendo bem para quem cul-

tiva, para quem consome e para o meio ambiente”, destaca Madalena. “Quando me tornei adulta, minha primeira experiência profissional foi com povos indígenas e, desde então, eu tenho uma trajetória de defender a produção da comida de verdade”, relata.

Mesmo reconhecendo que, em alguns momentos, chegou a consumir produtos como refrigerantes, ela afirma que o conhecimento sobre os impactos desses alimentos foi determinante para mudar hábitos. “Hoje eu não tomo, porque é uma questão de você conhecer os danos que isso causa para saúde. Outras coisas muito processadas nunca entraram na minha casa”, diz.

Para quem deseja seguir o mesmo caminho, Madalena aponta que a informação é o principal ponto de partida. “A gente tem de ler mais, ter formação nessa área. Existem



Foto: Carlos Augusto/Secom-PB

Fortalecimento das feiras agroecológicas é um caminho para diminuir ultraprocessados

materiais que mostram os danos causados pelos produtos processados e, quando você entende que tem substâncias potencialmente cancerígenas presentes nesses alimentos, fica difícil continuar con-

sumindo”, afirma.

Na avaliação dela, a escolha por evitar ultraprocessados está diretamente ligada à adoção de modos de vida mais saudáveis e sustentáveis. Mais do que uma mu-

dança individual, trata-se de uma decisão consciente sobre o que se consome e os impactos dessa escolha. “A gente precisa conhecer melhor e fazer uma opção”, conclui Madalena.

EM QUATRO MESES

Incidência de raios já supera números de 2025 no estado

Registros de 2026 são mais de 270 mil, contra 230 mil contabilizados em todo o ano passado, conforme balanço

Mirvan Lúcio
 mirvanlucio.jornalista@gmail.com

Um levantamento feito pelo Grupo Storm, responsável pelo monitoramento de eventos climáticos, em parceria com a Energisa Paraíba, apontou o registro de 271.804 descargas atmosféricas, de 1º de janeiro deste ano até o último dia 15. O número já é superior ao total de ocorrências contabilizadas durante todo o ano de 2025 — cerca de 230 mil —, sendo que a área com maior incidência é o Sertão, com mais de 76% dos registros. Em seguida, aparece a região da Borborema, com 22% e, por último, o Litoral, que soma 1% das descargas.

Diante de tantos casos, os especialistas orientam a população a proteger-se em situações de risco. Manter-se abrigado e evitar contato com a rede elétrica são os principais alertas.

Os raios podem provocar grandes danos, a exemplo de incêndios em zonas urbanas e rurais, prejuízos à rede elétrica e a morte de pessoas ou animais. “O risco do raio é que ele não precisa, necessariamente, atingir alguém para causar acidente. Pode se propagar pelo solo, por estruturas metálicas ou redes elétricas. Por isso, mesmo quem não esteja exposto a raios ainda corre um risco significativo”, explicou o professor Pablo Araújo, doutor em Engenharia Civil e Ambiental.

Ao ser atingida por uma descarga elétrica, uma pessoa pode sofrer, como consequência, uma parada cardíaca, queimaduras graves e até danos neurológicos. Em meio a tempestades, a primeira orientação é abrigar-se em um local seguro. “Mantenha-se longe de grandes descampados, terrenos baldios e praias. Os raios ‘buscam’ os pontos mais altos para atingir e migrar para o solo. Evite também o contato com objetos metálicos — como cercas, portas e equipamentos elétricos que estejam em locais externos, porque são condutores de energia”, alertou o especialista.

Em casos de danos a postes e rompimento de cabos, o ideal é entrar em contato com a concessionária de energia responsável. Bruno Correa, coordenador do Centro de Operações da Energisa, salientou: “O mais importante é que ninguém tente manusear a rede elétrica, mesmo que os fios estejam sobre o chão. É necessário fazer contato com a Energisa, por meio dos nossos canais de atendimento, para que a intervenção seja feita por profissionais qualificados”.

Já Pablo Araújo ressaltou que os cuidados também são necessários dentro de casa. “Recomenda-se não utilizar equipamentos que estejam ligados à energia, como celulares, notebooks e eletrodomésti-

Destaque

O Sertão é a região com o maior volume de casos (76%) até o momento, devido ao calor intenso e à elevação da umidade do ar; Borborema (22%) e Litoral (1%) completam o top 3 na Paraíba

cos. Tire esses equipamentos eletrônicos da tomada, mantenha-se em um local seguro dentro de casa, distante de portas e janelas metálicas”, indicou o engenheiro.

Quem estiver no trânsito deve permanecer dentro do veículo, que funciona como proteção contra descargas atmosféricas, por conta do isolamento dos pneus. Os condutores devem evitar estacionar próximos a torres de transmissão ou placas de propaganda. Durante as rajadas de vento, o mais aconselhável é não se abrigar debaixo de árvores. Também não é recomendado ficar perto de piscinas, lagos ou açudes. Em casa, se perceber que alguma parede apresenta umidade, não é indicado que o morador ligue equipamentos elétricos em tomadas instaladas nela nem faça manutenções quando estiver chovendo.

Vigilância

A Energisa Paraíba informou que realiza o monitoramento permanente das previsões climáticas em todo o estado, preparando suas equipes para contingências ocasionadas por chuvas intensas. De acordo com a companhia, as principais ocorrências, durante as chuvas, são sobretensão e surtos elétricos, danos aos transformadores e para-raios, queima de isoladores, rompimento de cabos e falta de energia.

“Temos um plano estruturado para atuar em situações críticas, que visa a uma atuação rápida e um menor impacto para os clientes. São medidas preventivas que permitem a alocação de equipes em pontos estratégicos, por exemplo, e uma recomposição mais rápida diante das adversidades climáticas apresentadas”, explicou Bruno Correa.

Causas

Quanto ao alto registro de raios no Sertão, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) aponta que o período de janeiro a abril costuma, de fato, ser o de maior incidência na região. A causa está associada ao calor intenso e à elevação da umidade do ar nesta época. O quadrimestre coincide exatamente com a principal temporada de chuvas na área, já que, sem

nuvens carregadas, não há formação de raios. “As características climáticas do Sertão influenciam que tenhamos essa maior incidência de raios na região”, ratificou Pablo.

A descargas elétricas são geradas dentro das nuvens de chuva. O atrito entre partículas de água e de gelo provoca uma reação de separação das cargas. A partir do momento em que as nuvens perdem a capacidade de isolamento, a descarga é atraída pelo solo, que também apresenta grande concentração de cargas elétricas. Com isso, os raios chegam à Terra com uma alta intensidade de energia e temperatura elevada.

■ Para se proteger durante grandes temporais, recomenda-se abrigo longe de praias e terrenos baldios



Foto: Melody P/Unsplash

Fenômeno nasce do atrito entre partículas de água e gelo nas nuvens, gerando cargas elétricas

Casal de idosos passou por susto no Cariri

No dia 5 de abril, em pleno Domingo de Páscoa, Maria Aparecida Araújo Brito, de 67 anos, e Jarbas da Silva Brito, de 66, assistiam à transmissão da missa pela televisão, na sala de casa, pouco depois de saírem do quarto. O casal de aposentados reside na Rua Darci Antônio de Brito, no bairro Santo Antônio, na cidade de Livramento, no Cariri paraibano. Segundo os moradores, o nome da cidade define precisamente o que eles viveram naquele fim de tarde.

Inesperadamente, o momento de oração foi interrompido por um forte barulho, seguido de muita fumaça, escombros e sensação de medo. A residência havia sido atingida por uma descarga atmosférica. Imagens de câmeras de segurança posicionadas em casas vizinhas registraram o mo-

mento: depois de um clarão no céu, uma nuvem de poeira e fumaça é vista saindo do telhado do imóvel.

“Foi um pipoco tão grande, que passei uns três dias com dor de ouvido. Pode acreditar que foi o maior susto que já tive na minha vida. Na hora, eu nem sabia o que estava acontecendo. Só vim entender depois, quando os vizinhos chegaram para ajudar”, afirmou Maria Aparecida. “Quem estava fora disse que viu uma bola de fogo em cima da minha casa”, acrescentou.

O raio precedeu uma forte chuva. O teto do quarto foi danificado, o que causou um princípio de alagamento no local. Mesmo após o impacto, Jarbas e um filho do casal ainda se arriscaram no telhado para consertá-lo — atitude desaconselhada pela Energisa. “Era muita água dentro

de casa e um fumaceiro preto, fedido. Eu me vi desesperada, porque nunca na minha vida imaginei passar por aquilo”, contou a aposentada.

A família relatou que sempre adota cuidados diante de temporais. Jarbas, que se aposentou como guarda municipal, mantém o instinto de segurança e “desliga todas as tomadas quando vê o mundo se preparando para a chuva”, como disse a esposa. No dia em que o raio caiu, contudo, o céu não apresentava sinais de grandes precipitações e, por isso, as precauções não foram tomadas.

Os danos foram apenas materiais. Mesmo com a proporção do raio, Maria Aparecida e Jarbas saíram ilesos, e somente equipamentos eletrônicos foram perdidos. “No quarto, queimou a antena, a televisão e o receptor. Na sala, só não queimou a tele-

visão, mas até o aparelho da internet derreteu, não prestou mais para nada. E minha geladeira ficou com problema, tá parando de vez em quando, descongelando”, descreveu Aparecida.

O casal não procurou a concessionária de energia, mas o site da Energisa (<https://www.energisa.com.br/para-sua-casa/servicos/outras-servicos/ressarcimento-danos-eletricos>) aponta que clientes que tiveram aparelhos elétricos danificados por oscilações de energia podem solicitar ressarcimento. A orientação é relatar o caso, por meio de um dos canais de atendimento da empresa, que avaliará a situação.

Recuperados do susto e, aos poucos, reavendo os bens materiais comprometidos, Maria Aparecida e Jarbas agradecem pelo livramento que viveram. “Foi Deus que botou a mão por cima de nós. Se a gente não tivesse saído do quarto para assistir à missa na sala, poderia ter acontecido coisa pior”, concluiu.

■ No início do mês, Maria Aparecida e Jarbas foram surpreendidos por um raio que caiu sobre o telhado de sua casa, em Livramento



Foto: Ricardo Trida/Esadão Conteúdo

Segundo a Energisa, danos em itens elétricos por oscilações de energia podem ser ressarcidos

EM PICUÍ

Reserva celebra o Dia da Caatinga

Com uma agenda de palestras e passeios ecológicos, área de proteção também comemora avanços em sua gestão

Da Redação
com Fapesq-PB

Até a próxima quarta-feira (28), quando se comemora o Dia Nacional da Caatinga, a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Olho D'Água das Onças – Unidade de Conservação (UC) situada na Zona Rural de Picuí, no Seridó da Paraíba – realiza uma ampla programação para celebrar a data especial. A agenda teve início na última segunda-feira (20), com atividades voltadas a temas como conservação ambiental, educação e ciência, além de incentivar a valorização histórica e cultural da Caatinga – bioma reconhecido como patrimônio natural único e estratégico para o Brasil.

O evento é promovido em parceria com a Fundação de Educação, Tecnologia e Cultura da Paraíba (Funetec-PB), com patrocínio da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), do Banco do Nordeste (BNB) e de empresas privadas, assim como com o apoio da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

A iniciativa também conta com a colaboração do Programa de Pesquisa de Longa Duração Rio Paraíba Integrado (Peld Ripa), que desenvolve estudos considerados estratégicos sobre o bioma, dispondo de financiamento por parte da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba

(Fapesq-PB) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Entre os destaques da agenda comemorativa, o Peld Ripa realiza uma exposição científica, visando divulgar suas pesquisas e aproximar a ciência da sociedade.

Para os organizadores da programação na área de proteção ambiental, as atividades reforçam a integração entre instituições, setor pro-

ductivo e academia, fortalecendo os esforços para o desenvolvimento sustentável do semiárido.

Marcos

Um dos grandes atrativos do evento, especialmente neste fim de semana, têm sido as palestras e os debates, reunindo especialistas para abordar assuntos variados – como energias renováveis; desenvolvimento

regional; inovação tecnológica na produção de alimentos; o papel das instituições de Ensino Superior no auxílio à gestão da RPPN Olho D'Água das Onças; e o exemplo positivo de empreendimentos de sustentabilidade, como o Projeto Algodão Orgânico, do Instituto Casaca de Couro.

Mas, para além das apresentações e discussões técnicas, a programação vem

oferecendo uma série de experiências imersivas, em meio à diversidade e às potencialidades ecológicas da região, a exemplo da prática de *camping* e de uma visita guiada pelo território da UC e por seus atrativos, como o Museu da Caatinga José Crisólogo da Costa. Ontem, a propósito, foram inauguradas, nesse espaço, réplicas de monumentos em memória dos pracinhas da

Força Expedicionária Brasileira que foram mortos na Tomada de Monte Castelo, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

Entre as estruturas inauguradas, estão as réplicas da obra *Ai caduti brasiliani Itália* e da Gruta de Orações Nossa Senhora de Lourdes, símbolos de fé e bravura que deverão contribuir para o crescimento do turismo ecológico e cultural local.



Programação especial da RPPN Olho D'Água das Onças segue até quarta-feira (28); um dos destaques foi a inauguração de monumentos em homenagem à campanha dos pracinhas brasileiros na Segunda Guerra Mundial



Unidade une preservação, turismo e desenvolvimento regional

A reserva ecológica Olho D'Água das Onças foi oficialmente registrada como Unidade de Conservação, pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), justamente, no Dia Nacional da Caatinga – em 28 de abril de 2025. Mas a criação do território como área de proteção data de 2005, por iniciativa do ex-deputado estadual Buba Germano, com o objetivo de impulsionar as medidas de preservação da Caatinga.

Nos últimos 20 anos, a localidade tem despontado como um espaço relevante de conservação, pesquisa e visitação turística no semiárido paraibano, mantendo, como principal missão, proteger o bioma e sua biodiversidade, por meio de estudos científicos e ações de educação ambiental, além de fomentar o desenvolvimento regional sustentável.

A área da RPPN é de cerca de 20,73 hectares, formada por vegetação nativa da Caatinga. Esse território é destinado à conservação e à preservação, conforme um plano de manejo que está sendo atualmente formalizado, com a colaboração de instituições parceiras e o financiamento da Fapesq-PB, a partir de uma emenda impositiva da ALPB. O IFPB e a UEPB estão entre os envolvidos no projeto de publicação e



Criada em 2005, reserva engloba espaço para acampamento, mirante de observação, estações de pesquisa, trilhas e museu

■ A gestão da UC conta com o apoio de instituições como a Fapesq-PB, o IFPB e a UEPB para formalizar seu plano de manejo

execução do plano – que definirá o zoneamento, as normas de uso, o manejo de recursos naturais e as atividades de administração da unidade.

Dentro do espaço da reserva, que inclui ambientes para atividades socioeducativas e recreativas, destacam-se estruturas como o Museu da Caatinga José Crisólogo da Costa, com exposições de artistas locais e mostras pedagógicas, feitas com artesanato regional; um viveiro para

a produção de mudas; uma zona para acampamento; um restaurante rural; um mirante de observação; e estações de pesquisa voltadas à recuperação ambiental. Além disso, trilhas ecológicas atravessam a UC, permitindo ao público apreciar a fauna e a flora locais ao se deslocar de um ponto de visitação a outro.

Mais do que organizações de pesquisa, a propósito, a RPPN conta com o apoio da Associação Trilhas na Caatinga,

principalmente nas ações de educação ambiental, conduzindo passeios junto a pesquisadores universitários.

A administração da unidade tem, ainda, consolidado laços com grupos e comunidades de seu entorno, contribuindo com agricultores familiares e pequenos produtores, para estimular o crescimento de iniciativas de empreendedorismo na região. Entre esses parceiros, estão a Associação Delícias da Quixaba de Picuí

– que fabrica doces e geleias artesanais – e a Associação Ecoprodutivo – que atua em projetos com a população local, oferecendo suporte técnico e científico em projetos que beneficiam produtores rurais – incluindo, em especial, mulheres e jovens –, por meio de capacitações.

Canais

Mais informações sobre a reserva podem ser conferidas por meio do perfil da UC no Instagram (@reservaolhodaguadasoncas), pelo endereço de e-mail reservaolhodagua@gmail.com ou pelos contatos de WhatsApp (83) 99382-0162 e (83) 98101-5081.

Saiba Mais

Reconhecida como o único bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga tem grande importância ambiental, econômica e social. Ela abriga uma rica biodiversidade, adaptada ao clima seco, e presta serviços ecossistêmicos importantes, ajudando na regulação do clima, na proteção do solo e na manutenção de recursos hídricos. Para milhões de moradores do semiárido, a Caatinga também é fonte de alimento, renda e matéria-prima, sendo essencial para a vida e o desenvolvimento da região.

TEATRO

Humor do Casseta

Helio de la Peña apresenta solo de comédia no Teatro Ednaldo do Egypto, hoje

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Nos anos 1990, um grupo de humoristas oriundos da revista *Casseta Popular* (Beto Silva, Helio de la Peña, Marcelo Madureira, Bussunda e Claudio Manoel) e do jornal *O Planeta Diário* (Hubert Aranha e Reinaldo Figueiredo) fazia piada com tudo na telinha da TV (de política a sátiras de novelas). Pela grande audiência no horário nobre da Rede Globo, o *Casseta & Planeta, Urgente!* esteve nos lares brasileiros por 18 anos (de 1992 a 2010). Helio de la Peña, atento a outras formas e espaços de fazer rir, apresenta hoje, às 20h, no Teatro Ednaldo do Egypto, em Manaíra, o espetáculo de *stand up Preto de Neve*. À venda no Sympla, os ingressos custam R\$ 60 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (solidário), R\$ 50 (promocional) e R\$ 30 (meia).

De passagem pelo Nordeste, Helio deu seu *show* na última sexta-feira (24) em Recife e, ontem, em Guarabira. Em João Pessoa, o humorista veio em 2022 com um outro *show*. “Tenho um irmão militar que passou um tempo aí em João Pessoa. E passei o *réveillon* de 1999 pra 2000 justamente aí”, lembra.

As turmas da *Casseta Popular* e de *O Planeta Diário* trocavam colaborações entre as duas publicações de humor quando, em 1988, passaram a atuar na equipe de redação do humorístico *TV Pirata*, na Globo. Em 1989, viraram um grupo musical, fazendo *shows* e gravando discos. Após o fim da *TV Pirata*, o septeto apareceu em quadros de humor satirizando reportagens de TV no *Fantástico* e no programa *Doris para Maiores*, que evoluiu para o *Casseta & Planeta, Urgente!* Também vieram os filmes *A taça do mundo é nossa* (2003) e *Seus problemas acabaram* (2006). Helio de la Peña também lançou as obras literárias *O livro do papai* (2003) e *Vai na bola, Glan-derson!* (2006), ambos pela Editora Objetiva.

O mote principal de *Preto de Neve* gira em torno das vicissitudes de um homem preto, que nascido no subúrbio carioca da Vila da Penha circulou por ambientes elitizados — o único negro no salão — concentrando força em alguns desastres sofridos, por exemplo, na tentativa de esquiar. “Minha família adora isso — eu tenho verdadeiro horror, sou um homem da praia”, diz ele.

“O esquí é um esporte elitizado, portanto, de poucos pretos. Muito diferente do que eu

tô acostumado, sabe? Aí eu falo sobre isso, falo sobre a minha atual condição, já que eu sou um senhor; um humorista da terceira idade, da melhor idade”, ressalta, afirmando que mesmo aqueles não contemporâneos ao programa irão curtir. “Aí eu conto pra garotada como é que é isso: o que é ser velho, o que a gente encara, quais são os nossos perrenques e conto também alguns causos dos bastidores do *Casseta & Planeta*.”

Colhendo os frutos do Casseta

La Peña garante que o número de hoje à noite é completamente diferente de tudo o que fazia junto ao *Casseta & Planeta*. Primeiro por questões de linguagem e do meio, já que o trabalho com o audiovisual impõe técnicas e maneiras de fazer muito próprias. Além disso, pelo caráter individual do *stand-up*.

“A resposta ali é imediata”, diz ele, “ao mesmo tempo que qualquer coisa que dá errado não tem como regravar, né? Já foi. Então tu fica ali, como a gente chama, ‘ferido não tem socorro’. Mas é um desafio que tá sendo gostoso. São outras parcerias, conhecer gente nova, estar em contato direto com o público”, afirma, pontuando que apesar de todo o sucesso conquistado no grupo de humor, não havia contato algum com a audiência. Sentindo o retorno dos espectadores de perto, Helio diz estar, em certa medida, “colhendo os frutos do *Casseta* e do carinho que o público tem com nosso grupo”.

E toda essa história começou no primeiro semestre de 2022, quando o artista deu seus primeiros passos nas searas do *stand-up*. Ele afirma que tudo funciona melhor no gênero quando o humorista consegue se abrir para o público, demonstrando suas fraquezas e tratando sem reservas da própria realidade, coisa que não acontecia no *Casseta & Planeta*.

“Nesse sentido o programa era impessoal. A gente falava de política, falava de costumes, nós não falávamos da gente, das nossas questões. Já o *stand-up* tem essa característica. Você se sente mais próximo quando está ali dividindo com ele as suas agonias”, reforça.

Inclusive, a descontração e a irreverência do programa são elementos apontados por Helio como permanentes no imaginário das novas gerações de humoristas brasileiros, ressignificados a partir da realidade contemporânea para o formato do teatro.

Pele

Em 2018, la Peña também fez parte de um coletivo de comediantes negros, o Coisa de Preto, ocasião em que se apresentou por várias cidades do país. “Um grupo muito talentoso, com muita gente boa que eu comecei a acompanhar”, diz ele, atestando a importância daquela temporada. Observar a construção do espetáculo e os temas abordados o instigou a buscar um caminho próprio, pouco percebido pelo contexto social em que vivia.

“Eles falavam muito de uma realidade, de uma marginalização na sociedade que eu, particularmente, não vivi”, rememora. “Vivi situações de racismo, mas de uma outra forma. Eles formam um coletivo de pessoas que normalmente estão cercadas de pessoas pretas e eu tava falando de uma realidade em que normalmente estava cercado de pessoas brancas. Isso dá um outro tom pro meu texto e pra minha *performance*”.

Nadador de águas abertas, Helio de la Peña guarda ainda um histórico de maratonista aquático. “Já participei de algumas competições — não ganhei nada, obviamente —, mas gosto de me divertir, porque o esporte pra mim é uma forma de me manter saudável; tenho intenção de viver mais tempo do que os outros”.

Aliás, sempre que viaja a trabalho para cidades praieiras, faz questão de bater braços e pernas livremente. Foi o caso da última vez em que aterrisou em João Pessoa. Desta vez espera ter tempo e oportunidade para aproveitar as “coisas boas que a cidade oferece”.

“Estou ansioso pra encontrar o público da Paraíba e apresentar o meu trabalho. Tenho certeza que vamos ter um encontro muito feliz e divertido”, conclui.

ONDE:

■ TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra, João Pessoa).



Fotos: Paranhos/Divulgação



Helio de la Peña conta histórias de quem é preto em ambientes majoritariamente brancos

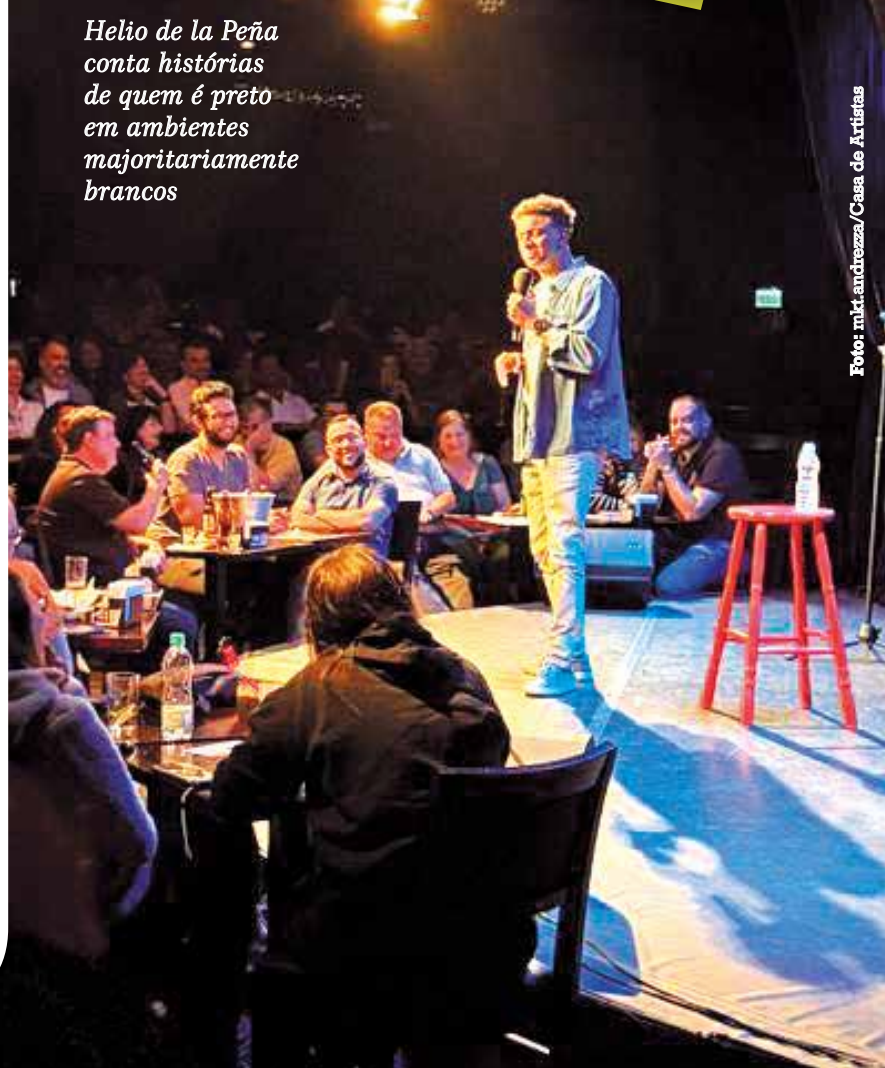


Foto: mtd.andrezza/Casa de Artistas

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

A metafísica da paixão

Tomei conhecimento dessa história através de Joseph Campbell no livro *O poder do mito*. Certa vez dois policiais que se dirigiam pela estrada de Pali, no Havaí, perceberam a movimentação de um rapaz — em cima de uma mureta lateral — tomado por desejo suicida e ameaçando atirar-se do alto de um penhasco. Numa sequência de ações rápidas e asfixiantes, o carro para à direita da pista e um dos policiais se joga em direção ao jovem. No exato momento em que ele também se atirava. Ambos, então, são lançados para baixo, mas tiveram a felicidade de ser agarrados a tempo pelo outro policial.

Posteriormente, quando indagado por um repórter “por que não deixou o jovem cair e preservou a própria vida?”, ele respondeu: “Não podia. Se tivesse deixado aquele jovem cair, não poderia viver nem mais um dia da minha vida”. De que maneira podemos explicar essa decisão? É possível extrair daí códigos universais, construídos coletivamente, que marcam nossa existência em sociedade? Quais tipos de experiência e narrativas eles nos permitiriam intercambiar? As possibilidades são as mais variadas.

Walter Benjamin atribuía à narrativa dimensão miraculosa, sublime,

imagética, que impossibilitaria seu próprio esvaziamento e redução semântica; limitar-se a uma única interpretação possível. Ao contrário da informação que seria uma forma de comunicação em que a explicação já vem dada e que pressupõem alto grau de plausibilidade. Na narrativa, o leitor é tomado pela imaginação e com ela está livre para interpretar os acontecimentos como desejar. Sua aspiração é o universal. Já a informação, por outro lado, só teria validade no momento em que é nova — o que geralmente duraria muito pouco.

Voltemos, então, ao problema sobre que motivos levaram o policial arriscar a própria vida para salvar a de uma pessoa desconhecida. Joseph Campbell acredita que Schopenhauer teria uma resposta convincente para esse enigma: “Tal crise psicológica representa a abertura para a consciência metafísica de que você e o outro são um, de que você é dois aspectos de uma só vida”. E continua: “A separação é apenas resultado do modo como vivenciamos as formas, sob as limitações de tempo e espaço. Nossa verdadeira realidade reside em nossa identidade e unidade com a vida total”. Conclui dizendo: “Esta é uma verdade metafísica, que pode surgir espontaneamente

em circunstâncias de crise. Pois esta é, de acordo com Schopenhauer, a verdade da sua vida”.

Segundo Campbell, o herói é o personagem que encarna a realização dessa verdade e o princípio que diz que devemos “amar ao próximo” nos colocaria em sintonia com esse fato. A vida é encarada como dor e sofrimento, mas a força que nos impeliria a viver poderia ser extraída da paixão, o equivalente na tradição oriental ao *bodhisattva* — sabedoria que se traduz no amor aos seres sensíveis.

Freud dizia que toda civilização é capaz de produzir os meios para sua autodestruição. Por mais que ele tenha razão, nunca é tarde dizer que isso não significa que tal possibilidade de destruição se concretize ou que, inversamente, seja impossível ocorrer uma mudança com efeitos positivos. O que nos permite pensar ainda em possibilidades emancipatórias. A história é um espetáculo com texto inacabado, contraditório, com variáveis múltiplas e infinitas.

Numa sociedade em que o individualismo, o lucro e a competição predominam, a percepção de nossa ligação com o todo deve ser pensada como a responsabilidade de cada sujeito com o destino da humanidade.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Música erudita e o sublime kantiano

A relação entre a música erudita e o conceito filosófico do sublime constitui uma experiência sensível que se articula com percepções cognitivas que ultrapassam os limites da compreensão banal. O sublime, tal como formulado pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724–1804) na *Crítica da faculdade do juízo*, publicada em 1790, refere-se a uma experiência paradoxal: ao mesmo tempo em que o sujeito se depara com algo que excede sua capacidade de representação, experimenta também uma elevação do espírito, fundada na consciência de sua própria faculdade racional. Nesse sentido, o sublime é uma experiência estética de grandeza que ultrapassa a capacidade sensorial de compreensão; isto é, o ser humano tem a sensação de apreender o infinito na relação entre a imaginação e a razão, na qual ele desafia qualquer medida sensível.

Immanuel Kant distingue duas formas principais do sublime: o matemático, relacionado à magnitude; e o dinâmico, associado à força e ao poder da natureza. Em ambos os casos, a experiência do sublime envolve um primeiro momento de inadequação da imaginação, seguido por uma reconfiguração mediada pela razão, que restitui ao sujeito uma forma de superioridade moral. Essa dinâmica é essencial para compreender como a arte — e, em particular, a música — pode suscitar experiências que rememoram o sublime, ainda que não represente objetos concretos. Como observa Kant, “o sublime comove, o belo encanta” (*Crítica da faculdade do juízo*, §23), isso defende que o sublime atua por meio de uma tensão interna que mobiliza intensamente o sujeito. No fenômeno da música erudita do período romântico, aproximadamente de 1804 a 1910, esse conflito se manifesta com muita voracidade e ímpeto. Em contraste com o classicismo, orientado pelos ideais de forma, proporção e equilíbrio, o romantismo volta-se à exploração da subjetividade, do infinito e do indizível. Nesse sentido, a música erudita ex-



O regente e compositor alemão Max Bruch

põe o sublime, pois não está limitada por conceitos ou imagens determinadas. Por exemplo, o conjunto da obra do regente e compositor alemão Max Bruch (1838–1920) pode ser interpretado como uma manifestação estética dessa experiência.

As composições de Max Bruch, especialmente no âmbito orquestral e concertante, apresentam uma densidade expressiva que transcende os esquemas formais convencionais. As mais conhecidas são: *Concerto para violino nº 1 em sol menor*, Op. 26; *Kol nidrei*, Op. 47, que é uma peça para violoncelo e orquestra baseada em melodias hebraicas, conhecida por sua carga emocional e melancolia; *Fantasia escocesa*, Op. 46 e o *Concerto para violino nº 2 em ré menor*, Op. 44. Sua escrita musical, marcada por uma forte musculatura melódica e por uma intensa carga emocional, sugere uma busca por uma dimensão que ultrapassa o técnico. Tal característica aproxima sua produ-

ção daquilo que se pode compreender como sublime musical: uma experiência que, embora mediada por estruturas formais, aponta para algo que excede essas mesmas estruturas. Essa superação dos limites formais pode ser interpretada de acordo com a crítica kantiana à rigidez das convenções estéticas. O pensamento musical de Bruch pode ser estudado como uma manifestação dessa liberdade criadora, na medida em que desafia valores ortodoxos e práticas consolidadas pelo senso comum. Isso pode ser percebido na maneira como suas obras mobilizam afetos intensos e contrastantes, conduzindo o ouvinte a uma experiência que oscila entre o recolhimento introspectivo e a exaltação emocional. Desse modo, a oscilação é característica do sublime e envolve uma transformação do sujeito. Assim, a música se torna um meio de acesso a uma forma de conhecimento que se realiza na própria experiência sensível, na qual transforma a experiência musical em um espaço de transcendência e de abertura ao indeterminado.

A interseção entre filosofia e música erudita apresenta uma interação de unicidade entre o indivíduo e a obra de arte. Por meio da estimulação da imaginação e da razão, a música orquestral atua como um processo para a exploração de dimensões complexas da existência humana. Assim, a obra de Bruch, embora criada séculos após as formulações de Kant, transmite os princípios de uma estética que busca compreender a capacidade da arte de conectar a natureza humana ao universal.

Sinta-se convidado à audição do 565º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 26, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5 ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre as peças românticas que tratam do sublime do regente e compositor alemão Max Bruch (1838–1920).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Quarto de hotel

Uma diária, uma noite, e eu ali viajando em esquinas mais agitadas, como se eu fosse jovem e quisesse voltar a Rua das Ninfas, no cruzamento da Rua Conde da Boa Vista, mas me perdi de vista, tentando chegar ao Bar Depois do Escuro, mas aí a gente é levado para outras correspondências. A janela parece ser o lugar mais íntimo de um quarto de hotel, ou espelho, os lençóis.

Tentando responder à segunda demanda, porque não lembro da primeira e se sequer existiu, o que pode um homem ouvir algo que venha a calhar — diríamos: tudo ou nada em dobro. O pensamento longe de quem está ligado o tempo inteiro, mas o pensamento não existe, não se escreve no *timing* tardio.

Fomos ao Recife reencontrar o pintor Raul Cordula, o pai de minha mulher, Francis — foi o aniversário dele, 84 anos. O centro da cidade parecia deserto, pensei que a pandemia tinha voltado, mas não, era um sábado à noite e voltamos no domingo. Dessa vez ficamos no Hotel Central, no centro do Recife

O hotel é uma construção de estilo eclético e traços greco-romanos, mas nos últimos anos vem sendo cenário de uma transformação inspiradora. Foi tombado pelo governo e teve entre seus hóspedes Getúlio Vargas, Carmem Miranda e Roberto Carlos. Hoje, é comandado por Rosa Maria, uma ex-camareira que se tornou a proprietária e administradora do espaço. Incrível, né?

Pedimos a suíte que o rei Roberto Carlos se hospedou, mas a moça disse que esse quarto está sempre ocupado. Lembrei das superstições do Roberto. Logo pensei: que tal ficar no quarto que Getúlio dormiu? Não, Getúlio não, mas a recepcionista se adiantou: “Os colchões são todos novos, senhor”. Não sei como ela leu meu pensamento, se nem mencionei o quarto do Getúlio Vargas.

Subimos para o terceiro andar, onde Carmen Miranda dormiu, mas ninguém sabe qual foi o número do quarto. Da janela, vi a solidão de casais idosos indo no sentido da Igreja de Basílica da Penha, na Rua São José, a poucos minutos a pé do Hotel.

No sentido *lato* das palavras, não sei porque pensei assim — aquilo não é, ao ficar olhando da janela sem nenhuma lembrança do filme de Hitchcock, mas fomos avisados que à noite, o centro antigo do Recife é perigoso. E onde não é?

Perto da meia-noite, vi duas mulheres às gargalhadas gritando: “Cadê os homens dessa terra?”. E eu quis correr para entrar naquele desenho, sair do quarto do hotel e nunca mais, nunca mais.

Naquilo-que-é, aquilo que eu vi, sonhei, imaginei (que será muito e nunca será tudo, e talvez nem caravelas), o que foi, porque foi que eu queria sair dali com minha última gargalhada, eu e as duas mulheres. Como todas às vezes, o centro do Recife à noite não dar para resumir, ou se quisermos, a recensão em ato, daquilo que não vivemos, que nos permitiremos introduzir num lugar qualquer, mexe qualquer coisa, mexe.

Solidão está longe do quarto de hotel, solidão vem da intimidade. E aqui talvez de novo a imagem da saudade. Ou, uma palavra retirada do contexto, que não fosse solidão, porque só é solitário quem não tem um livro para ler. E quem não sabe ler?

Não é isso-tal que eu estava a pensar, aquilo que antes era dado pelas musas, as ninfas, o talento com que deve atirar-se ao texto, e levantá-lo. Mas eu não sou mais menino, fechei a janela e fui dormir, pois eu só queria que amanhecesse dia e algo viesse a calhar.

Kapetadas

- 1 - Em certas épocas, o absurdo não só acontece, ele toma posse
- 2 - Hoje os robôs estão cada vez mais humanizados e os humanos cada vez mais robóticos.



Fachada do Hotel Central, no centro da capital pernambucana

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Américo Falcão no cinema

De óculos com lentes grossas, de guarda-chuva dependurado em um dos braços e conduzindo sua pasta de couro sob a axila, com passos hesitantes, caminhava ele pela antiga Cidade da Parahyba, rumo à Biblioteca Pública do Estado, da qual era diretor, no antigo Largo das Mercês, cuja igreja hoje já não mais existe.

Sociável e expansivo, mas reservado e meticuloso algumas vezes, segundo disse sua filha mais velha, Marlin da Augusta Falcão Estrella, assim era o poeta santa-ritense de Lucena, Américo Augusto de Sousa Falcão. Neste mês, completam-se 85 anos da morte do conhecido poeta paraibano. Alguns amigos íntimos, que com ele viveram as mudanças sociais, culturais e políticas nas primeiras décadas do século passado e que deixaram algum legado histórico, em memória escrita aos dias de hoje, afirmam que “o homem e o poeta caminhavam sempre juntos”. Postura essa que resultou em argumento para o premiado *Américo: falcão peregrino*, que realizamos em 2015.

Revestido de justa imortalidade pela Academia Paraibana de Letras, sua trajetória de vida e feitos culturais hoje são merecidamente lembrados, não só pela poesia, que versejou e publicou tão bem em alguns livros, mas por outros segmentos da vida “parahybana” daquela época. Inclusive, por ter vivido os conturbados momentos do assassinato do seu “grande ídolo” e comandante maior, na presidência do Estado da Parahyba, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

A rigor, onde entra realmente o cinema na vida do nosso vate? Que relação teve o poeta com a grande arte *movie*, justamente numa época em que, como



A passagem do dirigível Zeppelin pela Parahyba, no filme *Américo: falcão peregrino*

é amplamente sabido, o cinema ainda não tinha aprendido a “falar”? Verdade é que o poeta Américo Falcão teve, sim, forte envolvimento com o cinema de então. Inclusive, na produção de filmes, pactuando com um dos seus amigos influentes e cinéfilo conhecido ainda hoje, Walfredo Rodriguez.

Agora, valorizando a remota condição do *flashback*, em preto & branco e em 16 quadros por segundo, recursos

tecnológicos da imagem usados pelo cinema daquela época, foi que realizamos *Américo: falcão peregrino*. Obra que traz a “ousadia” de reconstituir a passagem do Zeppelin sobre a Cidade da Parahyba, que acreditado, somente valoriza a história do cinema paraibano, podendo ser visto no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=JhrC-5y-Qx3M>. – Mais “Coisas de Cinema”, no site: www.alexantost.com.br.

Imagem: Arquivo pessoal

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Dois poetas em equilíbrio

A selva escura dos cristais perdidos (Brasília: Gráfica Serafim, 2026), o mais recente livro de poemas de Salomão Souza, goiano, radicado no Distrito Federal, estende em suas páginas, o intenso tapete da poesia. Poesia tocada pelo sangue das palavras e pelo vigor da atitude. Quem conhece a trajetória do autor, poeta e ensaísta, sabe do elemento essencial que o move no ato de pensar e de criar. Salomão não doura a pílula, mas também não se compraz com a falácia do panfleto. Sua dicção lírica, epigrafiada, aqui, por Li Shangyn, bardo chinês do século 19, e por uma sua paráfrase de Dante, enfrenta o chão da realidade cotidiana, sem abdicar, contudo, da pesquisa vocabular e do brilho incontornável das metáforas mais perfeitas. Há um motivo que recorre nesse verso, naquele poema, naquela meditação: o cristal da própria poesia. “Que se partiu, cristal não era. / Que se dissipou, não era poesia”, diz Drummond num de seus textos radicais. Pois bem: a palavra poética de Salomão Souza, em sendo cristal, não se rompe; em sendo poesia medular, não se dissipa. Ao mesmo tempo que convoca os aspectos subjetivos das experiências existenciais, a reflexão acerca do sentido do poema, o fluxo ordinário das coisas e das sensações, nunca perde o prumo face aos desmazelos e às desigualdades de um mundo social e político de índole autoritária e excludente. Passando ao largo dos modismos experimentais e do solipsismo alienado e arrogante de muitos que se acham “inventivos”, Salomão Souza, com mais esse título de uma obra já consolidada, ratifica o seu canto de poeta engajado com os apelos da vida, naquilo que ela contém de verdade e beleza. Em “Sou um poema”, enuncia, na segunda estrofe, dizendo tudo, com a melhor palavra no melhor lugar possível, conforme a lição de Coleridge:

■ ■ ■ ■

Não me acasalei com o vírus.
 Eu sou um poema.
 Quando buscam, mas o pão,
 o pó integrado à pedra.
 Não a lamúria, o milagre.

■ ■ ■ ■

Já em outra clave lírica, porém, sob o imperativo da mesma virtualidade estética, leio, com atenção e prazer, os poemas do norte-rio-grandense Eli de Araújo, reunidos no volume *Abracadabras (Livrinho de magia)*, Natal: Sol Negro, 2025. De formação plural e transdisciplinar, o poeta congrega, em sua *mathesis*, isto é, no seu conjunto de saberes, matérias diversas, campos variados, como letras, matemática, direito, medicina, educação, filosofia e pintura. Sua poesia, portanto, observada aqui, como em outros títulos de sua lavra, reflete o traço erudito e certa modelagem hermética, a exigir, decerto, um equipamento refinado, em âmbito exegético, por parte do leitor. São recorrentes os giros metalinguísticos e muito rica a camada intertextual na moldura dos poemas. A emoção, que subjaz à formulação melódica e imagética, segue a vertente pessoana. Emoção que pensa e que se converte, na mirada crítica do poeta, em equilibrado discurso artístico. Poderia citar alguns poemas, alguns versos, mas me atenho ao irônico e ambivalente texto, “Profissão de fé”, em seu dístico final: “etcetera etcetera e tal / ah meu cordão umbilical”. Para quem não sabe, Eli de Araújo é filho da grande poeta potiguar Myriam Coeli. O DNA da legítima poesia se renova com o vigor e a competência de sua voz.

Foto: Reprodução/YouTube



Salomão Souza lançou *A selva escura dos cristais perdidos*

Colunista colaborador



Atores paraibanos na telinha

O seriado *Cangaço novo*, já em sua segunda temporada, estreou na telinha na sexta-feira passada, trazendo em seu elenco vários nomes do cinema paraibano e da nossa Academia Paraibana de Cinema, pelo que a entidade se congratula com os seus integrantes – entre eles, Luiz Carlos Vasconcelos, Fernando Teixeira, com destaque para as confrades Zezita Matos e Marcélia Cartaxo.

A nova fase traz sete episódios, lançados de uma só vez, aprofundando os conflitos eleitorais no Sertão, em disputa entre o cangaço, opositores e financiadores de um grupo criminoso. Tema bastante pertinente, se comparado aos dias de hoje.

TEATRO

O pequeno príncipe tem sessão no Sesc, hoje

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Nos idos de 1940, Antoine de Saint-Exupéry trouxe a público a sua principal obra, responsável por cativar crianças e adultos: *O pequeno príncipe*. Adaptada por diversas vezes, a história do simpático monarca ganhou uma versão local pelo coletivo Cara Dupla, com texto e direção de Leticia Rodrigues. Essa montagem ganha uma sessão gratuita hoje, em João Pessoa – será realizada a partir das 16h, no Teatro do Sesc Centro, como parte do projeto Domingo no Sesc.

A peça estreou em 2015, com um elenco maior, mas, a partir da pandemia, ela passou a ser apresentada mediante uma nova configuração – apenas dois atores em cena, Gustavo Nickell (no papel principal) e Romilson Rodrigues (irmão e parceiro de Leticia na companhia, a cargo dos outros perfis).

“Tudo nasceu a partir de um processo criativo, como costume fazer, bem desenhado em cada sequência. Romilson ainda se reveza entre outros oito personagens. As crianças se divertem e os pais se emocionam”, informa a diretora.

Um dos pontos altos do espetáculo – assim como no livro – é o encontro do Príncipe com o Avião, diálogo importante para ambos e, mais ainda, para o segundo, que almeja resgatar valores perdidos. Nessa e em outras cenas, o imponderável acaba se tornando um trunfo para os atores.

“Ambos são do teatro do improviso, de rua e costume ressaltar que, depois que você faz teatro de rua, p o d e

transitar em qualquer gênero. As inspirações deles vêm dos jogos de cena, que trazem novidades e atualização para os personagens”, assinala.

Em atividade há 25 anos, o coletivo Cara Dupla tem um histórico de projetos voltados para as plateias infanto juvenis, além das comédias, como *O surto*, e do drama *Gisberta*. A próxima estreia, daqui a uma semana, também mira os “pequenos”: *Charlie e a fantástica fábrica de chocolate*, inspirada no livro de Roald Dahl e nas duas versões do texto para os cinemas.

“Os filhos e os pais já conhecem nossas obras. Somos referências graças a *O mágico de Oz*, *Scooby-Doo*, *A família Ad-*

dams, *A cigarra e a formiga*, *sim senhor*”, cita Leticia.

Quase todas essas matrizes cinematográficas ou textuais povoaram a infância da diretora e de seu irmão – mas o encantamento foi muito além de seus “verdes anos”. Ela recorda, inclusive, da primeira vez que assistiu a *O pequeno príncipe*, na versão em *live-action*, clássica.

“Era uma cópia em VHS. Amava demais aquele filme... as mensagens, o cenário caótico do deserto do Saara. Tudo aquilo me pegou de uma forma contundente quando criança. Eu disse, lá atrás, que um dia montaria essa peça. E montei”, crava.

Leticia Rodrigues diz que aprendizados importantes estão contidos nas lições deixadas por Saint-Exupéry. Dois deles estão encapsulados nas linhas mais conhecidas da obra, reproduzidas à exaustão pelos leitores. “Só se vê claramente com o coração, o essencial é invisível aos olhos”. E “Se tu vens às quatro da tarde, desde às três começarei a ser feliz”. Com essas frases, nós e o Príncipe entendemos o quanto é importante se preparar para esse encontro – justamente num domingo, às 16h. Desde as 15h, ficaremos felizes”, brinca Leticia.



Foto: Divulgação

Dois atores encenam os personagens no palco do Sesc, hoje, com entrada franca

SOCIEDADE

Livro compila textos de Linera

Reconstruir a esperança, do pensador e ex-vice-presidente da Bolívia, está sendo lançado no Brasil

Eduardo Augusto
Especial para A União

Em um momento marcado por crises globais, ascensão da extrema direita e um cansaço em relação às instituições fossilizadas, a Editora Expressão Popular lança no Brasil o livro *Reconstruir a esperança: uma revolução é a esperança em movimento*. A obra reúne discursos e textos do pensador, ex-vice-presidente da Bolívia e um dos intelectuais mais influentes da esquerda latino-americana contemporânea: Álvaro García Linera.

Mais do que um compêndio teórico, o livro é um itinerário político. A coletânea acompanha a trajetória de um homem que viveu as contradições do continente na própria pele. Desde a militância no Exército Guerrilheiro Túpac Katari contra a ditadura de Hugo Banzer, nos anos 1970 e 1980, até o exercício de vice-presidência ao lado de Evo Morales (2006–2019), Linera transitou entre a resistência armada, a prisão, as insurgências populares — como as “guerras” da água e do gás — e a gestão estatal.

Essa experiência múltipla é a base de sua reflexão. Formado em Matemática no México e profundo conhecedor do marxismo, Linera desenvolve no livro o conceito de “marxismo situacional”: a recusa às fórmulas prontas para analisar a realidade. Para ele, a chave da transformação está na articulação entre a herança operária e a identidade comunitária indígena, formando um “setor nacional” capaz de enfren-

tar séculos de colonialismo e atraso econômico.

Entre o Estado e a esperança

A coletânea aborda dilemas centrais para quem busca reconstruir um projeto de transformação. Um dos pontos altos da obra é o debate sobre o papel do Estado e os limites dos governos progressistas. Em um trecho contundente, Linera responde às críticas de que os governos bolivianos não teriam ido longe o suficiente: “Não se pode pedir a um governo progressista que construa o comunismo em seu país, como muitas vezes somos criticados. Como você vai fazer isso em um só país? E onde vou vender meu gás? Quem vai comprar

meu gás se eu me desligar do mercado mundial? Preciso de tempo para melhorar meu mercado, para me preparar para produzir tecnologia, para ter uma melhor relação de intercâmbio com a Argentina, Brasil ou Uruguai. Preciso de tempo para esperar que as coisas vão se concatenando no mundo”.

Essa análise realista, no entanto, não se confunde com conformismo. O autor insiste que a disputa não pode se restringir ao governo, mas deve passar pela construção de uma nova hegemonia (no sentido gramsciano), capaz de dar direção política e moral à sociedade. Para ele, o Estado precisa estar sob controle popular, e a democracia exige reinvenção radical.

Democracia viva

Um dos maiores alertas de Linera é contra o esvaziamento da democracia. Para ele, instituições que se reduzem a rituais eleitorais a cada cinco anos são “democracias derrotadas”. O autor afirma:

“Democracias sem esperança e sem fé são democracias derrotadas. Democracias sem esperança e sem fé são democracias fossilizadas. A rigor, não são democracias. Não existe democracia válida que seja simples-

mente um apego entediado a instituições fossilizadas que, a cada três, quatro ou cinco anos, realiza rituais para eleger aqueles que tomarão decisões imprudentes sobre nossos destinos”.

É nesse ponto que o título do livro ganha força. *Reconstruir a esperança* não é um apelo vago, mas um programa: trata-se de devolver à política a capacidade de mobilizar os corpos, de vincular a luta pela libertação nacional à insurreição popular, de colocar os bens comuns — especialmente os da natureza — no centro do debate.

Organizada para apresentar um itinerário dos principais dilemas da esquerda contemporânea, a obra de Álvaro García Linera chega ao Brasil em um momento crucial. Mais do que respostas prontas, o autor oferece instrumentos para pensar como transformar a crise em movimento, lembrando que, para ele, uma revolução é, antes de tudo, a esperança em movimento.

O livro *Reconstruir a esperança: uma revolução é a esperança em movimento* já está disponível pela Editora Expressão Popular, que também publicou outras obras do autor, como *O que é uma revolução?* e *Tensões criativas da revolução*.

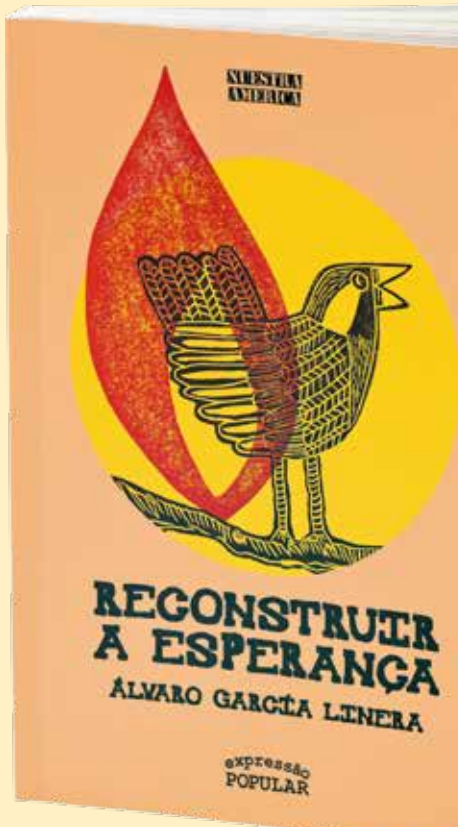


Foto: Divulgação/Expressão Popular



Álvaro García Linera: “Democracias sem esperança e sem fé são democracias derrotadas”

Em Cartaz

Cinema

Programação de 23 a 29 de abril, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

MICHAEL (*Michael*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jafar Jackson, Julianne Moore, Coleman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 14h15, 17h15, 20h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h20; leg.: 18h10, 21h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: qui. a ter.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 6: dub.: 15h30, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 7: leg.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 9 (macro-XE): dub.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 1

POLÍTICA HABITACIONAL

Estado redesenha malha fundiária

Ações coordenadas põem fim à informalidade e asseguram direito a centenas de famílias no campo e na cidade

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A Paraíba vive uma reestruturação em sua malha fundiária, corrigindo desde heranças do período colonial até a falta de garantias de permanência no campo. Com ações coordenadas entre governos estadual e federal, milhares de famílias em áreas urbanas e rurais estão deixando a informalidade para trás. A entrega dos títulos de propriedade simboliza a “desprivatização” de antigos redutos industriais e garante aos pequenos produtores o acesso inédito a linhas de crédito.

Em Rio Tinto, o Governo da Paraíba entregou a escritura para 351 famílias no mês passado, totalizando a regularização de 1.051 imóveis. A ação teve um investimento que ultrapassou os R\$ 36 milhões e foi definida por autoridades e pela população como a “desprivatização” do município.

Para os moradores da cidade, como a aposentada Macilina Maria, conhecida como “dona Creuza”, a entrega do documento representa o fim de décadas de insegurança: “Eu estou tão feliz hoje com a libertação de Rio Tinto e da minha casa, que eu já não tenho mais palavras para agradecer. Há 60 anos que eu moro nessa casa”.

Fundada por volta de 1918, a Companhia de Tecidos Rio Tinto manteve, por mais de um século, uma estrutura fundiária onde boa parte das moradias pertencia à família Lundgren, proprietária da Companhia, e atualmente sócia da rede de lojas Pernambucanas.

Antes da intervenção estatal, os habitantes viviam como inquilinos da antiga fábrica, com a possibilidade de despejo e sem a permissão de realizar reformas em suas casas. Com a titulação, cerca de 20% dos imóveis do município passam a estar formalmente regularizados.

A Companhia Estadual de Habitação Popular (Cehap) esteve à frente desse processo de regularização. Segundo a presidente Emília Correia Lima, a atuação em Rio Tinto exigiu uma posição política decisiva, já que o impasse se arrastava por mais de 30 anos.



Fotos: Divulgação/Secom-PB

Projeto de regularização em comunidades da capital prevê investimentos de R\$ 2,7 milhões e conclusão em até 12 meses

Emília lembra que atua nessa área há cerca de 30 anos e só na atual gestão a questão tornou-se prioritária. “O governo arca com a negociação, e a Cehap faz o levantamento e toda a programação para que as famílias de baixa renda consigam ser proprietárias das casas”, pontua.

O processo todo só foi viabilizado após a sanção do Decreto nº 46.743/2025, que autorizou a desapropriação em massa de imóveis para fins de regularização fundiária no município. O trabalho envolveu visitas, cadastramento de imóveis e análise socioeconômica das famílias, priorizando aquelas com renda de até três salários-mínimos.

Herança colonial

A alta concentração de imóveis na Paraíba, por parte de uma empresa ou grupo, é reflexo de um problema estrutural que remonta ao período colonial, conforme afirma a cientista social Suéria Dantas, mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A especialista observa que a falta do título de propriedade gera a “precariedade possessória”, um estado de insegurança permanente que fragiliza os laços de

pertencimento e que impede o cidadão de investir afetiva e materialmente em seu lar. “A pessoa até habita aquele espaço, mas não consegue verdadeiramente morar”, afirma.

No caso específico de Rio Tinto, a cientista classifica a “desprivatização” como um ato de “enfrentamento da herança colonial escravista, devolvendo à comunidade o direito fundamental de existir sem ser refém de uma única família”.

“Os Lundgren expropriaram terras de indígenas Potiguara e criaram uma cidade-fábrica onde o lucro privado controlava a vida da população. Desprivatizar é, portanto, uma forma de desfazer, ainda que parcial e tardiamente, a violência histórica da expropriação”, defende.

Marco no campo

Enquanto Rio Tinto avançou na regularização de sua área urbana, o município de Campina Grande tornou-se o centro de uma das maiores ações de regularização fundiária rural do estado.

Em outubro do ano passado, o então governador João Azevêdo assinou a ordem de serviço que autorizou a regularização de todos os imóveis

rurais do município. A medida beneficiará cerca de cinco mil famílias por meio de um investimento de R\$ 2,2 milhões, realizado em parceria com o Governo Federal, via Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA).

Além de Campina Grande, o plano estadual prevê a conclusão da regularização em outros 10 municípios da região da Borborema: Arara, Areia, Algodão de Jandaíra, Casserengue, Massaranduba, Pilões, Puxinanã, Serra Redonda, Serraria e Solânea. A ação prevê beneficiar oito mil famílias e tem um investimento de R\$ 5,1 milhões.

A cientista social Suéria Dantas salienta que o título é fundamental para a sucessão de gerações no contexto rural, pois sem a garantia jurídica da herança, o jovem tende a abandonar o campo em busca de subempregos nas periferias urbanas.

“Sem a posse legal, os pais não têm como deixar a terra como herança a seus descendentes. O filho não vê sentido em trabalhar numa propriedade que nunca poderá ser sua. Com o título, a terra se torna um patrimônio familiar que pode ser partilhado ou transmitido”, ratifica.

Luta na capital

No último dia 18, foi assinada a ordem de serviço para a execução dos trabalhos de regularização fundiária das comunidades Aratu, Sonho Verde e Morada Nova, em João Pessoa. O investimento será de R\$ 2,7 milhões, com recursos dos Governos Federal e Estadual, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), na modalidade Regularização. A previsão de conclusão é de até 12 meses para a entrega dos títulos de propriedade dos imóveis das três comunidades, encerrando uma espera de quase 10 anos das famílias.

O procurador da República, José Godoy, comentou sobre os próximos passos. “Nós tivemos uma reunião técnica

e também foi um momento de explicar para eles [empresa licitatória] como é esse território, principalmente a luta dessa comunidade, a luta desse povo pelo direito à moradia. Os próximos passos serão no dia 5 [de maio], um diálogo direto com a comunidade. É um projeto maravilhoso, que envolve essa discussão sobre o direito à moradia, que foi conquistado pelos moradores, e agora os órgãos públicos estão fazendo a política pública de regularizar, de transformar isso numa posse, numa propriedade, num direito realmente garantido e assegurado”, disse.

Ampliação no Sertão

Outra ação ocorreu em Cajazeiras, onde a Cehap iniciou, em outubro do ano passado, o cadastramento de famílias. Ao todo, serão beneficiadas 402 famílias com unidades habitacionais construídas por meio do Programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social (PSH).

A Cehap anunciou, ainda, que o processo de regularização fundiária será ampliado para outros quatro municípios paraibanos: Cubati, Olivados, São Vicente do Seridó e Bernardino Batista.

Em 2025, a Cehap regularizou 5.192 imóveis no estado, mas estima que ainda existam cerca de 16 mil pendências. Para acelerar esses processos, a presidente da Cehap ressalta que a atuação do órgão depende de uma articulação entre a própria administração, outras prefeituras e sociedade civil.

“A gente está fazendo parcerias com as prefeituras, os movimentos sociais e as associações para conseguir multiplicar [essas ações de regularização] e, principalmente, conscientizar os cartórios do interior porque, muitas vezes, a gente volta para a Corregedoria de Justiça para que um cartório tome consciência de que tem que fazer aquele trabalho”, destacou Emília Lima.

Tecnologia e crédito rural

A execução técnica no campo cabe à Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer). O diretor de regularização fundiária da Empaer, Elias Ramos, explica que o novo convênio busca concluir o que trabalhos anteriores não conseguiram, quando apenas 25% dos imóveis rurais de Campina Grande foram atendidos.

A nova etapa utiliza o “sistema de varredura”, medindo imóveis de pequenos e médios posseiros, com a expectativa de georreferenciar mais de 27 mil hectares. Entretanto, o trabalho enfrenta desafios geográficos e logísticos. Como o serviço é executado por empresas terceirizadas (atualmente a ARM Geotecnologia, da Bahia), há dificuldades iniciais de reconhecimento da topografia e articulação com os produtores locais. Para superar isso, a Empaer conta com o apoio de sindicatos, associações e agentes de saúde que auxiliam na mediação com os agricultores.

O diretor destaca, ainda, que a escritura pública possibilita o ingresso a linhas de crédito rural em bancos públicos como o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste, permitindo que o agricultor invista em tecnologia e aumente sua produção e renda familiar.

“Ao acessar um crédito rural, abrem-se as portas para que ele possa, mediante um projeto técnico que a nossa Empaer pode elaborar em qualquer município do estado, a fim de que a sua exploração agrícola ou pecuária possa ter uma maior dimensão, por menor que seja, podendo obter, conseqüentemente, uma renda melhor para viver também melhor no meio rural”, afirmou.

O programa Empreendedor Rural destaca-se entre as linhas específicas do Governo Estadual para os produtores rurais, oferecendo créditos de R\$ 3 mil a R\$ 30 mil para pessoas físicas (e até R\$ 150 mil para jurídicas), com juros de 0,64% ao mês, para investimentos em produção agropecuária, melhoria de infraestrutura e serviços, incluindo inovações como a modernização de engenhos de cachaça.



Em Cajazeiras, mais de 400 famílias serão beneficiadas com casas construídas via PSH

“

Desprivatizar é uma forma de desfazer, ainda que tardiamente, a violência histórica da expropriação

Suéria Dantas



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Nos últimos anos, prefeituras brasileiras ficaram sujeitas à liberação de verbas por parlamentares para financiar políticas públicas

REALIDADE MUNICIPAL

Dependência de emendas para a Saúde aumenta

Estudo divulgado pela CNM expôs impacto dos recursos nos municípios

Um estudo inédito publicado pela Confederação Nacional de Municípios (CNM), na última semana, alerta sobre o risco de crescimento de transferências voluntárias no financiamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e o impacto político no direcionamento dos recursos.

O levantamento identificou que o total previsto para este ano na Lei Orçamentária Anual (LOA) chega a R\$ 61,8 bilhões, sendo a maior parte destinada à saúde. Desse montante, R\$ 499 bilhões possuem identificador próprio (individuais, bancada estadual e comissão) e R\$ 11,9 bilhões com identificador genérico das despesas discricionárias.

Nos últimos anos, o financiamento de políticas públicas de saúde tem dependido crescentemente da liberação de emendas parlamentares. Como cabe aos parlamentares indicar os municípios e entidades beneficiados, há um forte componente político na definição, distribuição e liberação desses recursos.

De 2016 a 2025, a fração dessas emendas municipais no orçamento do Ministério da Saúde cresceu de 5% para 17%, o que corresponde a R\$ 21,5 bilhões até o ano passado. O levantamento também identificou que municípios com características populacionais semelhantes

recebem, muitas vezes, valores desiguais de emendas parlamentares na área da saúde.

A título de exemplificação dessas desigualdades, os 20 municípios mais beneficiados por emendas na área da saúde somaram um montante empenhado de R\$ 488 milhões (média de R\$ 23,8 milhões por município). Por outro lado, foi necessário somar, no fim da fila, mil municípios (com média de empenho de R\$ 488 mil reais para cada um) para atingir o mesmo montante aproximado de R\$ 488 milhões.

Mesmo dentro do mesmo estado, localidades com perfil populacional e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) semelhantes podem ser beneficiados com valores distintos. Na Bahia, por exemplo, os 20 pequenos municípios mais beneficiados somaram R\$ 169 milhões, uma média de R\$ 8,5 milhões cada um. Ao mesmo tempo, para atingir esse mesmo valor, foi necessário somar os valores empenhados em favor de 144 municípios baianos (média de R\$ 1,18 milhão para cada um).

“Isso tem feito com que a distribuição e o financiamento das ações e serviços de saúde sejam impactados por decisões de cunho político e não necessariamente baseadas em critérios técnicos”, reforça o presidente da CNM, Paulo Ziulkoski.

Escassez de recursos

Segundo a CNM, o crescimento das emendas ocorre em paralelo com a falta de atualização monetária de vários programas federais de natureza continuada, o que tem obrigado os municípios a aplicarem muito mais do que o piso constitucional (15% da receita de impostos e transferências constitucionais e legais).

“Ausente uma política de atualização sistemática dos valores dos programas federais, o subfinanciamento e a erosão do valor real dos repasses impõe ônus desproporcional às gestões locais, que sofrem diretamente as pressões locais e são obrigadas a complementar recursos. Assim, torna-se necessário instituir uma política de correção anual dos programas, vinculado ao IPCA [Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo] ou outro índice oficial, uma forma de assegurar previsibilidade e justiça federativa”, reivindica a entidade, no estudo.

Fundo de compensação

Como forma de minimizar as distorções, a CNM defende a criação de um Fundo de Equalização e Compensação, com recursos remanejados provenientes de um percentual de 3% de todas as transferências discricionárias

■ **Fração de emendas municipais no orçamento do Ministério da Saúde cresceu de 5% para 17%, totalizando R\$ 21,5 bilhões**

(emendas ou não) com execução a cargo dos municípios. O fundo seria distribuído a todos os municípios que nada ou pouco receberam no exercício anterior, em termos de valor empenhado/habitante, o que pode ser ponderado pelo inverso do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Nesse aspecto, a CNM defende que o remanejamento de parte das emendas e demais transferências discricionárias deve ser compreendido como um instrumento de ajuste de interesse comum, discutido e deliberado pelo próprio Congresso Nacional, destinado a reduzir desigualdades, fortalecer o pacto federativo e garantir maior equidade no acesso aos recursos públicos, especialmente para os pequenos municípios.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (41)

Sou paraibano, sim senhor! Mas não sou paraibano da gema; sou da clara...

“É meio alimento transgênico, mas a Paraíba aceita com orgulho!” (Zuma Nunes).

Vou montar uma peça de teatro chamada *Dactilografia*. Para o elenco, já convidei meu compadre Normando Reis, que vai fazer o papel de escrivão, “batendo” numa Olivetti ao ritmo do humor, sarcasmo, poesia, terror diabólico e diálogos de empregadas domésticas. O descontinuo som das teclas da máquina de escrever evacuando medos e inconveniências da vida.

Madame Satã viveu no Carretel, cabaré da Rua Treze de Maio, em Itabaiana, nos anos 1940, onde levou uma facada na coxa. Um romance que ainda espera para ser escrito.

Se continuar assim, daqui a pouco, a inteligência artificial estará conversando com outra inteligência artificial, dispensando os intermediários, como aquele poeta de cordel que aumentou sua produção em 500%.

Para mim, ler era mais fascinante do que contar dinheiro. A internet tem me afastado dos livros tradicionais.

Guimarães Rosa escreveu uma carta para seu amigo João Cabral de Melo Neto na qual todas as palavras começam com a letra C.

Para os “patriotas” cabeça de vento, citando Bráulio Tavares: “Pátrias são ficções. São conceitos úteis, desde que não se transformem em símbolos absolutos”.

Não creio no anjo da guarda do catolicismo nem nos espíritos mestres do espiritismo, mas bem que gostaria que esses seres fantásticos viessem sofrer minhas dores e me deixar dormir.

“Não existe bem ou mal nas reações nucleares que fazem brilhar as estrelas, nem na força da gravidade, nem nas aglomerações de matéria que produzem planetas, cometas etc. O que existe ali é um cabo-de-guerra permanente entre a Ordem e a Desordem” (Bráulio Tavares).

Quando estudante, fui apresentado ao professor de Língua Portuguesa. “Prefiro língua brasileira”, pensei. E abandonei a escola.

Fui aprender língua brasileira nordestina com os poetas violeiros na feira de Itabaiana, bebendo cachaça com tira gosto de inhamburchoró.

Certo dia, minha comadre Adriana Felizardo escreveu uma carta para a cantora e compositora paraibana Cátia de França, que achei interessante. Em tempo: Cátia tem um disco chamado *Itabaiana*, no qual ela interpreta canção de sua autoria falando da minha cidade adotiva. Um primor de poema sobre a terra de Sivuca.

Na carta, Adriana dizia: “Querida Cátia de França, tenho para mim que comecei a gostar de sua música muito cedo, não sei ao certo em que tempo. A princípio, a sua voz diferenciada, sua maneira de interpretar, e depois prestando atenção nas letras de suas músicas, de uma poesia ríspida, um versejar áspero e cortante como o vento nas quebradas do sertão no estio”.

“Cátia, antes da mediocridade da indústria cultural me alcançar, dei fé do seu canto na Rádio Tabajara. Procurei e achei o disco de vinil em um sebo, gravei, botei no CD e tá lá no cantinho das preciosidades”.

“Nesta carta vai meu agradecimento porque você ajudou a construir minha visão estética em música. Ouvi uma entrevista sua no rádio, tocando violão e cantando, gargalhando e debochando, sendo você mesma, uma figura alegre e sempre além do seu tempo”.

“Soube que você domina a percussão, a flauta, o piano e a sanfona. Com esses instrumentos e sua visão de poeta, desenhou as ‘vinte palavras em torno do sol’ que chegou a embeber em líquido sonoro os ‘cristais de sangue’”.

Saiba Mais

Problema	Evidência	Sugestões
Municípios arcam com aumento de custos da saúde. Sobrecarga financeira dos Municípios	Enquanto a União aplica 15% da Receita Líquida Corrente (RCL) em ações e serviços públicos de saúde (ASPS), os municípios aplicaram, em 2024, 21,6% da RCL	Redefinir o equilíbrio federativo no financiamento das ASPS
Defasagem dos valores dos programas federais	Programas como o Saúde na Escola (PSE), Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e Equipe de Consultório na Rua (ECR), além da defasagem estimada de 50% a 100%, têm custos crescentes. Alguns deles têm custo efetivo cinco vezes maior do que o repasse recebido	Recuperar perdas, instituir atualização monetária anual automática dos valores de referência, vinculada ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) ou índice oficial. Revisar os valores de referência
Crescimento acelerado das emendas parlamentares	Emendas têm tendência de expansão. Alcançaram R\$ 61,8 bilhões na LOA 2026 (considerando-se as emendas RP2 e RP3), com execução majoritária pelos municípios (cerca de 77%)	Redefinir o papel das emendas, preservando-as prioritariamente para investimentos complementares. Emendas não são mecanismo adequado para o custeio da saúde (inclusive despesas com pessoal)
Dependência crescente das emendas para o custeio da saúde. Perda de autonomia dos gestores municipais	Cerca de 50% das emendas destinam-se à saúde; a participação das emendas no Ministério da Saúde subiu de 5,1% para quase 17% da despesa primária	Reforçar o financiamento regular e estruturante do SUS, reduzindo o uso de emendas para custeio permanente
Inadequação das emendas ao custeio continuado	Emendas têm natureza discricionária e anual, incompatível com a continuidade e previsibilidade exigidas pelo SUS (CF, art. 198). O atendimento da população exige critérios de equidade federativa	Separar claramente fontes hábeis ao custeio permanente e ao investimento. Integrar as emendas ao planejamento estratégico do SUS
Distribuição desigual das emendas entre os Municípios	Grande dispersão no valor empenhado por habitante, o que decorre do processo decisório fragmentado; alguns Municípios pouco ou nada recebem	Criar Fundo de Equalização e Compensação que possa atenuar as distorções, compensando-se os pequenos Municípios mais prejudicados pelo processo (valor empenhado/habitante)

MERCOSUL E UE

Acordo vale a partir de 1º de maio

Tratado entre blocos econômicos da América do Sul e da Europa demorou 26 anos para ser concluído

Maria Fernanda Oliveira
Agência Senado

Após 26 anos de diálogos interrompidos e negociações diplomáticas com divergências, o acordo entre o Mercado Comum do Sul (Mercosul) e a União Europeia (UE) entra em uma fase definitiva. Em 1º de maio de 2026, a parte comercial do tratado entrará em vigor de forma provisória, unindo dois blocos que, juntos, somam um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 22,4 trilhões e uma população de 718 milhões de pessoas.

Mais do que uma redução de impostos, o pacto representa uma mudança na arquitetura geopolítica global. Ele também funciona como uma estratégia de inserção internacional e como um acordo entre democracias que buscam mais autonomia e o fortalecimento de suas instituições em um cenário global marcado pelo avanço de regimes autoritários. "Afirmando com convicção: esse acordo não é apenas desejável, ele é necessário. É a oportunidade de colocar o Brasil na primeira liga da economia internacional", avaliou o senador Nelsinho Trad (PSD-MS), presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal.

Para compreender o acor-

do, é preciso voltar às origens das instituições que o assinam. O Mercosul foi criado em 1991 pelo Tratado de Assunção, a partir da união entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Seu objetivo inicial era promover a livre circulação de bens, serviços e pessoas, estabelecendo uma Tarifa Externa Comum (TEC) para negociar com o restante do mundo como um bloco único.

Já a União Europeia tem raízes no pós-Segunda Guerra Mundial com o Benelux (1944) e a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, mas só foi formalizada pelo Tratado de Maastricht em 1992. É o bloco com o maior nível de integração do mundo, possuindo instituições supranacionais e, na maioria de seus 27 países, uma moeda única: o euro.

O diálogo para um tratado de livre-comércio entre essas duas potências regionais começou oficialmente em 1999, motivado por um desejo da Europa de contrabalançar a influência dos Estados Unidos na América do Sul. Segundo o consultor do Senado, especializado em relações internacionais, Tarciso Dal Maso, o acordo atende a interesses de ambos os blocos: de um lado, a União Europeia busca ampliar sua presença

comercial; de outro, o Mercosul ganha acesso a um mercado relevante.

Para a professora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e especialista em América Latina, Regiane Bressan, o acordo é, essencialmente, um pacto comercial entre democracias que buscam autonomia e reforço de suas instituições em um cenário de autoritarismos crescentes. "Mais do que um acordo comercial, trata-se de uma articulação entre países que compartilham valores democráticos em um cenário internacional de incertezas", diz.

Negociações

As negociações para o acordo entre Mercosul e União Europeia evoluíram para um interesse formal em 1994 como uma estratégia europeia para contrabalançar a influência da proposta norte-americana da Área de Livre-Comércio das Américas (Alca).

Após a assinatura do Acordo-Quadro de Cooperação em 1995, as tratativas comerciais começaram oficialmente em 1999, mas enfrentaram um impasse crítico em 2004: divergências sobre o acesso ao mercado agrícola europeu e a abertura industrial sul-americana leva-

ram a uma paralisação quase total até 2010. O diálogo só foi retomado com intensidade em 2016, impulsionado por transformações no comércio global e, principalmente, pela eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos.

Em 2019, veio o anúncio da conclusão técnica, etapa que foi novamente desafiada por exigências ambientais rigorosas e resistências políticas, de 2020 a 2022. Após a consolidação do texto final em 2024 e superadas as pressões de setores agrícolas europeus, o ano de 2026 marcou o desfecho histórico: a aprovação pela União Europeia em 9 de janeiro, a assinatura formal em 17 de janeiro e a aprovação unânime pelo Senado brasileiro em 4 de março, culminando na entrada em vigor provisória da parte comercial em 1º de maio de 2026.

■ Mercosul e UE reúnem 718 milhões de pessoas e movimentam um PIB de R\$ 22,4 trilhões

Linha do tempo do Acordo



Indústria brasileira precisa se modernizar

O acordo revela uma assimetria profunda entre as economias. É o que aponta a gerente de Comércio e Integração Internacional da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Constanza Negri. "Há diferenças estruturais importantes entre as economias, especialmente no nível de desenvolvimento industrial e tecnológico", afirmou. Essa diferença de perfis produtivos reflete de forma desigual entre os setores, com impactos distintos para cada segmento da economia.

Negri observa que a indústria brasileira recebe o acordo com euforia e o vê como uma oportunidade única de modernização. O acesso a tecnologias, máquinas e

insumos europeus mais baratos deve aumentar a produtividade nacional e permitir que empresas brasileiras disputem licitações governamentais na Europa. "Embora haja maior entusiasmo em alguns setores, o acordo é visto pela indústria como positivo, especialmente pela abertura de mercado e pelas novas oportunidades de inserção internacional", declarou.

Por outro lado, a professora Regiane Bressan alerta para o risco de o Brasil se consolidar apenas como um fornecedor de commodities caso não adote políticas industriais agressivas. "Se a indústria brasileira não se modernizar rapidamente e ganhar eficiência, ela pode ser atro-

pelada pela competitividade europeia antes mesmo de aprender a competir".

Tarciso Dal Maso sugere que, mesmo setores considerados vulneráveis ao novo acordo, como vinhos e derivados de leite, podem se beneficiar do intercâmbio para a obtenção de acessórios como garrafas e rolhas. Em contrapartida, o agronegócio dedicado a café e frutas terá ganhos imediatos com a zeragem de tarifas. "Há dificuldade de competir em alguns segmentos, mas a importação de insumos mais baratos pode reduzir o preço final dos produtos".

Salvaguardas

Um dos termos mais de-

batidos nas negociações foi o de "salvaguardas" bilaterais. Elas são mecanismos de defesa comercial que os signatários podem acionar em benefício da sua estabilidade interna. Na prática, funcionam como um "freio de emergência": elas permitem que um país suspenda temporariamente os benefícios de redução de impostos caso ocorra um pico de importação inesperado que ameace um setor da indústria ou do agronegócio nacional.

A urgência desse tema cresceu quando a União Europeia decidiu diminuir o "gatilho" para acionar suas proteções: se antes era necessário um aumento de 10% nas importações

para intervir, agora basta um aumento de 5% em relação à média de três anos para produtos como carne, mel e açúcar. Como resposta, e para garantir a reciprocidade, o governo brasileiro

editou o Decreto nº 12.866 no mesmo dia da aprovação do acordo pelo Senado, assegurando que o Brasil possa reagir na mesma moeda caso seus produtores sejam prejudicados.

Cooperação política e ambiental pode demorar ainda dois anos

O interesse dos membros do Mercosul pelo acordo nunca esteve em dúvida, mas a aprovação do texto em 27 parlamentos diferentes da Europa sinalizava uma complexidade política desafiadora. Por isso, o tratado foi "fatiado". O Acordo Provisório de Comércio foca na parte econômica e comercial, exigindo apenas a aprovação do Parlamento Europeu e dos países do Mercosul para começar a valer. É este que começa a produzir seus efeitos em maio.

Já o Acordo Geral, que trata de cooperação política e governança ambiental profunda, exige a ratificação individual de cada Estado-membro da UE — incluindo países que ofe-

recem forte resistência, como França, Polônia e Irlanda. Por enquanto, o Tribunal de Justiça da União Europeia analisa a legalidade do texto, um processo que pode levar até dois anos, mas que não impede a vigência comercial imediata iniciada em maio.

"Primeira liga"

Para o senador Nelsinho Trad, presidente da Comissão de Relações Exteriores (CRE), o acordo é "a chave" para dinamizar a economia brasileira, gerar empregos e atrair investimentos, colocando o Brasil na "primeira liga" do comércio internacional. Ele ressalta que o país passa a ser visto como um

parceiro previsível, o que atrai investimentos estrangeiros de longo prazo.

"A implementação do acordo exige acompanhamento permanente do Parlamento, com avaliação contínua de seus impactos e adoção de medidas que assegurem uma transição equilibrada e a preservação da competitividade da economia brasileira", avalia o senador.

Para garantir que essa transição seja segura, a CRE já institucionalizou um grupo de trabalho permanente, dedicado a monitorar os impactos reais e propor medidas de ajuste que protejam a competitividade da indústria nacional durante a implementação do tratado.

Saiba Mais

A abertura dos mercados arquitetada pelo acordo não será total nem imediata para todos. O documento organiza os produtos em três pilares fundamentais:

■ Zeragem imediata

Produtos que terão imposto zero já no primeiro dia de vigência do acordo. É o caso do café e das frutas, setores em que o Brasil é altamente competitivo. Outros itens do agronegócio também entram nessa categoria, como nozes, óleos e couros, que passam a acessar o mercado europeu sem tarifas desde o início.

■ Desgravação progressiva

Reduções graduais que ocorrem ao longo de anos ou até décadas. O setor de carros elétricos e híbridos, por exemplo, terá queda lenta nas tarifas, dando tempo para a indústria nacional se adaptar. O mesmo vale para tecnologias como veículos a hidrogênio. O acordo também prevê a abertura gradual para máquinas e equipamentos industriais europeus, o que pode reduzir custos e estimular a modernização. No caso das autopeças, há segmentos em que o Brasil já é competitivo, favorecendo a integração das cadeias produtivas.

■ Cotas para produtos sensíveis

Itens que nunca terão tarifa totalmente zerada. Haverá um limite de volume (cota) com imposto reduzido. Para a carne bovina, o teto é de 99 mil toneladas por ano; acima disso, a tarifa volta ao normal. O modelo repete-se em setores como o de lácteos, com restrições para proteger a produção nacional, e na carne de frango, com controle para evitar aumento brusco da oferta. Açúcar e arroz também têm volumes limitados, assim como o mel, que pode perder benefícios se houver alta nas importações. No caso dos vinhos, o equilíbrio passa mais pela redução de custos de insumos do que por cotas.

NORDESTE

Editais da semana reúnem 288 vagas

Seleções públicas de Goianinha, Itatuba e DER de Alagoas oferecem vagas com salários de até R\$ 12,5 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Abril entra na reta final com novas chances para quem almeja ingressar no serviço público e não pretende tirar o pé dos estudos — nem por causa dos feriados. Com o calendário de concursos ainda aquecido, o momento é de atenção redobrada aos prazos. Ao todo, estão em disputa 288 vagas imediatas, em seleções na Paraíba, no Rio Grande do Norte e em Alagoas. Entre os destaques, estão os concursos da Prefeitura de Goianinha, com o maior volume de oportunidades, o da Prefeitura de Itatuba, com inscrições prorrogadas até maio, e o do Departamento de Estradas e Rodagem de Alagoas (DER-AL), voltado a engenheiros civis.

Inscrições prorrogadas

Com as inscrições prorrogadas até 10 de maio, o edital da Prefeitura de Itatuba, no Agreste paraibano, aparece como oportunidade real para os concurrenistas do estado. São 83 vagas para cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior, em áreas que vão da saúde à educação, passando por funções operacionais e de apoio à administração municipal. Na lista de oportunidade, aparecem cargos como enfermeiro, médico, fisioterapeuta, psicólogo, técnico em Enfer-

magem, professor, agente de saúde, vigia, fiscal de obras e merendeira, entre outros. Os salários variam de R\$ 1,6 mil a R\$ 12,5 mil, a depender do cargo e da formação exigida, para jornadas de 20 a 40 horas semanais.

Para participar, o candidato deve inscrever-se pelo site da Ápice Consultoria e ler atentamente o edital. As taxas cobradas são de R\$ 40 para funções de nível fundamental, R\$ 50 para nível médio/técnico e R\$ 60 para nível superior, com prazo de pagamento até 15 de maio. Quanto ao processo de avaliação, ele será composto por prova objetiva para todos os cargos, prevista para 21 de junho, além de análise de títulos para cargos de nível superior e prova prática para electricista e motorista. Todas as etapas serão realizadas no próprio município de Itatuba.

Diversidade

Agora, se o critério for volume de oportunidades, o concurso da Prefeitura de Goianinha, município potiguar localizado a 58 km de Natal, é o principal destaque da semana. O edital conta com 195 vagas imediatas, além de formação de cadastro reserva, para cargos de níveis médio e superior, incluindo funções de assistente social, artesão, biomédico, dentista, enfermeiro, farmacêutico, fisioterapeuta, médi-

cos em diferentes especialidades, nutricionista e psicólogo, entre outras. Já na educação, há oportunidades para secretário escolar, coordenador pedagógico e professores de diferentes disciplinas e etapas de ensino. Os salários, por sua vez, vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 6,1 mil, com jornadas de 30 a 40 horas semanais, conforme a função pretendida.

As inscrições seguem abertas até 4 de maio, no site do Instituto de Desenvolvimento Institucional Brasileiro (Idib), com taxas de R\$ 120 para cargos de nível médio e R\$ 140 para nível superior. Sobre a seleção dos candidatos, a prova objetiva está prevista para 7 de junho e todos eles passarão por essa etapa, com caráter classificatório e eliminatório. Além disso, os cargos de nível superior também contarão com prova discursiva, aplicada no mesmo dia, enquanto os professores terão a etapa adicional de análise de títulos. Vale lembrar que todo o processo ocorrerá na cidade de Goianinha.

Alagoas

Fechando o ciclo, o concurso da Secretaria do Planejamento, Gestão e Patrimônio de Alagoas (Seplag-AL) em conjunto com o Departamento de Estradas e Rodagem de Alagoas (DER-AL) oferece um recorte bem mais específico. O edital prevê 10 vagas imediatas, além de ca-



Em Itatuba, são 83 vagas para cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior

adastro reserva, para o cargo de assessor técnico rodoviário, voltado, exclusivamente, a profissionais com nível superior em Engenharia Civil e registro no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea).

A remuneração é de R\$ 8,4 mil para uma jornada de 40 horas semanais, com lotação em Maceió. Para os engenheiros dispostos a mudarem de endereço, as inscrições devem ser feitas até 14 de maio, no site do Cen-

tro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebasp), com taxa de R\$ 150. Já as provas, objetiva e discursiva, serão aplicadas em 5 de julho, no turno da tarde, na capital alagoana.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Itatuba



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Goianinha



Use o QR Code para acessar o edital do DER-AL

Artesã transforma técnicas e identidade cultural em profissão

Durante muito tempo, o artesanato ocupou um espaço menor na estante das profissões, sendo associado ao ambiente doméstico e ao complemento da renda, quase como uma atividade paralela. Ainda hoje, muita gente admira a peça pronta, mas não enxerga com o mesmo peso a técnica, a pesquisa e o tempo envolvidos em sua produção. Mas viver do trabalho feito à mão exige bem mais do que talento. Além de dominar o ofício, esse profissional precisa saber transformar criação em negócio e sustentar o próprio valor em um mercado que insiste em subestimá-lo. É essa realidade que as artesãs Dalila Gomes da Silva e Julieta de Lourdes Estevão ajudam a desmistificar.

Marca histórica

Segundo a macramista Dalila, especialista em moda, gestão e produção cultural, um dos equívocos mais comuns sobre a profissão é tratá-la como passatempo ou terapia, sem reconhecer a estrutura de trabalho que existe por trás de cada peça. Ela observa que o artesanato ainda carrega uma bagagem histórica muito ligada à esfera doméstica, herança de uma produção atribuída às mulheres como extensão das tarefas da casa. “Por isso, hoje em dia, é importante que o próprio artesão entenda o seu lugar na sociedade e



Julieta aprendeu a bordar ainda criança, com a mãe

eduque as pessoas ao seu redor, sejam clientes ou admiradores, para que compreendam que se trata de trabalho e, portanto, deve ser bem remunerado”, afirma, ao defender que esse reconhecimento precisa partir, também, de quem exerce esse ofício. Na prática, isso significa olhar para a profissão para além do trabalho manual em si.

Cada peça envolve uma série de etapas, como escolha de material, precificação, acabamento, divulgação e a própria relação com o cliente.

Há 60 anos como artesã, Julieta, que aprendeu a bordar ainda criança, com a mãe, lembra que a desvalorização nasce, muitas vezes, do desconhecimento. “As pessoas que não sabem fazer

artesanato acabam desvalorizando esse trabalho, justamente, por não saberem como ele é feito”, analisa. Por isso, ela defende não apenas a exposição da peça pronta, mas, também, do processo, como forma de torná-lo mais visível — de nó em nó. Ao recordar suas experiências em eventos pela Paraíba, Julieta conta que, ao produzir diante das pessoas, percebia um impacto diferente. “Elas dizem que nunca tinham visto, nem imaginavam, que o macramê fosse feito daquela forma”, detalha.

Profissionalização

Se a peça costuma concentrar toda a atenção, a profissão, em si, é mais ampla do que parece. No caso de Dalila, essa compreensão veio logo cedo: ao produzir, ainda jovem, suas próprias bijuterias, ela foi transformando o artesanato em fonte de renda e, depois, em negócio. “Na época, minha mãe pediu para que eu fizesse algumas peças para apresentar às amigas. Eu e minha irmã também bordávamos em ponto cruz itens de cama, mesa e banho”, recorda. Por isso, ela explica que não existe, no Brasil, um curso técnico ou uma graduação específica para “formar” artesãos, mas há muitos caminhos possíveis. A aprendizagem pode nascer de habilidades desenvolvidas desde cedo — como aconteceu com ela

—, de saberes ligados à cultura popular ou da prática contínua de técnicas como crochê, bordado, renda e entalhe. O ponto de virada, segundo a artesã, surge quando essa habilidade passa a ser tratada como profissão. “Se a ideia for comercializar o produto, a minha sugestão é estudar empreendedorismo”, orienta.

A profissionalização, como Dalila destaca, demanda uma mudança significativa de postura. Para viver do próprio trabalho, o artesão precisa entender de gestão financeira, marketing, logística, vendas e pós-venda, além da técnica. Em outras palavras, não basta saber fazer: é preciso compreender para quem o produto é feito e como será apresentado ao mercado. Nesse sentido, Julieta, que também trabalha com macramê e é mestra no ofício, reforça que cursos e capacitações fazem toda a diferença e ajudam o artesão a encontrar sua linguagem própria. “Tem que se capacitar. Há muitos cursos bons de artesanato”, afirma, ao citar como exemplo as formações oferecidas pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Mas ela chama atenção para um detalhe importante: qualificação, nesse caso, não significa apenas aprender uma técnica, mas

“entender qual é a sua cara”.

Não por acaso, a construção dessa identidade aparece como um ponto importante da profissão. Julieta é direta ao falar do que ajuda uma artesã a conquistar seu espaço no mercado: “É fazer diferente, fugindo da mesmice. Podemos trabalhar com o mais simples e fazer o mais belo”, finaliza. Dalila, por sua vez, aconselha quem deseja entrar nesse universo a ser persistente e, ao mesmo tempo, capacitado para lidar com esse mercado. “Seja resiliente, porque o artesanato no Brasil, ainda que esteja na ‘moda’, ainda não tem um consumidor preparado para consumi-lo”, conclui.

Oportunidade

Para quem busca espaço no serviço público, o concurso da Prefeitura de Goianinha, no Rio Grande do Norte, traz uma vaga para artesão, com salário de R\$ 1,6 mil e jornada de 40 horas semanais. O cargo exige Ensino Médio completo e conhecimentos ligados a patrimônio e identidade cultural, artes popular e tradicional, além de técnicas de artesanato como trançado, cestaria, macramê, bordado, crochê e tapeçaria. O edital também inclui como conhecimentos específicos noções de empreendedorismo, marketing, fotografia de produtos, venda em feiras e plataformas digitais, logística e embalagem.

Selic

Fixado em 18 de março de 2026

14,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

-0,10%

R\$ 4,998

Euro € Comercial

+0,18%

R\$ 5,857

Libra £ Esterlina

+0,26%

R\$ 6,788

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2026 0,88

Fevereiro/2026 0,7

Janeiro/2026 0,33

Dezembro/2025 0,33

Novembro/2025 0,18

Ibovespa

190.745,02 pt

-0,33%

CRÉDITO COLETIVO

Alta da Selic impulsiona contratação de consórcios

Modalidade de autofinanciamento avançou 12,6% no primeiro bimestre de 2026

Samantha Pimentel
samanthaunio@gmail.com

Com a taxa básica de juros em 14,75% ao ano, o consórcio ganha espaço entre brasileiros como alternativa de financiamento. A modalidade, que se destaca pela ausência de juros na aquisição de bens e serviços, começou 2026 em alta, com 12,85 milhões de participantes ativos no país no fim do primeiro bimestre, 12,6% a mais que o registrado no mesmo período do ano passado, segundo a Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios (Abac).

Em 2025, dos cerca de 12,75 milhões de participantes ativos, 22,9% estavam no Nordeste, segunda maior participação regional, atrás apenas do Sudeste. A Paraíba concentrou 1,5% desse total, ou seja, cerca de 195 mil pessoas participavam de consórcios. Apesar do avanço do setor e das facilidades oferecidas pela modalidade, especialistas recomendam avaliar com cuidado as vantagens e desvantagens para verificar se esse tipo de investimento é, de fato, o mais adequado às necessidades do cliente.

A modalidade funciona da seguinte forma: o consorciado une-se a um grupo com outros participantes, com foco na aquisição de uma carta de crédito de valor determinado, seja para adquirir um veículo, um imóvel ou um serviço.



Foto: Evandro Pereira

Compra programada destaca-se por não cobrar juros para aquisição de bens e serviços

Para isso, todos pagam um valor mensal pelo tempo estipulado, mas a aquisição desse bem não acontece de forma imediata. Há sorteios, geralmente mensais, para contemplar algum dos participantes. Para quem dispõe de uma parte do valor total, também é possível dar lances, numa espécie de leilão, para agilizar esse processo.

Existem dois tipos de lances para adquirir a carta de crédito mais rápido e não contar apenas com a sorte. “O fixo é limitado em determinado percentual, normalmente em 40% do valor total. Já no livre, as pessoas vão dando os lances e os maiores daquele mês são validados, para o cliente também utilizar o crédito”, explica Ivo Cavalcante, consultor comercial da Sercosi Corretora de Seguros, localizada

em Campina Grande.

Além disso, os valores pagos no consórcio podem sofrer alterações, geralmente anuais, de acordo com taxas como o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), entre outras estabelecidas previamente em contrato. As taxas de administração variam entre administradoras, por isso vale pesquisar para garantir a melhor condição.

Se acontecer de uma pessoa entrar num consórcio e não conseguir permanecer até o fim, devido a algum imprevisto financeiro, há a possibilidade de redução ou repasse da cota. Nesses casos, o cliente recebe a restituição do valor pago até então, com alguns descontos da administração.

O economista Alexandre Nascimento explica por que o consórcio tem se mostrado atrativo nesse momento. “Um dos índices que atualizam as parcelas do consórcio é o IPCA, que na inflação acumulada nos últimos 12 meses está em torno de 4% a 4,5%, se você comparar isso com a Selic [Sistema Especial de Liquidação e de Custódia] de 14,75%, mesmo com a taxa de administração diluída no consórcio, você tem realmente uma diferença grande”, destaca.

O economista explica, ainda, que diversas instituições financeiras operam com essa modalidade, regulada pelo Banco Central (BC). Ele recomenda que o interessado verifique, antes da contratação, se a empresa é autorizada no site do BC, evitando possíveis golpes.

Especialistas explicam vantagens e riscos

A engenheira civil, Maria Laura Fernandes Bezerra, optou pelo consórcio na hora de trocar de carro. Ela conta que seu primeiro veículo, adquirido em 2019, já havia sido comprado por essa modalidade. “O segundo automóvel que tive foi por meio de financiamento, onde consegui perceber que os juros estão muito altos. Eu estava pagando R\$ 2 mil de parcelas mensais pelo carro financiado e então acabou que vendi esse carro e adquiri meu terceiro carro por meio do consórcio, um Honda Civic, pagando parcelas de menos de R\$ 500 mensais”, relata, destacando que sua experiência é muito positiva.

Contudo, ela ressalta que a aquisição de bens por essa modalidade não é imediata, o que não é o ideal para todo mundo. No ato da contratação, Maria Laura conta que foi bem orientada nesse sentido, buscando alinhar seus objetivos com a previsibilidade de contemplação, e para escolher o grupo que melhor se encaixava com suas expectativas.

Segundo o consultor comercial Ivo Cavalcante, atualmente, há grupos para compra de carro com créditos a partir de

R\$ 25 mil e prazos de 50 a 90 meses. No caso dos imóveis, os valores começam em R\$ 70 mil, mas os mais procurados ficam entre R\$ 180 mil e R\$ 200 mil, com prazo de até 200 meses (cerca de 16 anos). “Comparado a um financiamento, é praticamente metade do prazo. E um crédito nessa faixa de R\$ 180 mil está saindo em torno de R\$ 704 por mês”, afirma o consultor.

Entre os contras, o planejador financeiro, Guilherme Baía, destaca que a variação do valor das parcelas do consórcio podem ser de difícil planejamento. “Fatores como taxa de administração e fundo de reserva — que pode ser devolvido ao cliente no fim — impactam diretamente sobre o valor a ser cobrado. Considerando que os reajustes da carta de consórcio são pós-fixados, quase sempre dependendo de um índice de preços, é preciso considerar que a parcela reduzida de um consórcio até a contemplação acumula saldo devedor sobre o qual incidirá o reajuste, fazendo com que o valor da parcela a ser paga após a contemplação tornem o pagamento uma surpresa

nada agradável”, aponta.

Ele pontua ainda que a evolução no valor dos imóveis, por exemplo, tende a superar os índices de preços. “Então, a demora na contemplação pode gerar insuficiência de fundos para a família conseguir a aquisição, gerando frustrações”, afirma.

Para quem usa o consórcio como uma espécie de “poupança forçada”, pensando em recolher o valor total ao fim do prazo, ele afirma que aplicar o dinheiro em investimentos seria mais eficaz. “Aplicações como Tesouro Selic, CDBs e CDI entregam liquidez e rentabilidade bastante superiores aos índices de preços, pagando rentabilidade real. Caso a família ainda não tenha condições de dar a entrada necessária e arcar com as parcelas, é melhor que ela tenha liberdade de escolhas, inclusive estando líquida [com dinheiro disponível] para eventualidades que possam surgir”, orienta.

Tanto o economista Alexandre Nascimento, quanto o planejador financeiro Guilherme Baía convergem no entendimento de que o consórcio pode ser uma alternativa interessante, desde que o consumidor

compreenda bem seu funcionamento e, sobretudo, disponha de capital para ofertar lances e antecipar a contemplação do bem ou serviço desejado.



Foto: Guilherme Baía, Arquivo Pessoal

“A demora na contemplação pode gerar insuficiência de fundos para a família conseguir a aquisição, gerando frustrações”

Guilherme Baía

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaoboscoferraz@gmail.com | Colaborador

A era das habilidades integradas

O mercado de trabalho brasileiro atravessa um período de profunda reconfiguração. Um dado recente do Ipea acende um alerta para educadores e profissionais: cerca de 38% dos trabalhadores no país ocupam cargos que exigem uma escolaridade inferior à que possuem. Esse fenômeno revela que, embora o diploma universitário continue sendo uma porta de entrada fundamental, ele deixou de ser a garantia de uma carreira ascendente. Para os egressos das universidades e jovens em busca de colocação, a questão mudou: não é mais apenas sobre “o que você estudou”, mas sobre “o que você consegue realizar” com esse conhecimento.

Nesse contexto, a diferenciação entre *hard skills* (habilidades técnicas) e *soft skills* (competências comportamentais) torna-se a bússola para quem deseja escapar da estatística do subemprego. Como bem pontua Helena Castro, coordenadora de Pessoas e Cultura da plataforma Refuturiza, a formação acadêmica, hoje, é vista apenas como a base. Segundo a especialista, o que realmente desloca o ponteiro em um processo seletivo é a capacidade do candidato de se posicionar e demonstrar como aplica seu saber no caos do dia

a dia corporativo.

O Peso da Técnica e a Força do Comportamento. As *hard skills* — o domínio de *softwares*, a fluência em idiomas e o conhecimento técnico específico — são o “bilhete de entrada”. São competências mensuráveis e ensináveis. No entanto, em um mundo em constante transformação digital, essas habilidades têm prazo de validade cada vez mais curto. É aqui que as *soft skills* ganham

“

O diploma abre a porta, mas são as habilidades humanas que definem quem permanece na sala e assume as cadeiras de liderança

protagonismo. Habilidades como inteligência emocional, adaptabilidade e comunicação efetiva são, na prática, as que garantem a sustentabilidade de uma carreira.

Helena Castro ressalta que as competências comportamentais são decisivas porque influenciam diretamente o clima organizacional e a qualidade das entregas. “Um profissional pode ter um excelente conhecimento técnico, mas, se não souber trabalhar em equipe, dificilmente conseguirá evoluir”, afirma. Para os jovens que estão saindo agora das universidades, o desafio é entender que o mercado não busca apenas “resolvedores de provas”, mas solucionadores de problemas que saibam navegar por conflitos e mudanças de rota.

Para quem busca a primeira oportunidade ou uma recolocação melhor, a estratégia deve ser dupla. Primeiro, o aperfeiçoamento contínuo das técnicas através de cursos livres e especializações. Segundo, e talvez mais difícil, a lapidação do comportamento. Ela sugere é que, no momento de apresentar essas competências no currículo ou em entrevistas, o candidato fuja do lugar-comum. Em vez de listas genéricas como “sou proativo”, o mercado valoriza exemplos reais de situações em que a liderança ou o pensamento crítico foram colocados à prova.

O novo paradigma do emprego exige um profissional híbrido. O diploma abre a porta, mas são as habilidades humanas que definem quem permanece na sala e assume as cadeiras de liderança. O sucesso, portanto, reside na intersecção entre o saber técnico e a arte de se relacionar.

FOZ DO AMAZONAS

Optar pelo petróleo pode custar caro

Estudo prevê que o Brasil perderá R\$ 47 bilhões em receita e benefícios se escolher a exploração na Margem Equatorial

Fabiola Sinimbu
Agência Brasil

Ao optar pela exploração de petróleo na Foz do Amazonas, o Brasil poderá abrir mão de R\$ 47 bilhões em receita e benefícios que poderiam ser gerados na escolha por energia renovável e biocombustíveis, segundo estudo inédito da WWF-Brasil, lançado na última semana.

O montante soma as perdas de R\$ 22,2 bilhões estimadas para o investimento em combustíveis fósseis na Margem Equatorial aos R\$ 24,8 bilhões que o país deixaria de lucrar pela ausência de investimentos na eletrificação da matriz energética.

Perdas e ganhos

Para entender o que o país pode ganhar e perder ao investir em uma nova fronteira petrolífera em um contexto de transição energética acelerada e riscos crescentes, o estudo promovido pela WWF-Brasil usou como metodologia a Análise Socioeconômica de Custo-Benefício (ACB). É a mesma medição recomendada pelo Tribunal de Contas da União para avaliação de grandes investimentos públicos.

De acordo com Daniel Thá, consultor da WWF-Brasil, a ACB é um método bastante sistemático e comparativo com critérios objetivos, baseados em evidências, transparentes e comparáveis, em uma perspectiva de longo prazo.

“É uma análise que não está focada no lucro do investidor privado ou no imposto que o governo recolhe. Está balizada no retorno para todos os atores da so-

riedade, incluindo governo, empresa e famílias”, explica.

Bacia

O estudo partiu de um cenário de desempenho produtivo da bacia da Foz do Amazonas, em um período de 40 anos, considerando os 10 primeiros anos necessários à exploração para identificar e comprovar o petróleo, além de desenvolver a nova frente de extração do recurso.

Nos 30 anos seguintes, com o início da operação, foram levantados investimentos compatíveis com o mercado e o preço do petróleo no longo prazo, a partir de 2036 — quando os barris es-

Cálculo

O valor total do prejuízo inclui R\$ 22,2 bilhões em perdas com combustíveis fósseis e R\$ 24,8 bilhões que deixariam de ser ganhos com a eletrificação da matriz energética

tariam disponíveis no mercado. A reserva considerada seria de 900 milhões de barris de petróleo, com a capacidade de explorar 120 mil barris ao dia a partir de 20 poços exploratórios

Partindo do ponto de vista exclusivamente financeiro, descontados os custos das operações, as empresas teriam lucro a partir do valor de venda de US\$ 39 por barril. Atualmente, o barril de petróleo está em torno de US\$ 100.

Segundo Daniel Thá, o lucro seria mais ou menos vantajoso conforme as ações climáticas adotadas pelo país. “As petroleiras dependem

muito de um mundo sem ação climática suficiente para terem lucro”, pondera.

Efeitos

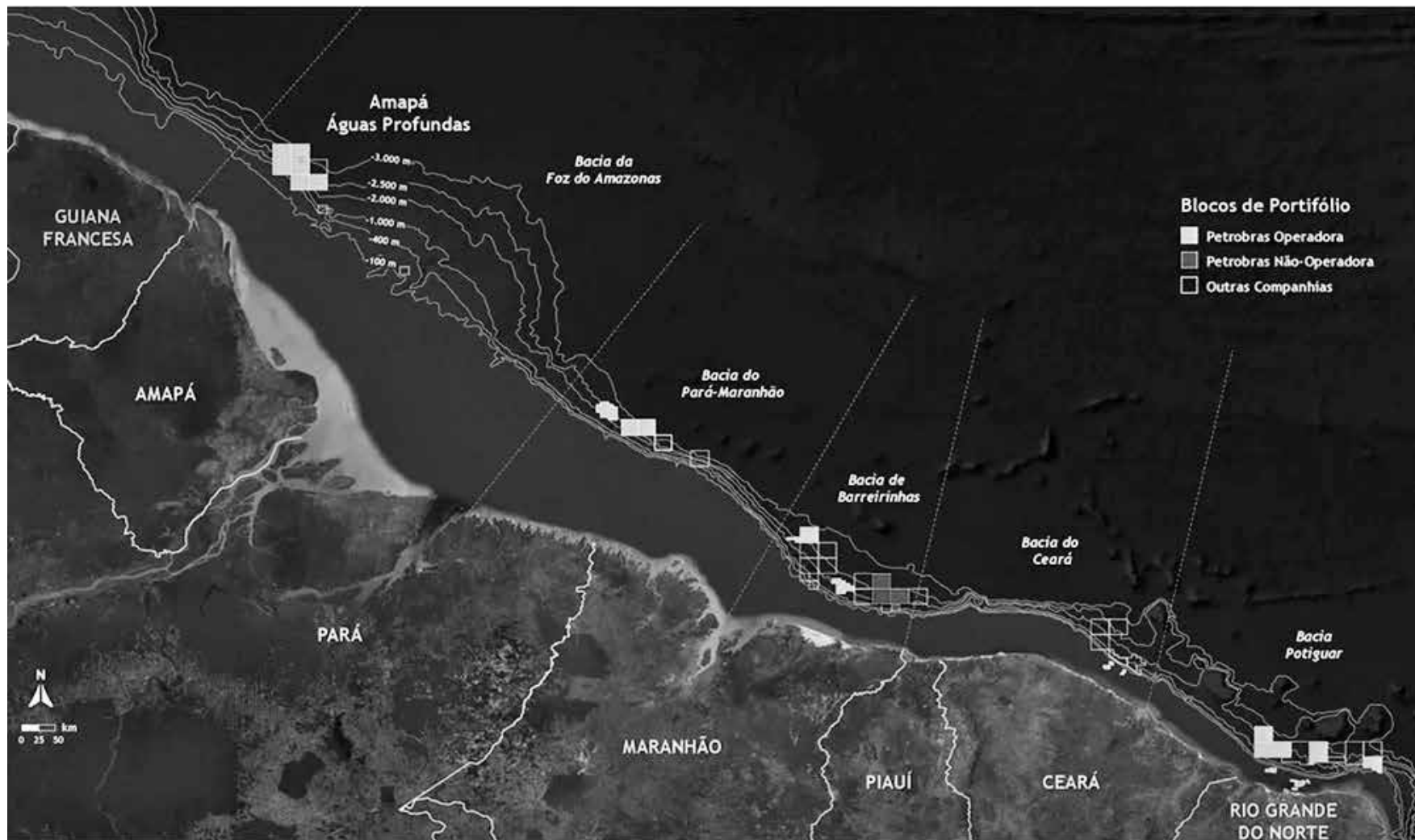
O cálculo inclui ainda o custo social do modelo adotado na Foz do Amazonas, tendo como principal efeito colateral as emissões de gases de efeito estufa, conforme critérios da Agência Internacional de Energia.

“Nós conseguimos, a partir do desenho desse modelo representativo, estimar emissões de 446 milhões de toneladas de CO₂ equivalente. A maior parte na fase de consumo dos combustíveis”, explica o consultor da WWF-Brasil.

O montante das emissões, apenas considerando o custo social do carbono, pode variar de R\$ 21 a R\$ 42 bilhões em prejuízos gerados à população.

Na prática, ao considerar prejuízos como esses, os pesquisadores chegaram à conclusão de que o saldo líquido da nova frente petrolífera na Foz do Amazonas geraria perda de R\$ 22,2 bilhões em 40 anos.

“A adição dessas externalidades faz com que a somatória dos custos de exploração e produção mais as externalidades não sejam superadas pelo volume de benefícios que é gerado”, explica Daniel Thá.



Localizada entre o Amapá e o Pará, a bacia tem potencial para produção de 30 bilhões de barris de petróleo e é cotada para substituir o pré-sal pós-2030

Eletrificação e biocombustíveis são alternativas mais vantajosas

A partir desse modelo, a rota do petróleo foi comparada a outros dois sistemas com os mesmos parâmetros de investimentos, quantidade de energia entregue, volume de combustível e risco de mercado nos mesmos 40 anos.

O estudo adota como premissa que a demanda social é por energia, e não pelo petróleo em si. Para viabilizar a comparação entre diferentes fontes, a produção média anual de petróleo foi conver-

tida em uma unidade de medida equivalente, totalizando 48,63 TWh/ano. Essa métrica serve como base para avaliar se alternativas, como a eletrificação, podem entregar o mesmo serviço energético com custos e impactos reduzidos.

Para o cenário de eletrificação, foram considerados 50% de eólica em solo, 42% de solar fotovoltaica, 4% de biomassa —bagaço de cana— e 4% de biogás previstos no último Plano Decenal de Expan-

são de Energia.

“Desvendamos que essa rota de eletrificação, que é imediata e não precisa esperar os 10 anos de exploração da rota do petróleo, traria um retorno positivo para sociedade, ou seja, mais benefícios que custos e externalidades, de quase R\$ 25 bilhões”, afirma Daniel Thá.

Para o terceiro cenário que trabalha com os biocombustíveis, a gasolina foi comparada ao etanol, o diesel ao biodie-

sel, o combustível de aviação ao SAF (sigla em inglês para combustível sustentável de aviação) e o gás de petróleo foi comparado ao biometano.

Apesar de apresentarem custos mais altos em comparação ao do petróleo, o prejuízo das externalidades (efeitos colaterais) foi menor, explicam os cientistas. Isso faz com que a soma desse cenário chegue a um custo 29,3 bilhões menor do que o da rota de combustíveis fósseis.

Petrobras

A Margem Equatorial, especialmente a bacia da Foz do Amazonas, é a nova fronteira de exploração de petróleo e gás no Brasil, com potencial estimado de 30 bilhões de barris de petróleo.

Localizada entre o Amapá e o Pará, a região é sensível, com vasta biodiversidade, próxima de rios importantes e da floresta. Ao mesmo tempo, para a Petrobras, a área é considerada crucial para substituir o pré-sal pós-2030.

Na avaliação da estatal, a produção de óleo a partir da Margem Equatorial é uma decisão estratégica para que o país não tenha que importar petróleo no horizonte de 10 anos.

O governo brasileiro defende ainda que os recursos dos combustíveis fósseis financiem a transição energética do país.

Governo defende que a produção de óleo é estratégica para que país se torne autossuficiente em 10 anos



Comparação do petróleo a outros sistemas levou em conta os mesmos parâmetros de investimento e quantidade de energia gerada

EMPRESA - EMPRESA DE PREMOLDADOS S/A CNPJ.09.138.462/0001-44
Capital Autorizado: R\$25.000.000,00
Capital Subscrito/Integralizado... R\$ 6. 546.750,79

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA —
1ª CONVOCAÇÃO

Ficam convidados os Senhores Acionistas da EMPRESA DE PREMOLDADOS S/A a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, a realizar-se no dia 06/05/2026, às 10:00 horas, em sua sede social situada na Rua Severino Bento de Moraes, s/n, Funcionários II, João Pessoa - PB, a fim de deliberarem sobre a seguinte ORDEM DO DIA:

1. Reforma do Estatuto Social:

a) Alteração do Artigo 3º (Objetivos Sociais), para inclusão da atividade de compra e venda de imóveis próprios, gestão e exploração patrimonial (CNAE 68.1), visando a nova orientação de negócios da companhia;

b) Autorizar, nos termos do Artigo 37, inciso XV, a alienação do imóvel denominado 01 (uma) área de terras cognominada pela letra A, desmembrada em menor fração de uma de uma área remanescente do Loteamento João Paulo II, de 14 hectares de 1.862m², em perímetro urbano, nesta capital, limitando-se pela frente com o antigo matadouro da CIAN, e a Rua Severino Bento de Moraes, medindo 250m,00; fundos com o lote B, de propriedade da COJUDA, medindo 249m,00; lado direito com a Rua Projetada, medindo 260m,00; lado esquerdo com o Loteamento das Oliveiras, medindo 236m,00, área total de aproximadamente 6,1 hectares, registrado no Cartório de Registro de Imóveis (1º Ofício e Registral Imobiliário da Zona Sul) sob n.º de matrícula: 29165.

2. Outros assuntos de interesse social.

Encontram-se à disposição dos acionistas, na sede social, todos os documentos referentes às matérias a serem deliberadas, em conformidade com o Artigo 133 da Lei 6.404/76.

João Pessoa, 24/04/2026.

Ana Maria de Medeiros
Presidente do Conselho de Administração

SEM FRONTEIRAS

PB viabiliza mais acesso à formação internacional

Programa contempla alunos de graduação e pós-graduação, já em 2026

Ilusk Cavalcante
Ascom Secties

Com mais de 90 vagas ofertadas e editais distribuídos ao longo de 2026, o Programa Paraíba sem Fronteiras entra em uma nova fase de expansão. A iniciativa amplia o acesso à formação internacional ao contemplar estudantes de graduação, pós-graduação e pesquisadores, além de fortalecer a cooperação com instituições de ensino no exterior.

Ao longo dos primeiros meses do ano, o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq), colocou em prática uma nova etapa do programa, marcada pela expansão das chamadas públicas e pela diversificação dos perfis contemplados.

“A mobilidade internacional ofertada pelo Paraíba sem Fronteiras não termina com o retorno do estudante ou pesquisador. Tudo isso faz parte de uma estratégia de desenvolvimento, que conecta a Paraíba aos centros mais avançados de produção de conhecimento e permite que esse conhecimento volte em forma de inovação, qualificação e oportunidades”, disse secretário da Secties, Claudio Furtado.

As oportunidades são distribuídas em diferentes editais, que contemplam graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado e até a atração de pesquisadores estrangeiros para atuar no estado. Os editais lançados neste ano contemplam instituições de Ensino Superior no Reino Unido, Itália e Espanha, além de chamadas que permitem a realização de atividades em qualquer país, desde que o candidato tenha um contato prévio ou uma carta de aceite em uma instituição anfitriã com relevância acadêmica reconhecida.

Entre os destinos, estão o Warwickshire College and University Centre, no Reino Unido; a Universidade de Florença e a Universidade de Turim, na Itália; e a Mondragon Unibertsitatea, na Espanha.

As áreas contempladas também são diversas, incluindo engenharia, tecnologia, ciências da vida, física, arqueologia, pa-

trimônio cultural, educação, negócios e comunicação, o que amplia o acesso de estudantes de diferentes perfis acadêmicos.

Editais com inscrições abertas

Atualmente, três frentes principais concentram as oportunidades com inscrições em andamento, todas realizadas exclusivamente pela plataforma Sigfapesq.

Na Universidade de Florença, na Itália, estão abertas duas chamadas que somam 10 vagas. Para graduação sanduíche, são ofertadas sete vagas nas áreas de arquitetura e física, com exigência de nível mínimo B1 em língua italiana. Já o edital de doutorado sanduíche oferece três vagas nas áreas de arquitetura, com foco em sustentabilidade, e física (astrofísica), com exigência de nível mínimo B2 em língua inglesa. As inscrições para as duas modalidades seguem até o dia 6 de maio de 2026.

Também seguem abertas as

inscrições para a Universidade de Turim, com prazo até 15 de maio, às 17h. O edital oferta quatro vagas para graduação, em áreas como arqueologia, patrimônio cultural, ciências da vida e física, e seis vagas para pós-graduação, sendo até quatro para mestrado e até duas para doutorado, contemplando ainda áreas como farmácia, química e paleontologia.

No Reino Unido, o edital para o Warwickshire College and University Centre reúne o maior número de vagas em uma única chamada: são 25 oportunidades para graduação sanduíche, distribuídas entre áreas como negócios e gestão, redes e cibersegurança, educação infantil e design. As inscrições seguem até o dia 5 de maio, com exigência de nível B2 em inglês.

Editais consolidam expansão

Ao longo do primeiro trimestre do ano, outros editais foram lançados e já estão em fase

mais avançada de seleção. Entre eles, estão dois editais que, juntos, ofertam 25 bolsas para mestrado, doutorado e pós-doutorado sanduíche, com inscrições encerradas em março, permitindo que pesquisadores desenvolvessem atividades em instituições de qualquer país, mediante carta de aceite.

Outro destaque é o edital de graduação sanduíche para a Mondragon Unibertsitatea, na Espanha, que disponibilizou 12 vagas em áreas como engenharia, tecnologia e educação, com inscrições realizadas até março.

Já o edital para professores visitantes estrangeiros selecionará 10 propostas para atuação em instituições paraibanas, com foco no fortalecimento dos programas de pós-graduação e no desenvolvimento de projetos estratégicos. O resultado está previsto para junho, e as atividades devem ocorrer de setembro de 2026 a março de 2027, com duração de 90 dias.

Estudantes recebem apoio pela conquista

Um dos movimentos mais recentes do programa aponta para a consolidação de uma rede de internacionalização dentro do próprio estado. A chamada para seleção de embaixadores do Paraíba sem Fronteiras, (PBsF) voltada a ex-bolsistas, prevê a atuação desses estudantes como multiplicadores das oportunidades do programa.

A proposta é aproximar o PBsF da comunidade acadêmica, ampliar o acesso às informações sobre os editais e estimular novos estudantes a

participar das seleções, a partir de quem já vivenciou a experiência internacional.

- **Seleção de embaixadores do Paraíba sem Fronteiras, voltada a ex-bolsistas, prevê a atuação desses estudantes como multiplicadores**

Serviço

Formação, retorno e desenvolvimento

Inscrições: plataforma SigFapesq (sigfapesq.ledes.net).

Prazos em aberto:

- Warwickshire College (Reino Unido): até 5 de maio de 2026 (17h)
- Universidade de Florença (Itália): até 6 de maio de 2026 (17h)
- Universidade de Turim (Itália): até 15 de maio de 2026 (17h)

Mais informações no site do PBsF
(paraibasemfronteiras.secties.pb.gov.br)

Poeira Estelar

Claudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Bem-vindo ao centro do Universo, a minha Sousa

Onde fica o centro do Universo? Discussões sobre a finitude do Universo vêm desde a Antiguidade. Mas, na física, aprendi desde cedo que, para além das teorias e equações, essa resposta pode ser mais pessoal do que parece.

Para responder a essa pergunta, as teorias mais aceitas e mais próximas do que entendemos hoje só aparecem com o desenvolvimento da relatividade geral, por Albert Einstein. A partir das equações de Einstein, especialmente nas soluções desenvolvidas por Friedman, surgem três possibilidades para o Universo, associadas a geometrias com simetria esférica, hiperbólica ou plana, ou seja, com curvatura positiva, negativa ou plana.

Com o passar dos anos, o que se consolidou foi que o Universo é quase plano com uma curvatura negativa muito pequena. Como o próprio Einstein dizia, o Universo seria infinito, mas sem fronteiras. E, sendo infinito, por questões de simetria, qualquer ponto que a gente escolha pode ser considerado como seu centro.

Foi aí que, ainda criança, eu escolhi o meu centro do Universo: a minha cidade natal, Sousa. Isso ficou tão arraigado que, desde quando meus filhos eram pequenos, quando pergunto onde fica o centro do Universo, eles respondem: Sousa.

E por que Sousa, para mim, é o centro do Universo?

Porque foi lá que, ainda criança, eu despertei para aprender, para fazer perguntas e para viajar. Viajar, primeiro, imaginando coisas futurísticas, o espaço, os átomos. Eu viajava dentro das condições que tinha na época, dentro do meu contexto social. Viajava com a ciência, com a geografia, conhecendo países por meio de livros e enciclopédias. Conhecia os átomos, as moléculas. E isso foi despertando muito cedo essa curiosidade.

Assim como, em vários modelos da física, se usam trens para descrever certos fenômenos, especialmente na relatividade restrita, o trem do meu bairro, o bairro da Estação, em Sousa, também fazia parte dessa construção.

Eu passava horas olhando aquele comboio de vagões passar e ali eu viajava. Às vezes imaginava que estava indo para Fortaleza, para Recife. E essa vivência de morar perto da estação também me fez conhecer muitas pessoas.

Meu pai tinha um dormitório ao lado de casa. Havia pessoas que moravam ali como mensalistas e outras que estavam de passagem, esperando os trens, que, na época, eram muitos, formando um fluxo constante.

Nesse ambiente, conheci professores, viajantes e gente de todo tipo. Lembro de um professor que dava aulas na faculdade e que gostava de música. Foi com ele que comecei a ouvir MPB e também a primeira vez que escutei uma ópera.

Ao mesmo tempo, ali na região da estação, eu escutava brega, as músicas dos parques de diversão, das difusoras. Era uma verdadeira viagem cultural. Além disso, eu lia muito revistas como *Manchete* e *Veja*. E, nos anos da Ditadura Militar, me deparei com o programa nuclear brasileiro. Aquilo foi uma virada. Passei a estudar o que era a fissão nuclear, o que era o átomo, como tudo acontecia no núcleo. Minha mente viajava. E foi ali que decidi que seria engenheiro nuclear. Depois descobri que o profissional que trabalhava não era engenheiro nuclear e sim o físico nuclear. Fiz o curso de Física, mas não atuei diretamente com a física nuclear, segui outros caminhos, como a mecânica quântica, a física da matéria condensada e a cosmologia.

Talvez venha daí a minha paixão pela ciência, por conhecer lugares diferentes e por aprender com novas culturas. Todas aquelas viagens que fiz, lá no meu centro do Universo, foram o que me formaram como professor, pesquisador e profissional, e hoje me fazem tripular a nave mais interessante que existe: a ciência.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

NA PARAÍBA

Áreas elevadas agora são consideradas montanhas

Nova classificação inclui formações 300 metros acima de circunvizinhança

Emerson da Cunha
emerson.uniao@gmail.com

A Paraíba agora tem montanhas. E elas são mais antigas do que as grandes e mais conhecidas cordilheiras, como Andes, o Himalaia e mesmo o Everest. É o que aponta o novo Sistema Brasileiro de Classificação de Relevos (SBCR), a partir de um entendimento recente do que pode ser considerado montanha. Se antes considerava-se que montanhas eram formadas a partir de processos tectônicos de colisão recente, ou seja, quando placas tectônicas se chocam, a partir de agora são considerados espaços montanhosos montes que tem 300 m ou mais em relação à sua área de circunvizinhança, predominantemente com topos aguçados ou em cristas e vertentes declivosas. Na Paraíba, é agora uma montanha, por exemplo, o Pico do Jabre, que tem altura de mais de 1.200 m, localizada na Serra de Teixeira, no município de Maturéia.

As montanhas paraibanas datam seu processo de formação em cerca de 600 milhões de anos, sendo que há cerca de 70 milhões de anos elas passaram por um processo de rejuvenescimento. Para se ter uma ideia, as formações montanhosas são mais antigas do que o Everest – a montanha mais alta do mundo, com mais de 8 mil metros e que ainda está em processo de crescimento, já que suas placas tectônicas estão em movimento de colisão. A idade das formações montanhosas da Paraíba pode revelar sobre o fato de não estarem entre as maiores do mundo ou mesmo do Brasil, uma vez que, durante todo esse tempo, sua superfície foi erodindo aos poucos.

“Essas cordilheiras, como o Everest, que é o monte mais alto do mundo, ele ainda está em processo de crescimento por conta desse contato das placas, desse choque da placa indiana com a placa asiática. E esse processo vem acontecendo nos últimos 50 milhões de anos. As nossas montanhas, a partir dessa nova classificação, as montanhas brasileiras e paraibanas, elas são muito mais antigas. A base

delas data de 600 milhões de anos e, por conta disso, a erosão já rebaixou muito essas áreas”, explica o geógrafo, doutor em Geociências e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Saulo Roberto Vital, que tem acompanhado por meio de pesquisas e expedições a mudança na classificação.

As montanhas paraibanas têm idades similares a montanhas em outras regiões brasileiras, em especial no Sudeste, onde se concentra boa parte desse tipo de formação geológica. Por outro lado, nossas montanhas possuem altitudes similares, porém menores.

Pesquisa

O processo de mudança dos critérios do que pode ser ou não montanha no Brasil teve início em 2019, com o XVIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, no qual se discutiu a necessidade de criação de uma classificação do relevo brasileiro.

“Foi feita uma revisão, porque muitos locais classificavam de uma forma, outros de outra, não existia uma padronização. Então, o IBGE junto com a União Brasileira de Geomorfologia, com o Serviço Geológico do Brasil também, e as universidades, inclusive a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da qual eu faço parte também nesse sistema, se uniram para criar essa classificação, esse sistema unificado de classificação do relevo brasileiro, chamado Sistema Brasileiro de Classificação de Relevos”, explica Vital.

Como parte desse processo de pesquisa e mudança de termos, foi feita uma excursão ao longo do estado por estudiosos brasileiros e estrangeiros em 2024. Os debates aconteceram no próprio campo, em visitas a lugares como o Pico do Jabre e a Pedra do Tendó, ponto em que se pode observar o contato da depressão sertaneja com a Borborema, e uma série de *inselbergs*, ou seja, “ilhas de pedra”, formações geológicas compostas por rochas cristalinas que se destacam de superfícies aplainadas.

“Uma área muito bonita de contemplação e tudo



Os debates entre os pesquisadores aconteceram no próprio campo, em visitas a lugares como o Pico do Jabre e a Pedra do Tendó (acima)

■ As montanhas paraibanas datam seu processo de formação em cerca de 600 milhões de anos

mais que precisa ser melhor divulgada. Acho que foram cerca de 20 pesquisadores e lá debatemos no próprio campo, observando as feições, cada um apresentou a sua visão. E essa visão de montanhas, ela foi praticamente unânime, até pelos próprios pesquisadores internacionais. Eles foram questionados, realmente confirmaram, pelas feições observadas, que, sim, podem ser consideradas montanhas. Essa discussão foi basicamente exploratória, digamos assim, de observação, descrição, mapeamento, e debate”, esclarece o professor. As visitas deram origem à publicação *Excursões Técnicas Montanhas e Planaltos da Borborema, Superfície Sertaneja e Inselbergs da Paraíba*.

Também fazem parte da mudança, novos entendimentos internacionais. “Essa atualização foi feita com base na questão internacional que, inclusive, já considera montanhas como áreas que não precisam necessariamente ser

de cordilheiras recentes. Não é só uma simples mudança de definição, mas uma espécie de melhoria conceitual, de avanço científico conceitual, que também vai ter um impacto na questão ambiental e no ensino”.

Mudanças

Nos aspectos educacionais, as principais mudanças devem ocorrer na Educação Básica. “Porque vai, a partir de agora, ser ensinado nas escolas que no Brasil, na Paraíba, existem montanhas. Isso tem uma questão didática, dos livros didáticos, da forma como era ensinado isso anteriormente com a Geografia”, discorre Vital. Ele cita que há três classificações do relevo brasileiro, de acordo com três autores: a de Aroldo de Azevedo, mais antiga, a de Aziz Ab'Sáber, e a mais recente de Jurandyr Ross. “E agora vai ser ensinada essa nova classificação, como uma classificação unificada, inclusive com a participação do próprio professor Jurandyr Ross também, que é o dono da terceira classificação”.

Há também o fomento à valorização do nosso patrimônio natural. “Compreender que a região de Teixeira é uma região classificada como uma região montanhosa, isso vai de certa forma fomentar o turismo, o turismo ecológico, sustentável”, reforça o pesquisador. Esse movimento pode ser efetivado, por exemplo, no estabelecimento de geoparques,



que são áreas de interesse geoturístico, de patrimônio natural, geológico, geomorfológico, de rochas, relevos, fósseis, que apresentam alguma característica importante e que podem ser utilizados e revertidos para fim de turismo sustentável. “Um turismo planejado, um turismo equilibrado. Não é esse turismo desordenado que normalmente se pratica. Porque essas áreas, elas vão ter geossítios, que são pontos de interesse, de visitação, que tem toda uma gestão, todo um equilíbrio ambiental que deve se buscar”. O geógrafo cita como exemplo o Geoparque do Araripe, no Rio Grande do Norte, que tem reconhecimento internacional da Unesco.

Fauna e floras próprios

Um dos focos que podem ser colocados em relação a essas “novas” montanhas é a necessidade de preservação por meio de um turismo sustentável, protegendo-se o meio ambiente dessas regiões. Isso porque suas características permitem a existência de fauna e flora próprias. “Essas regiões mais elevadas, elas têm microclimas, que são áreas de temperatura mais amena e de condições climatobotânicas mais específicas, ou

seja, como se fossem refúgios biológicos. Onde você tem espécies vegetais arbóreas de maior porte, solos mais desenvolvidos e uma biota mais específica daquela área. Com áreas de extrema necessidade de preservação”, explica.

Como forma de unificar e registrar a nova classificação, será publicada até o fim deste ano o *Mapa do Relevos Brasileiro* na *Revista Brasileira de Geografia*, trazendo os critérios e as metodologias utilizadas. “Esse sistema está em elaboração há vários anos, neste ano, agora de 2026, vai ser publicado o mapa do primeiro nível taxonômico, porque existem níveis de acordo com a quantidade e o tamanho do relevo, então vai ser mais de um nível, mas o primeiro nível ele vai ser aplicado agora no mapa do relevo brasileiro”, finaliza o docente.

■ Novos conceitos consideram montanhas como áreas que não precisam ser obrigatoriamente de cordilheiras recentes



Ilustração: Tônio



CELEBRAÇÃO

Hoje é Dia do

Goleiro

O goleiro é o único atleta no futebol que pode usar mãos e braços para defender, desde que esteja dentro da sua própria grande área

Data surgiu em comemoração ao aniversário de Manga, que marcou época nos principais clubes do Brasil

Danrley Pascoal
danrleyp@gmail.com

Hoje, 26 de abril, é comemorado o Dia do Goleiro. Neste dia, o jornal **A União** traz uma série de curiosidades sobre uma das principais posições do futebol, aquela que tem como grande objetivo evitar que o momento mais marcante da modalidade esportiva aconteça. A data tem a intenção de homenagear personalidades e atletas que marcaram época e mudaram a maneira como os arqueiros eram vistos.

No Dia do Goleiro, entre os brasileiros, podemos citar alguns nomes que não saem da boca do torcedor: Taffarel, herói do tetracampeonato em 1994; Marcos, símbolo de raça e destaque no pentacampeonato em 2002; Rogério Ceni, o goleiro-artilheiro, tendo 131 gols na carreira; Gylmar dos Santos Neves, bicampeão mundial (1958 e 1962); e Félix, arqueiro do time mágico de 1970. Esses dois últimos são nomes lembrados pelos mais antigos.

História da data

Conforme informações do Museu do Futebol, o Dia do Goleiro foi instaurado em 1975, por iniciativa de dois ex-professores da Escola de Educação Física do Exército do Rio de Janeiro, os oficiais Raul Carlesso e Reginaldo Pontes Bielinski. Primeiramente celebrado em 14 de abril, no ano seguinte, passou a ser comemorado em 26 de abril, em homenagem ao aniversário do ex-jogador Ailton Corrêa Arruda, o histórico goleiro Manga, que vestiu camisas de clubes como Botafogo, Internacional e Grêmio.

Manga morreu em abril de 2025, aos 88 anos, em decorrência de um câncer de próstata. O ex-goleiro nasceu em Recife e construiu uma das trajetórias mais marcantes

do futebol brasileiro. Marcou época no Botafogo entre as décadas de 1950 e 1960, conquistando títulos expressivos e o carinho da torcida.

O arqueiro, que jogava sem luvas, ganhou títulos nacionais e internacionais com Grêmio e Internacional, conquistou o Campeonato Carioca (quatro edições) e o Torneio Rio-São Paulo pelo Botafogo, defendeu o Brasil na Copa do Mundo de 1966 e, numa época em que a preparação física não era como atualmente, atuou até os 42 anos.

Outras datas

A Fifa reconhece como Goalkeeper Day o dia 14 de abril, o que seria uma homenagem ao goleiro colombiano Miguel Calero, nascido nessa data em 1971 e falecido em 2013. Assim, muitos países passaram a adotar esse dia como a data oficial para celebrar guarda-redes (Portugal), *portero* (Espanha), *goalkeeper* (Inglaterra), *portiere* (Itália), *gardien de but* (França), *torwart* ou *torhüter* (Alemanha) e *doelman* (Holandês). A entidade maior do futebol mundial deixa que cada nação escolha um dia para festejar.

Além do dia 14 de abril, algumas entidades consideram o 11 de novembro (11/11) como o Dia do Goleiro, em alusão ao número 1, característico da posição. Porém, no Brasil, a data

26 de abril foi a escolhida por clubes, torcedores e entidades esportivas. Pelas redes sociais, sempre há postagens que celebram o passado e o presente, destacando defensores que marcaram época.

Goleiro-artilheiro

Rogério Ceni é o primeiro nome que vem à mente quando se fala em goleiros que marcaram gols. De 1990 a 2015, o ex-são-paulino marcou 131 tentos, todos com a camisa do Tricolor. A Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (IFFHS) não contabiliza dois desses gols, porque foram marcados em amistosos. O brasileiro tem quase o dobro de tentos que o segundo que mais marcou: o paraguaio José Luis Chilavert (67 gols). Outros goleiros que foram destaques por balançar as redes são o mexicano Jorge Campos (46) e o também colombiano René Higuita (41).

Além de artilheiro, Ceni é um dos jogadores mais vencedores do futebol brasileiro. Poucos goleiros ganharam tantos títulos. Na sua carreira, conquistou o Mundial de Clubes da Fifa (2005), Copa Intercontinental (1992, 1993), Copa Libertadores (1993, 2005), Campeonato Brasileiro (2006, 2007, 2008), Copa Sul-Americana (2012) e Copa do Mundo Fifa (2002), pela Seleção Brasileira.

Posição na atualidade

A Seleção Brasileira tem em Alisson seu principal nome para a posição. Caso não se lesione, ele irá para

sua terceira Copa do Mundo como titular. O goleiro é defensor do Liverpool, da Inglaterra, desde 2018. Nos Reds, venceu duas ligas nacionais e foi campeão europeu. Mundialmente, outros três nomes se destacam. O primeiro é Emiliano Martínez, argentino do Aston Villa, da Inglaterra, que é o arqueiro titular da atual campeã do mundo, tendo defesas marcantes no torneio de 2022.

Os outros dois nomes estão na lista de maiores da história. Thibaut Courtois, do Real Madrid, tem dois títulos da Liga dos Campeões da Uefa e algumas ligas nacionais. O belga não entra na discussão de melhor goleiro da história porque não tem conquistas relevantes por sua seleção. O grande feito de seu país no futebol foi eliminar o Brasil nas quartas de final da Copa do Mundo de 2018.

Para muitos, o maior de todos os tempos, hoje, aos 40 anos, é Manuel Neuer. O alemão teve atuação marcante nas quartas de final da atual edição da Liga dos Campeões, diante do Real Madrid. Pelo Bayern, o jogador pode vencer sua terceira edição da competição continental (foi campeão em 2013 e 2020). Além disso, Neuer é campeão mundial defendendo a Alemanha (2014).

Longevidade

O goleiro Fábio, atualmente no Fluminense, é o jogador com mais partidas oficiais na história do futebol mundial. Em 2025, o arqueiro de 45 anos superou os 1.391 jogos do inglês Peter Shilton, também guarda-redes. Os números somam passagens por Cruzeiro, Vasco, Fluminense e União Bandeirante-PR. Além disso, Fábio é o atleta mais velho a jogar na Série A do Brasileiro (44 anos, 10 meses, 17 dias).



Rogério Ceni detém o recorde de goleiro com mais gols marcados; já Manga fez história ao jogar sem usar luvas

PÊNALTIS

Viveros, do Athletico, lidera o ranking

Plataforma mostra os jogadores que mais sofreram penalidades de abril de 2025 até os jogos da última semana

Agência Estado

Kevin Viveros, atacante colombiano do Athletico-PR que teve um pênalti marcado e depois anulado contra o Palmeiras no último domingo (19), lidera o ranking dos jogadores que mais sofreram faltas dentro da área desde 2025.

O levantamento foi feito pela Opta, plataforma que fornece estatísticas esportivas, a pedido do Estadão, e leva em conta as partidas disputadas de abril de 2025 até os jogos do último meio de semana.

A pesquisa considera jogos de todas as principais competições do país, incluindo Brasileirão, Série B, Copa do Brasil, Supercopa, Libertadores, Sul-Americana, Recopa e Intercontinental, e só não inclui partidas dos Estaduais e de fases iniciais da Copa do Brasil, disputadas por times de menor expressão.

Tal filtro exclui, por exemplo, Vitor Roque da parte de cima da lista. O atacante do Palmeiras sofreu dois pênaltis no Paulistão de 2025 (contra São Paulo e Corinthians), um na Libertadores do ano passado (Universitário) e outro no Brasileirão (Fluminense) deste ano.

Viveros sofreu sete penalidades no período analisado e lidera o ranking. O



Foto: Reprodução/facebook/Athletico



Foto: Adriano Fontes/Flamengo

Viveros comemora um dos gols marcados de pênalti em jogo do Athletico; Arrascaeta, do Flamengo, é o segundo jogador com mais penalidades sofridas no período

segundo na lista é o uruguaio Arrascaeta, meia do Flamengo. Ele teve seis faltas dentro da área marcadas a seu favor e virou figura conhecida por cavá-las.

Em terceiro, está Ademir, atacante do Bahia,

com cinco penalidades. O quarto na relação é o atacante Wesley, que atua no Al-Rayyan, do Catar, e defendeu o Inter no período analisado. Foram quatro pênaltis marcados para o jogador.

Seis jogadores sofreram três pênaltis e fecham o top 5. São eles: Joaquín Correa (Botafogo), Luciano (São Paulo), Kaio Jorge (Cruzeiro), Braian Aguirre (Internacional), Flaco López (Palmeiras) e Erick Pulga (Bahia).

TOP 5

- Kevin Viveros (Athletico Paranaense): 7 pênaltis
- Arrascaeta (Flamengo): 6 pênaltis
- Ademir (Bahia): 5 pênaltis
- Wesley (Ex-Internacional, hoje no Al-Rayyan): 4 pênaltis
- Correa, Luciano, Kaio Jorge, Aguirre, Flaco López e Erick Pulga: 3 pênaltis

COPA DE 2026

“Supercomputador” coloca o Brasil como o sexto favorito

Marina Borges
Agência Estado

Um levantamento do “supercomputador” da Opta Analyst colocou o Brasil apenas na sexta posição entre os favoritos ao título da Copa do Mundo de 2026. De acordo com a projeção, a equipe comandada por Carlo Ancelotti tem apenas 6,23% de probabilidade de levantar o troféu.

O número chama atenção pelo histórico da seleção pentacampeã, mas reflete um cenário mais equilibrado no

futebol mundial. Diferentemente de outros ciclos, o Brasil não aparece entre os principais candidatos e surge atrás de seleções europeias e da maior rival e atual campeã mundial, a Argentina.

No topo do ranking, está a Espanha, com 15,81% de chances de título, abrindo vantagem relevante sobre os concorrentes diretos. Logo atrás, aparece a França, com 12,95%, seguida pela Inglaterra, que fecha o top 3 com 11,06%.

A Argentina, atual detentora do troféu, surge na quarta colocação, com

10,46%, mantendo-se entre as principais forças após o último ciclo vitorioso. Portugal aparece logo à frente do Brasil, com 6,89%, abrindo uma segunda prateleira de seleções com chances mais equilibradas. Na sequência, além da equipe brasileira (6,23%), aparecem Alemanha (5,76%), Holanda (3,82%), Noruega (3,39%) e Bélgica (2,40%).

A posição do Brasil chama atenção no levantamento, mas não surpreende. Mesmo sendo a seleção mais vencedora da história das Copas, o time apresen-

tou desempenho irregular durante o ciclo para o Mundial e aparece fora do grupo principal de favoritos, com uma probabilidade relativamente baixa. O cenário indica que, para voltar ao topo, a equipe precisará superar as projeções e apresentar desempenho acima do esperado ao longo do torneio.

As previsões do modelo da Opta têm ganhado notoriedade nos últimos tempos. No Mundial de Clubes mais recente, por exemplo, o sistema apontou o Chelsea como favorito — e o clube inglês

acabou confirmando o título justamente em uma final contra o Paris Saint-Germain, segundo time com mais probabilidade segundo o “supercomputador”.

Por outro lado, o histórico também inclui erros relevantes. Na Copa do Mundo de 2022, o Brasil aparecia como principal favorito, com mais de 16% de chances, enquanto Argentina e França eram a segunda e a terceira colocada, respectivamente. O título, no entanto, ficou com os argentinos, em uma final contra os franceses, e

a Amarelinha sequer ficou entre as quatro melhores colocadas.

Outro exemplo de erro recente vem da Premier League desta temporada, em que a projeção indicava vantagem para o Liverpool conquistar o bicampeonato. No entanto, a cinco rodadas do fim do torneio, a disputa pelo título inglês segue acirrada entre Manchester City e Arsenal, com os dois clubes somando 70 pontos, enquanto os Reds aparecem apenas na quinta posição, com 55.



Jogadores da Seleção Brasileira comemoram gol no amistoso contra o Japão em outubro do ano passado, quando a Amarelinha perdeu de 3 a 2, em jogo disputado nos Estados Unidos

Top 10 de Seleções

- 1º: Espanha: 15,81%
- 2º: França: 12,95%
- 3º: Inglaterra: 11,06%
- 4º: Argentina: 10,46%
- 5º: Portugal: 6,89%
- 6º: Brasil: 6,23%
- 7º: Alemanha: 5,76%
- 8º: Holanda: 3,82%
- 9º: Noruega: 3,39%
- 10º: Bélgica: 2,40%

Foto: Rafael Ribeiro/CFB

COPA DE 2026

Raphinha é nome certo de Ancelotti

Atacante cogitou abandonar o futebol na adolescência ao encarar a desconfiança de dirigentes e treinadores

Em fevereiro de 2016, o adolescente Raphinha deixou o Brasil para jogar na Europa quase como um anônimo. Dez anos depois, aos 29, ele vai à Copa do Mundo da Fifa 2026 como um dos jogadores mais produtivos deste ciclo, confortavelmente estabelecido na elite do esporte. Esse pode muito bem ser o ápice de uma admirável jornada de persistência para fazer seu talento valer.

Raphinha é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, estado que já forneceu à Seleção campeões mundiais, como Dunga, Taffarel, Branco e, claro, Ronaldinho.

Ao contrário dos conterrâneos, porém, levou tempo para chegar lá. No Brasil, na adolescência, encarou a desconfiança de dirigentes e treinadores devido ao porte de físico mirrado. Em vários momentos, cogitou abandonar o futebol, mas acabou seguindo em frente. Rumo a Portugal (Vitória de Guimarães), à França (Rennes), à Inglaterra (Leeds), à Espanha (Barcelona), ao estrelato.

Além de produtivo, Raphinha é também dos mais versáteis. Houve campanha pelo Barça, por exemplo, em que jogou nas duas pontas e como armador. Não importando seu lugar na escalação, contribuiu com gols e mais gols e ganhou duas vezes o Campeonato Espanhol (2023 e 2025). Antes, havia triunfado na Taça de Portugal e na Taça da Liga portuguesa pelo Sporting em 2019.

A temporada mais marcante, mesmo, foi a de 2024-2025, na qual foi o artilheiro da Liga das Campeões da Uefa e nomeado como o craque de La Liga. Ganhou mais prêmios individuais e foi um dos finalistas na eleição ao prêmio The Best Fifa de Jogador do Ano.

Números

Raphinha terminou a Liga dos Campeões da Uefa 2024-2025 com um total de 22 participações em gol, igualando



Foto: Rafael Ribeiro/CBF

Ainda sem jogar devido a uma contusão, Raphinha tem futebol que agrada Carlo Ancelotti

recorde estabelecido por Cristiano Ronaldo em 2013-2014. O brasileiro balançou as redes em 13 ocasiões e deu nove assistências em 14 partidas, liderando também ambos os *rankings* individuais.

Na atual temporada, o Barcelona só perdeu dois dos 31 jogos em que Raphinha esteve em campo. Sem ele, foram seis derrotas em 17 partidas. Na histórica goleada por 7 a 2 sobre o Newcastle, pelas quartas de final da Champions, ele fez dois gols, deu duas assistências, sofreu um pênalti e ainda

cobrou a falta que originou outro gol do Barça.

Antes de brilhar na Catalunha, nas últimas temporadas completas por seus dois últimos clubes, em países diferentes, Raphinha já havia sido o líder em participações em gol: em 2021-2022 com o Leeds e em 2019-2020 com o Rennes.

Histórico

Esta será a segunda Copa da carreira de Raphinha. Em 2022, quando entrou em campo para enfrentar a Sérvia na estreia da Seleção pelo Grupo F, estava fazendo apenas sua 12ª partida pela equipe, mas já tinha plena confiança do técnico Tite. Nos 11 jogos anteriores, havia feito cinco gols e dado quatro assistências, sendo parte integral de um quarteto ofensivo com Neymar, Vinicius Jr. e Richarlison. No

Mundial, porém, acabou se sacrificando ao exercer um papel mais tático, de recomposição no meio-campo, mas foi titular em tempo integral, incluindo na dolorosa derrota para a Croácia, pelas quartas, nos pênaltis.

Expectativas

Tal como aconteceu com Vinicius Jr., Raphinha deu um salto considerável neste ciclo da Copa do Mundo, dentro e fora de campo, a ponto de ter se tornado um dos capitães do Barcelona. Ele é agora uma referência da Seleção e sua versatilidade é mais do que bem-vinda numa fase de definições para Carlo Ancelotti. O técnico aguarda ansiosamente sua recuperação de uma lesão muscular na perna direita para que ele possa liderar a equipe na busca pela sexta estrela, na América do Norte.

Curiosidades

■ Nunca jogou uma partida como profissional no Brasil. Depois de muito batalhar nas categorias de base, ele chegou ao Avaí em 2014, foi promovido ao elenco adulto em outubro de 2015, chamou a atenção dos olheiros nos últimos torneios entre os juniores e, em fevereiro de 2016, foi vendido por 600 mil euros ao Vitória de Guimarães.

■ Tem Ronaldinho como ídolo. São da mesma cidade, foram aclamados em Barcelona, mas a conexão entre ambos vem de muito antes e passa pela música.

■ Rafael Ribeiro Belloli, ou Maninho, o pai — é músico e tocou por muito tempo com o grupo Samba Tri. No fim dos anos 1990, quando Ronaldinho estava despontando no Grêmio, desenvolveram forte amizade. Na Europa, o Bruxo sempre dava um jeito de chamar a banda para animar suas festas. Quando o Samba Tri lançou seu primeiro álbum, em 2006, o então melhor jogador do mundo emprestou sua voz a uma das canções. Raphinha, por sua vez, tem o domínio de diversos instrumentos, especialmente o tantã.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Vai sobrar para Ney?

O que me parecia um debate superado, a discussão sobre Neymar estar na Copa do Mundo deste ano, no qual, de um lado, alguns defendem que o adulto Ney não tem condições físicas e nem vive um momento técnico condizente para ser convocado para o Mundial, e, do outro, estão os equivocados, até ganhou um contorno considerável de verossimilhança para voltar a existir.

O que era, até pouco tempo, uma rinha entre comentaristas sensatos e influenciadores “parças” do ex-futuro grande jogador pode ser que vire um agendamento jornalístico um pouco mais crível. Isso porque dois atacantes que estavam garantidos no imaginário de uma lista final do treinador italiano do Brasil, Carlo Ancelotti, não vão mais para a Copa do Mundo.

Um pelo menos já é certo que está fora. Rodrygo rompeu o ligamento cruzado anterior do joelho e não vai disputar a Copa do Mundo, que será realizada no México, no Canadá e nos Estados Unidos. O outro, Estêvão, segundo o próprio Chelsea, está praticamente fora do torneio, após lesão muscular de grau 4.

Sendo assim — pegando o verso de Jacinto José, que ficou famoso na voz do conterrâneo Genival Santos —, eu não vou negar que o que chamo de delírio coletivo de um coletivo bem duvidoso em busca de colocar em pauta a ida de Neymar à Copa do Mundo parece, pelo menos agora, fazer algum sentido. O que eu negava até o músculo do jovem e bom Estêvão estourar na Inglaterra.

Dito isso, eu não vou mudar de fileira. Continuo compreendendo como um equívoco Neymar integrar a lista final da Seleção Brasileira que vai embarcar para as Américas de Cima. E só opino porque, para além de tudo, eu resolvi perder algum tempo vendo o raquítico Santos atual jogar. O time, que já vestiu Pelé e companhia, hoje traja uma equipe bem ruim. Com jogadores, em geral, no máximo, esforçados. Neymar incluso na análise, diga-se.

Dentro desse time, é meio óbvio — e nem poderia ser diferente — que o ex-grande jogador é o a maior reserva técnica do quadro. O melhor jogador do clube, claro! Também, meu amigo leitor e minha amiga leitora, se não fosse, aí já seria demais, né? Com o talento que tem e com o salário que ganha, é o mínimo. Ser o melhor, no entanto, de um time fraco, nem sempre é ser lá essas coisas. Pode até ser. Jamais me esqueço daquele Fluminense muito ruim, o tal time de guerreiros, de 2009, que tinha 110% de chance de cair de divisão e acabou se salvando, não sei como, subvertendo a porcentagem.

Na fase ruim, que na verdade era péssima, da equipe, o argentino Conca jogava muita bola. Enquanto o time era horrível em campo. Toda a equipe saía vaiada do Maracanã, enquanto Conca era aplaudido. Não porque era apenas o melhor de um time completamente abatido tecnicamente. Mas porque ele realmente fazia um grande Campeonato Brasileiro, ainda que sozinho. Jogava muita bola mesmo. Era um dos melhores da competição. Mesmo atrapalhado por seus colegas. Não era apenas o melhor do seu apático time.

Neymar, nesse Santos atual, é apenas o melhor de uma equipe horrível. Pensa diferente, faz mais jogadas boas do que os companheiros e é bastante atrapalhado pela criação de bagres do Peixe. Mas também erra muito. Perde bolas para os defensores quando o embate físico se impõe um pouco mais e não tem tantos momentos de sucessos nas arrancadas para arrastar conduzindo a bola. Falha muito perto do gol nas finalizações também. E não consegue carregar uma equipe frágil nas costas rumo a uma série de vitórias. O que é bem difícil mesmo. Não duvido que, em outra equipe, Neymar estivesse até jogando mais do que agora. Futebol é coletivo. Mas já vi atletas jogarem muita bola com companheiros desafinados.

Por essas e outras, entendo que Neymar segue sem merecer a convocação para a Copa do Mundo de amanhã. Por mais que entenda que agora, com duas vagas em aberto, oriundas das tristes lesões de Rodrygo e Estêvão, o debate possa até a fazer um pouco mais de sentido. O tempo diminui cada vez mais para o jogador do Santos. E até agora nenhuma das atuações de Neymar é condizente com um time que vai disputar um torneio que vai reunir, nas fases finais, os melhores jogadores do mundo. Não há vaga para Neymar. A não ser que sobre.



Foto: Reprodução/Instagram @raphinha

Raphinha fez 13 gols nesta temporada pelo Barcelona



Jogadores do Vasco da Gama antes do início do jogo contra o São Paulo, pelo Brasileirão, no Estádio de São Januário, quando venceu, de virada, por 2 a 1, pela 12ª rodada do Brasileirão

BRASILEIRÃO

Corinthians joga para fugir do Z4

Alvinegro enfrenta o Vasco, na Neo Química Arena, a partir das 16h; rodada ainda terá mais cinco jogos

Da Redação

Seis jogos hoje dão continuidade à 13ª rodada do Brasileirão. Às 16h, Corinthians e Vasco se enfrentam, enquanto Grêmio e Coritiba medem forças; às 18h30, o Bragantino recebe o Palmeiras, no mesmo horário em que Atlético-PR e Vitória entram em campo; mais tarde, às 20h30, o Atlético-MG duela com o Flamengo, enquanto o Fluminense encara a Chapecoense.

Corinthians x Vasco

A partida na Neo Química Arena, em São Paulo, terá transmissão ao vivo pela TV Globo e pelo Premiere. O Corinthians vem de vitória por 1 a 0 sobre o Barra-SC, pela Copa do Brasil; pelo Brasileirão, porém, a agremiação paulista vem de empate sem gols com o Vitória, o que a levou à zona de rebaixamento.

Por outro lado, o Vasco vive um momento positivo. O time soma duas vitórias consecutivas: 2 a 0 sobre o Paysandu, pela Copa do Brasil, e 2 a 1 diante do São Paulo, pelo Brasileirão. A equipe iniciou a rodada na 10ª posição, com 16 pontos, e busca o resultado positivo, hoje, para embalar no Brasileirão antes do clássico contra o Flamengo.

Grêmio x Coritiba

O embate na Arena do Grêmio terá transmissão de Globo, ge tv e Premiere. O Tricolor Gaúcho quer encerrar uma sequência de cinco jogos sem vencer no Brasileirão, enquanto o Coritiba, que não perde há quatro rodadas, vem de vitória por 2 a 0 sobre o Atlético Mineiro.

Os últimos encontros entre os clubes aconteceram na Série A de 2023, quando o Coxa ainda integrava a elite antes de cair para a Série B. Naquela edição, o time gaúcho goleou a equipe alviverde por 5 a 1 na Arena, em junho, pela 12ª rodada; no retorno, em jogo disputado no Couto Pereira, em novembro, o Grêmio venceu novamente, por 2 a 1.

Bragantino x Palmeiras

O confronto entre times

paulistas será transmitido pelo Premiere. O começo de temporada do Bragantino indica, até agora, um time meio de tabela do Brasileirão. O Massa Bruta chegou ao duelo de hoje após vitória diante do Remo, por 4 a 2, em Bragança Paulista, e iniciou a rodada na oitava colocação no torneio, com 17 pontos.

Do outro lado, o Palmeiras defende a liderança do Brasileirão, com 29 pontos, e vem de vitória sobre o Atlético-PR, por 1 a 0, no

Allianz Parque. Na última quinta-feira (23), o Verdão venceu o Jacuipense-BA, por 3 a 0, também jogando em seus domínios, e abriu vantagem na quinta fase da Copa do Brasil.

Athletico-PR x Vitória

O jogo na Arena da Baixada será transmitido pelo Premiere. No Brasileirão, o Furacão acumula seis vitórias, um empate e cinco derrotas, sendo a última delas contra o Palmeiras, no domingo (19). Pela Copa do

Brasil, empatou em 0 a 0 com o Atlético Goianiense.

O Vitória, por sua vez, tem quatro triunfos e quatro reveses, além de um empate — este na última rodada, em 0 a 0, diante do Corinthians. Na última quarta-feira (22), foi superado pelo Flamengo, por 2 a 1.

Atlético-MG x Flamengo

O duelo na Arena MRV contará com transmissão do SporTV e Premiere. O Flamengo iniciou a rodada na parte de cima da tabela, ocu-

pando a segunda colocação, com 23 pontos em 11 jogos. O Atlético Mineiro, por sua vez, começou em 12º lugar, com 14 pontos em 12 partidas, e tenta usar o mando de campo para reagir no Brasileirão.

A equipe de Eduardo Domínguez acumula três derrotas nos últimos cinco jogos, e o técnico chega pressionado. Já o Rubro-Negro tem vivido grande fase, com seis vitórias nas últimas seis partidas, além da vice-liderança do Brasileirão, tendo um jogo a menos.

Flu x Chapecoense

A última partida da 13ª rodada será transmitida pela Record, CazéTV e Premiere. O time carioca atravessa um momento de instabilidade com Zubeldía. Após encerrar a sequência sem vitórias com o triunfo sobre o Santos, por 3 a 2, na rodada passada, o Tricolor voltou a ficar pressionado depois de empatar com o Operário-PR, em 0 a 0, pela Copa do Brasil. Já a Chape, atual lanterna do campeonato, tem apenas uma vitória em 11 partidas disputadas, além de cinco empates e cinco derrotas. O time catarinense vem de 10 jogos sem vencer e, em seu último compromisso, foi goleado pelo Botafogo, por 4 a 1, na Arena Condá.

Série B

Pela Série B, cinco jogos movimentam a sexta rodada neste domingo (26). O São Bernardo recebe o Goiás às 16h. Mais tarde, às 18h, acontecem duas partidas simultâneas: Ceará x Vila Nova e Operário x Fortaleza. Fechando a rodada do dia, às 20h30, o Atlético-GO enfrenta o Avaí, enquanto o Criciúma encara o CRB.

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

16h

Corinthians x Vasco

Grêmio x Coritiba

18h30

Bragantino x Palmeiras

Athletico-PR x Vitória

20h30

Fluminense x

Chapecoense

Atlético-MG x Flamengo

SÉRIE B

16h

São Bernardo x Goiás

18h

Operário-PR x Fortaleza

Ceará x Vila Nova

20h30

Atlético-GO x Avaí

Criciúma x CRB



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

Dudu, um dos destaques do Atlético-MG, encara o Flamengo neste domingo, em jogo programado para a Arena MRV

CULTURA DO CANGAÇO

Um guardião de memórias

No Alto Sertão paraibano, colecionador tem mais de 500 relíquias que representam a história desse fenômeno histórico-social que marcou o Nordeste brasileiro

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

No Sítio Caiçara, município de Nazarezinho, no Alto Sertão paraibano, uma coleção particular procura preservar um pouco da cultura do cangaço e do sertanejo de antigamente. Segundo o colecionador Ramon Batista, são mais de 500 peças, entre facas, chapéus, moedas, oratórios e outros objetos. Alguns desses itens estão expostos na sala de sua casa, mas a maior parte deles está armazenada num quarto.

“É como se eu fosse um guardião dessas memórias”, diz o fotógrafo, cineasta e produtor cultural, que também atua como profissional da educação. Ele relata que tudo começou com um pequeno punhal, presente de um amigo pedreiro que encontrou o objeto quando foi demolir um antigo casarão, em torno do qual se contam histórias de ataques de cangaceiros. Ramon Batista desconhece se o artefato era da época do cangaceirismo, apesar de a região ser uma rota para os cangaceiros. “Na verdade é um punhal pequeno, que pode ter sido usado para primeiros socorros, quando algum deles estivesse ferido, pois dava para tirar uma bala”, sugere.

O acervo do paraibano foi crescendo aos poucos, graças aos conhecidos que, sabendo de sua paixão pelo cangaço, doaram peças para suas produções audiovisuais. Itens como uma fotografia do cangaceiro Chico Pereira ou o ferrolho da casa do coronel João Pereira, pai do cangaceiro, são guardados como relíquias pelo jovem colecionador.

“Eu sou de uma comunidade rural e cresci escutando histórias de cangaceiro, principalmente de Chico Pereira, que atuou aqui, na minha região. Eu sempre fui apaixonado por essas

histórias, ficava encantado com minha avó contando e gostava de conviver com as pessoas mais velhas justamente para ouvir essas histórias”, relembra.

Francisco Pereira Dantas, mais conhecido como “Chico Pereira” (1900-1928), tem sido considerado o principal cangaceiro nascido na Paraíba, mais precisamente de Nazarezinho, à época distrito do município de Sousa. Ingressou no cangaço depois do assassinato de seu pai, um coronel da

Guarda Nacional, que morreu pedindo que os filhos não buscassem vingança. Apesar de o autor do crime ter sido preso, logo foi solto, causando a revolta de Chico, o filho mais velho, que acionou o bando de Lampião para invadir a cidade de Sousa.

O retrato de seu contemporâneo guardado como preciosidade por Ramon Batista revela um cangaceiro diferente dos demais, sem chapéu quebrado na testa ou gibão, bem mais inspirado em personagens do faroeste norte-americano.

Oralidade e novas gerações

O ferrolho da porta ou a chave de uma casarão que já não existe mais são motes para Ramon Batista recontar, em detalhe, as histórias que ouviu dos antigos, seja sobre Chico Pereira ou Antônio Silvino, outro cangaceiro que rondava a região amea-

çando seus proprietários. “Essa chave que eu tenho foi do Sítio Roncador. O sobrinho do dono, por nome de ‘Maximiano Velho’, disse a ele: ‘Tio, você compre uma arma, que vai eu e fulano, e a gente segura a peteca quando os cangaceiros chegarem’. E assim foi feito. Teve uma troca de tiro grande com os cangaceiros. Esse senhor, Maximiano Velho, morreu com quase 100 anos e tinha uma bala alojada no corpo dessa troca de tiros, que o pessoal comenta que foram os homens de Antônio Silvino”, narra.

O fotógrafo e colecionador lamenta não ter registrado muitas das histórias que ouviu, a exemplo das de um senhor negro chamado “Bosco”, hoje falecido, a quem tinha o costume de visitar para ouvir os relatos dos confrontos que aconteceram naquele interior. Ramon Batista diz que, por ser muito jovem, não tinha noção de que muitos daqueles “causos” se perderiam com o tempo e se apagariam de sua memória.

É por isso que ele abre as portas de sua casa para que estudantes das escolas do município possam conhecer os itens de sua coleção e ouvir as histórias em torno deles, seja dos oratórios de santos, do rádio antigo que pertenceu ao seu tio e até hoje funciona, ou das duas moedas do tempo do Brasil Império, que, segundo

ele, foram encontradas numa botija enterrada ao lado de uma casa velha.

“Vez ou outra, algum professor entra em contato comigo e pede para trazer os alunos, então a gente disponibiliza o que eles precisam dentro do conteúdo que estão ensinando, porque eu não tenho só peças do cangaço. Qualquer coisa que remeta à vida simples do Sertão de antigamente, eu tenho. Isso faz as pessoas voltarem no tempo, sabe? Eu começo a mostrar e contar, e eles ficam encantados. É a força da preservação dessas histórias”, explica o colecionador, que também já exibiu algumas de suas peças em praça pública, por ocasião do aniversário da cidade.

Estética específica

Parte das peças de Ramon Batista também são réplicas de chapéus, punhais e embornais típicos do cangaço. Nas pesquisas para algumas de suas gravações, como não podia contar com peças originais, buscou profissionais, na Paraíba e em Pernambuco, que faziam réplicas desses objetos. Deparou-se com uma estética específica em torno do vestir dos cangaceiros e cangaceiras, que foi se formando e ganhando ares novos quando Dadá, famosa companheira de Corisco, entrou para o bando.

“Se você for ver direitinho, o chapéu de Lampião tem uma influência judaica. A réplica que eu tenho aqui é do chapéu que ele estava quando foi morto, em Angicos, em 1938, e tem umas estrelas que remetem muito a isso. Lampião parece que era muito exigente nessas coisas, porque esses adereços não eram só um modo de proteção. Eles

eram muito bonitos, basta analisar as moedas no chapéu. Os embornais são diferenciados porque são bordados com flores. Dadá disse que estava no acampamento, viu as rosas e começou a bordar um para Corisco, então Lampião achou lindo e mandou fazer um par para ele também”, relata.

Muito dessa estética, assim como da história do cangaço, tem ganhado as telas por meio de filmes como *Maria e o cangaço* (2025) e de novelas como *Guerreiros do sol* (2025), contribuindo para que o fenômeno do banditismo, ocorrido entre os séculos 19 e 20, no Nordeste brasileiro, seja mais conhecido e também estudado, e, com ele também, a cultura sertaneja.

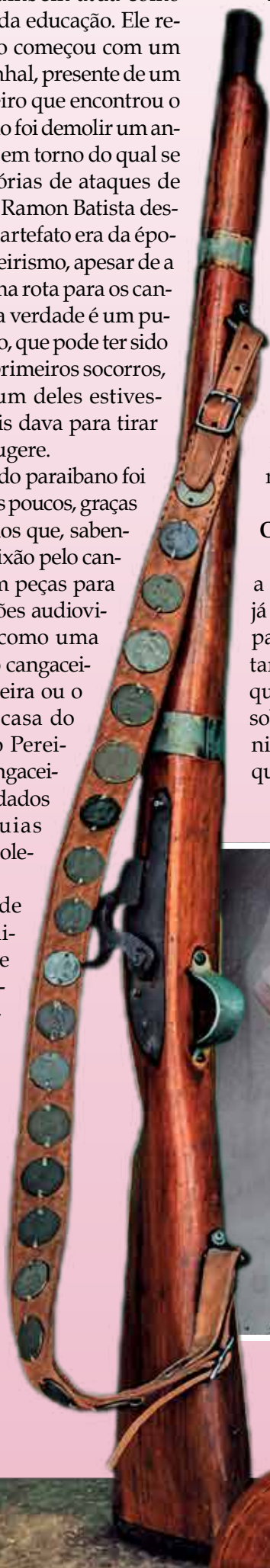
Ramon Batista sonha em poder disponibilizar a sua coleção num espaço mais apropriado e já pensa até em um nome: “Museu da Memória Sertaneja”. Enquanto seus projetos não se concretizam, busca parcerias para catalogar e estudar o acervo que está sob sua guarda, mas também produz filmes de ficção sobre a temática.

“Eu cresci escutando coisas dessas peças. Cada uma delas tem sua história, cada uma tem seu significado. Meu intuito é preservar. Além de colecionar, para que outras pessoas possam ter o prazer de pegar, usar a força do cinema e da fotografia para preservar essas histórias”, reafirma Batista.

Entre as centenas de peças do acervo, estão facas, armas, chapéus, projéteis e adereços, dentre outros objetos



Fotógrafo, cineasta e produtor cultural Ramon Batista



Paixão pelo tema começou com histórias dos feitos de Chico Pereira (foto acima), considerado o principal cangaceiro nascido na Paraíba, mais precisamente em Nazarezinho

Fotos: Arquivo pessoal

Arranjador paraibano de Esperança levou seu talento para emissoras como a extinta TV Tupi e a Bandeirantes, além de ter trabalhado na Venezuela e na Itália



Esmejoano Lincel
esmejoanolincel@hotmail.com

“Fidalgo”, portador de “um gênio capaz de transformar um velório em uma noite” e detentor do “dom — raro — de fazer amigos”. Ao assinar o texto da contracapa do LP *Salathiel Coelho apresenta temas de novelas*, o autor e diretor Geraldo Vietri apresentou o reconhecido trabalho do colega como sonoplasta da extinta TV Tupi e destacou, ainda, algumas de suas principais características humanas. Mas o texto deixou de mencionar lances da biografia desse paraibano de Esperança que a coluna não esquecerá de apontar, logo mais — a breve carreira como roteirista (sufocada pelo pouco caso que os chefes faziam de seus escritos) e sua atuação como produtor de uma lenda da televisão: o apresentador Chacrinha. Quando faleceu, em outubro de 2015, Salathiel residia no estado de Minas Gerais, mas, nas últimas entrevistas que concedeu (citadas aqui), ele nunca deixou de mencionar seu estado de origem.

Tudo começou no interior da Paraíba. A voz potente do jovem Salathiel, nascido em 1931, fê-lo, a princípio, locutor de rádio, em meados da década de 1940. Nesse período, ele acompanhava políticos em campanha por diversas cidades. Viveu, por conta disso, um lance que mudou sua vida: uma bala, destinada ao candidato para quem segurava o microfone, passou raspando por sua mão, deixando-lhe uma cicatriz permanente. Salvo do atentado, mas convalescendo no hospital, recebeu a visita do conterrâneo Assis Chateaubriand, todo-poderoso da comunicação, fundador dos Diários Associados. Dele, recebeu o convite para instalar-se no Rio de Janeiro e, a partir de então, trabalhar na Rádio Tupi;

lá, permaneceu por cinco anos.

Em 1950, quando da chegada da televisão no Brasil, também por meio dos Diários Associados, Salathiel transferiu-se para São Paulo e passou a fazer parte da equipe pioneira da TV Tupi — assim como todos os demais empregados, aprendeu “na raça” a como trabalhar no meio, sem referências anteriores. Mediante a “barreira” — ou o preconceito — com o sotaque paraibano, teve de renunciar ao ofício com a voz, passando a trabalhar, então, nas funções de iluminador e operador de câmera. Mas a vivência no rádio e a posição-coringa da Tupi o aproximou dos trabalhos que o tornaram célebre no meio — o de sonoplasta e produtor musical. A seu cargo, a seleção das faixas ouvidas na “telinha”, pinçada das trilhas sonoras do cinema.

As canções, escritas originalmente para os longas-metragens norte-americanos e europeus, inspiraram Salathiel a replicar, na televisão, o filão que, anos mais tarde, seria um sucesso fonográfico entre as gravadoras brasileiras — sobretudo a Som Livre, selo pertencente ao grupo Globo. As escolhas oscilavam entre músicas pré-existentes e outras, originais, compostas em ritmo paulatino, reflexo da demanda. As telenovelas brasileiras, relegadas, antes, a uma audiência diminuta, ganharam repercussão na primeira metade dos anos 1960, tornando-se uma vitrine para a obra do esperancense. Nesse período, destaca-se *O direito de nascer*, de 1964, adaptação nacional de uma radionovela cubana que mobilizou os (seletos) telespectadores.

Depois, seguiram-se outras, cujos arranjos passavam pelo crivo e pela adaptação do especialista e que, anos mais tarde, acabaram reunidas na antologia *Salathiel Coelho apresenta temas de novelas*, álbum citado no início da matéria: *Alma cigana*, *Se o mar contasse* e *Quando o amor é mais forte* (1964), e *O cara suja* (1965); em todos os casos anteriores, as canções pinçadas eram matrizes estrangeiras. Mas, nessa época,

Salathiel Coelho

Um gênio capaz de transformar velório em noitada

ele firmou uma parceria exitosa com outro artista natural da Paraíba, radicado em São Paulo — Geraldo Vandré. Este último forneceu bases e obras originais para *O sorriso de Helena* (1964) e *Teresa* (1965) — respectivamente as faixas “Pequeno concerto que virou canção” e “Tema de Teresa: marcha nupcial”.

A fama de Salathiel fez com que ele alcançasse voos mais altos. “Depois, eu fui trabalhar no exterior e fui para Caracas [na Venezuela]. Lancei as trilhas sonoras lá também. Trabalhei em Milão, numa época muito boa, mas que não se fazia dramaturgia na televisão e não se tinha pensado ainda em comercializar as músicas”, rememora numa entrevista à TV Poços de Caldas, em 2010. No retorno ao Brasil, ele garantiu uma passagem pela Band (ainda chamada de Bandeirantes), num momento importante para a emissora: a retomada da teledramaturgia. Sonorizou novelas como *A deusa vencida* e *Um homem muito especial* (1980) e *Rosa baiana* e *Os imigrantes* — esta gerou a produção de 10 álbuns, com canções em quatro línguas diferentes.

Descobridor de talentos

O pesquisador e jornalista Guilherme Bryan, coautor de *Teletema*, recorda o encontro que teve com Salathiel em 2013, meses antes de finalizar a obra, escrita com Vincent Villari. Foi num hotel de Poços de Caldas onde o autor morava havia algum tempo, desde que tinha se casado novamente. O sonoplasta e arranjador autógrafo, com sua produção, todos os discos, que figuravam na coleção de ambos. Na obra editada pela Dash, há um extenso relato sobre a história das trilhas sonoras das telenovelas — dos primórdios, em 1950, até 1989. Um dos dados presentes no livro aponta para o fato de que essas músicas não tiveram um lançamento comercial imediato e que, em alguns casos, figuraram, antes, em compactos de vinil.

“Somos todos irmãos [1965], por exem-

plo, também teve seleção musical dele, e foi uma novela que trazia *standards* da música americana, como Frank Sinatra, Louis Armstrong, Nat King Cole. As trilhas não eram exatamente originais, mas, como o bom sonoplasta que era, encaixava essas músicas nas trilhas”, sinaliza Guilherme. Sob a batuta de Salathiel, foi lançado o primeiro LP do gênero: *Antônio Maria*, que reunia os temas da trama homônima, veiculada pela TV Tupi, em 1968. “Em *Nino, o italianinho*, ele decidiu fazer os intérpretes gravarem as músicas-temas dos personagens, o que era uma coisa bastante nova na época. Ele falou da boa relação com os compositores, mas tinha, também, uma relação muito boa com os atores”, relata.

Outro talento pouco incensado de Salathiel era o de revelar artistas que, tempos depois, acabaram tornando-se expoentes da MPB. Além de Geraldo Vandré, Guilherme Bryan cita Wilson Simonal como

outro dos beneficiados pelas seleções do paraibano. A faixa “Não vem que não tem”, na voz de Simonal, embalava cenas da novela *Os rebeldes* (1967). “Ele atribuiu ao maestro Erlon Chaves, figura muito importante na época, a trilha de *O preço de uma vida* [1965]. Com o Erlon, inclusive, ele dividiu a autoria de duas músicas, uma delas ‘Capricho’. Temos uma aspa muito bonita dele, em que ele diz: ‘Como era eu que escolhia o repertório, os compositores meus amigos, às vezes, me davam parceria, mas isso partia da boa vontade deles’”, pontua.

Noutra entrevista, Salathiel relembrou a amizade com Abelardo Barbosa, o Chacrinha, nos corredores da Rádio Tupi. O “olho clínico” do paraibano sob o “vizininho” pernambucano precipitou a ida do “velho guerreiro” para a TV — pedido feito a outro pioneiro, o ator e diretor Cassiano Gabus Mendes — bem como a concepção de uma de suas marcas regis-

tradas — as fantasias que ele usava em cada programa. “[Eu disse] ‘Queria que você, um dia, aparecesse de mecânico, e, em outro, você aparecesse de bailarina. E ele topou’, assinalou. Quando da escrita de sua autobiografia, na década de 1970, Chacrinha forneceu o devido crédito a Salathiel. “Ele não tinha muita diferença da vida real daquilo que víamos televisão”, cravou o sonoplasta.

Além do trabalho na locução, por fim suplantado, ele também foi um roteirista frustrado. Todavia, um de seus trabalhos como escritor foi adaptado pelo colega Walter George Durst, transformando-se em um unitário do *Caso especial*, programa mensal da Globo que exibía, a cada emissão, uma história nova. O *homem que veio do céu*, de 1978, narra, em linguagem coralística, as desventuras de Chicó (Lima Duarte), trambugueiro que bate à porta de Gertrudes (Bibi Ferreira), pedindo-lhe, a princípio, apenas um copo d’água. Ao ver que a mulher guarda objetos do seu falecido marido, este lhe conta que é um enviado do além. Testemunha de um suposto sofrimento, ele tenta surrupiar os bens para “aplarcar” a dor do morto.

A reportagem não conseguiu identificar até que ano Salathiel permaneceu na Band e em que data ele se aposentou — quando das matérias mencionadas aqui, datadas de 2004 e 2010, ele já reclamava da “ociosidade”. Na última entrevista, sua então companheira, Maria dos Santos Sousa, revelou que o paraibano enfrentava uma depressão, desencadeada a partir de sua inatividade. Na fala dela, a frustração do cônjuge com a falta de oportunidades no fim de sua vida e, em sua opinião, aquilo que poderia ser feito a respeito. “Eu falo para ele: ‘Salinha, não fique assim. É porque agora chegou a hora deles, né? Dos mais novos’. Mas acho que as televisões deveriam chamar, para ensinar o que ele aprendeu. Era isso que eu queria”, concluiu.



Desde a primeira trilha sonora de telenovela, O direito de nascer, lançada em 1964, foram dezenas de álbuns no Brasil, incluindo sucessos nacionais e internacionais

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Qual é o limite do jornalismo diante da dor?

Qual é a distância — física, emocional e temporal — que jornalistas devem adotar em relação a familiares ou vítimas de tragédias? Qual o limite da ética, do bom senso, da humanidade? Por que ainda insistimos em mesclar, na mesma conversa, votos de pesar e perguntas inconvenientes?

Na minha época de estudante de jornalismo, não aprendi nada sobre isso. Os tópicos sobre a deontologia da profissão não esbararam nos frágeis tecidos das relações humanas em momentos de dor.

Voltei a pensar sobre a postura de jornalistas diante de vítimas e familiares ao ler o relato do humorista e roteirista Vinícius Antunes (conhecido pelo perfil Cacofonias, no Instagram), cujo filho morreu em março passado, em um acidente de trânsito. Francisco tinha nove anos e passeava de bicicleta elétrica com a mãe, Emanuele Martins (ex-mulher do humorista), no Rio de Janeiro, quando foram atropelados por um ônibus. Ambos morreram.

Em uma postagem intitulada “Como o jornalismo matou meu filho”, Vinícius Cacofonias relata que tomou conhecimento da morte do filho por meio de uma notícia na internet: “Morre menino de nove anos a caminho do hospital”. “Sim, ninguém me abraçou e disse que meu filho morreu. Eu soube assim. Enquanto eu estava aos gritos no chão da minha casa, portais começaram a multiplicar a notícia”, relata.

Ele lembra que logo começaram a pipocar na internet fotos dele, da esposa, do filho e da ex-mulher. “Em alguns momentos, a foto da minha esposa aparecia no lugar da mãe



Postagem do humorista Vinícius Antunes sobre como a mídia tratou o óbito do seu filho

do meu filho. Parentes dela, de outro estado, achavam que ela tinha morrido”.

Algumas reportagens colocavam fotos do humorista ao lado de imagens do acidente, mostrando o atropelamento. Repórteres e produtores o procuravam

em busca de entrevistas ou para obter informações sobre o sepultamento, e chegaram a transformar em notícia os stories publicados por ele. Tudo isso em nome da audiência, dos likes, do fortalecimento da performance digital.

Felizmente, em meio ao joio, também há bons profissionais, como o próprio Vinícius reconhece: “Em meio a tudo isso, com 22 anos, um jovem jornalista chamado @pedro.coutinho me manda uma mensagem cheia de sensibilidade. O recebo em casa. Ele me entrevista no quarto do meu filho e publica uma sensível matéria na @vejario. Que Pedro nunca perca sua sensibilidade em troca de cliques e audiência. Que os mais velhos possam também aprender com os mais novos”.

Já estive nesse lugar de entrevistar familiares em momentos de dor. Em um caso específico, até hoje me recordo do meu medo e da minha vontade de fugir da pauta. Minha missão era entrevistar a mãe do estudante Adriano Tozzi, assassinado durante um show. Muitos anos depois, escrevi sobre isso no texto “A jornalista e uma mãe em luto”.

“Com um nome diferente (pelo menos aos meus ouvidos acostumados a ter Claudias, Helenas e Marias como fonte), Zulima Tozzi me recebeu em sua casa sem choro, sem desespero, sem querer colocar no devido lugar, a rua, quem ousava bater à porta do luto. Se eu já estava em estado de tensão e pronta para dizer na redação ‘A mãe não quis falar com a reportagem’, aquela reação me desestruturou mais ainda. Zulima me recebeu, me estendeu a mão e eu teria de dar conta da matéria”.

Consegui escrever a notícia. Não por empenho pessoal, admito, mas pela condução da entrevista dada pela mãe em luto. Meu único mérito, se houve, foi saber ouvir, saber silenciar entre uma e outra pergunta.

Tocando em Frente



Professor Fraelino Soares
fraelino-soares@bol.com.br

O romantismo brega... e por que não? — V

Filho do Sertão paraibano, como o foi também Fernando Lelis, Bartolomeu da Silva (Sousa-PB, 1950), mais conhecido como “Bartô Galeno”, que, ainda criança, aos três anos de idade, foi com a família residir em Itapororoca, também na Paraíba, de onde, porém, com cerca de 10 anos, rumaram para Mossoró, no Rio Grande do Norte. Ali ele se consolidou como cantor e compositor, iniciando-se na Rádio Rural, em cujos programas de auditório, frequentemente, se colocava em primeiro lugar, chegando a ser apresentado como “a mais bela voz do Rio Grande do Norte”.

No estado potiguar, ajudado por um sacerdote, o padre Américo Simonetti, que lhe reconheceu o valor interpretativo, foi para Recife, em Pernambuco, de onde, após breve passagem, rumou para São Paulo, quando chegou a se enturmar com o pessoal da Jovem Guarda: Roberto Carlos, Jerry Adriani e Zé Roberto.

O seu primeiro álbum (LP) somente foi lançado em 1975, pela Tapearc, sob o título “Só lembranças”, quando ele já dizia a que veio. Ele chegou até a ser cortejado por certa ala dos que ouviam os sons da Jovem Guarda, nos anos 1960, tempos de sua juventude, apesar de dedicar-se, como ainda hoje, ao chamado “estilo chacundum”, mais propria-



Paraibano Bartô Galeno foi a voz que imortalizou a canção “No toca-fita do meu carro”

mente conhecido como “romantismo brega”. Grotescamente, seu maior sucesso daquela época, ainda hoje bastante lembrado, foi/é “No toca-fita do meu carro” (de 1978, em parceria com Ozéias de Paula e Carlos André), balada cognominada por “maliciosos” como uma autêntica “dor de como”, e por que não? (Para quem não se lembra: “No toca-fita do meu carro // uma canção me faz lembrar você // Acendo mais um cigarro // e procuro lhe [sic] esquecer. Do meu lado está vazio // Você tanta falta me faz // pois cada dia que passa // eu te amo muito mais...”).

Outro sucesso, criação de Bartô Galeno em parceria com o também paraibano Fernando Lelis, que também a gravou, foi/é “Um par de alianças”: “O tempo vai passar // e eu ei [sic] de esquecer você // Não quero aliança // não quero lembrança // pra não sofrer...”.

São músicas de autêntica “roedeira”, se é que me entendem!...

Ainda atuante e mostrando sua música por várias regiões do país, embora enveredando por outros estilos, Bartô Galeno, apesar de haver se afastado da vida artística, em 2017, em face de um AVC isquêmico, nunca desdisse de suas preferências musicais. O evento na saúde foi superado, pois a voz não havia perdido a autenticidade sonora que o consagrou.

NOVA FRONTEIRA DA TI

Como acelerar com IA sem ampliar os riscos?

Agilização no processo devido à tecnologia não vem sem novos desafios

Alexandro Barsi
Agência Estado

A inteligência artificial (IA) deixou de ser uma promessa para se consolidar como um dos principais vetores de transformação nas áreas de tecnologia. Ao encurtar ciclos de desenvolvimento, aprimorar a tomada de decisão e aumentar a precisão das entregas, a IA está redefinindo a forma como projetos de tecnologia da informação (TI) são planejados e executados dentro das organizações.

O que antes levava meses ou até anos para sair do papel, agora pode ser estruturado e entregue em prazos significativamente menores. Essa aceleração, no entanto, não vem sem os desafios.

Dados recentes da Thomson Reuters mostram que 30% das empresas ainda adotam inteligência artificial de forma lenta, enquanto 40% sequer possuem uma estratégia definida. O cenário revela um descompasso: ao mesmo tempo que a tecnologia avança rapidamente, a capacidade de implementação estruturada ainda é incipiente em boa parte das organizações.

Essa lacuna ajuda a explicar por que muitos projetos de transformação digital continuam falhando. Segundo a McKinsey, uma parcela relevante dessas iniciativas não atinge os resultados esperados, principalmente devido a falhas na execução, desalinhamento estratégico e baixa integração entre sistemas.

Nesse contexto, a inovação deixa de ser apenas

um diferencial competitivo e passa a ser um fator crítico para a sobrevivência dos negócios.

Existe uma percepção de que a IA resolve, por si só, os desafios de velocidade e eficiência. Mas o que vemos na prática é que, sem uma base estruturada e uma operação preparada, ela pode até acelerar processos, mas também amplificar problemas.

Na prática, a verdadeira transformação não está apenas na adoção da tecnologia, mas na forma como ela é integrada ao negócio. Isso significa conectar estratégia, operação e tomada de decisão em um mesmo fluxo, garantindo que a velocidade não comprometa a qualidade.

Inteligência artificial não é apenas automação ou ganho de produtividade. É acelerar as decisões, reduzir as incertezas e permitir que as empresas avancem com mais segurança em ambientes cada vez mais críticos.

O avanço recente da IA generativa e dos chamados modelos agênticos amplia ainda mais esse potencial. Hoje, essas tecnologias já são capazes de acelerar etapas relevantes do desenvolvimento de sistemas, apoiar testes, antecipar falhas e aumentar a produtividade das equipes de tecnologia.

Ainda existem riscos importantes, como alucinações, inconsistências e possíveis exposições operacionais, que exigem governança, controle e maturidade técnica para serem mitigados. Sem isso, a mesma velocidade que impulsiona resultados pode tam-

Devagar

Dados recentes mostram que 30% das empresas ainda adotam inteligência artificial de forma lenta, enquanto 40% sequer possuem uma estratégia definida

bém ampliar falhas e gerar retrabalho.

Por isso, o principal desafio das empresas não está apenas em adotar inteligência artificial, mas repensar profundamente a forma como seus projetos são estruturados. O equilíbrio entre velocidade, qualidade, segurança e governança passa a ser o novo centro das decisões tecnológicas.

As organizações continuam a transformar o potencial da inteligência artificial em eficiência real e vantagem competitiva. As

empresas, ao adotarem a tecnologia sem estrutura adequada, correm o risco de acelerar sua própria perda de relevância.

É nesse cenário que ganha força o papel de empresas especializadas em engenharia de tecnologia, capazes de transformar inovação em resultado concreto. Mais do que implementar ferramentas, o desafio está em construir ambientes tecnológicos resilientes, integrados e preparados para evoluir continuamente.

A inovação que gera valor não é a que aparece, mas a que sustenta a operação e permite que o negócio avance sem interrupções. A IA é um acelerador poderoso, mas precisa estar conectada a uma arquitetura sólida e a uma estratégia clara.

A nova fronteira da TI não está apenas em fazer mais rápido, porém em fazer melhor, com consistência e segurança. É essa combinação que vai separar quem apenas adota tecnologia de quem, de fato, lidera a transformação.

Charada

Resposta da semana anterior: 365 dias (2) = ano, + ruim (1) = (má) + soletrava (2) = lia. **Solução:** irregularidade (5) = anomalia.

Charada de hoje: O crustáceo marinho (2) também escutava o instrumento musical de boca (2) que era executado pela garota esportiva (4).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Eita!!!!

Conheça escritoras no espectro autista

A presença de autoras autistas na literatura brasileira contemporânea tem ampliado perspectivas estéticas e políticas. Transformando as suas experiências neurodivergentes em matéria literária, suas obras articulam trauma, política e memória, propondo outras lógicas de estrutura e expressão. A seguir, veja algumas dessas autoras que, em diferentes frentes, ampliam o campo literário brasileiro ao inscrever a neurodivergência como potência estética e crítica.

Flávia Teodoro Alves

Diagnosticada com autismo, TDAH e altas habilidades aos 40 anos, a poeta e arte-educadora de 43 anos transformou o diagnóstico tardio em eixo de elaboração artística e política. Professora da rede pública há 20 anos, vivendo na Brasilândia (Zona Norte de São Paulo), a experiência da neurodivergência atravessa seus dois livros de poesia, *Não existe guarda-chuva pra quando chove de cabeça para baixo* (Fábrica de Cânones, 2022) e *Toda reza é tentativa de telecinise* (Caravana, 2023).

Alice Puterman

Aos 23 anos, ela estreia com *Candura: uma história de sobrevivência feminina* (Taup, 2025), livro escrito ao longo de seis anos, a partir do estupro coletivo que sofreu aos 17. Autista, com mutismo seletivo na infância, encontrou na palavra escrita sua primeira linguagem possível — aprendeu a escrever aos três anos e, desde então, as palavras se tornaram seu principal meio de existência e resistência. Ela afirma no prefácio: “Não sei dizer onde a violência começa em minha vida, mas a violência que eu cometo contra mim mesma termina com estas páginas”.

Sarah Munck

Natural de Juiz de Fora (MG), é poeta, professora e pesquisadora, graduada, mestrada e doutora em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A autora (foto acima) articula poesia, feminismo e neurodivergência em *O diagnóstico do espelho* (Editora Mondru), obra em que reflete sobre o viver feminino atravessado pelo autismo, o mascaramento social e as violências de gênero.

Milena Martins Moura

A carioca tensiona infância, processo de escrita e neurodivergência em *O carro de apolo capotou no horizonte* (Macabéa Edições, 2025), obra vencedora do Prêmio Loba 2025, na categoria Livro de Poesia Publicado. Mulher autista, a autora ficcionaliza a experiência do espectro sem recorrer a explicações didáticas, tratando o autismo como forma possível de existência, não como erro a ser ajustado. A obra investiga os limites do autobiográfico e expõe as marcas do fazer poético, assumindo o “erro” como método e deixando à mostra rasuras, dúvidas e camadas de sentido, num projeto que problematiza a ideia de poesia como inspiração sublime e reafirma o labor da escrita.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Solução

1 - encosto da cadeira; 2 - quadro; 3 - cama; 4 - boca do médico; 5 - cabelo do paciente; 6 - olhos do paciente; 7 - livro; 8 - bolsos na roupa; 9 - o penna dos olhos.